

A CUIDADORA



Agostinho Both

A Cuidadora



Passo Fundo
2011

Agostinho Both

A Cuidadora

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2011

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Do livro: Literatura, Romance. -Passo Fundo: Passografic, 2011. 128p.; 20cm.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

Creative Commons Atribuição-Compartilha Igual 3,0 Não Adaptada.

Para ver uma cópia desta licença, visite:

creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, Califórnia, 94041, USA.

Revisado pelo Autor em: 07/09/2011

B749c Both, Agostinho

A cuidadora [recurso eletrônico] / Agostinho Both. –
Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2011.
E-book (formato PDF).

ISBN 978-85-64997-13-4

Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Ensaios brasileiros. I. Título.

CDU: 869.0(81)-4

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

Sumário

Sumário.....	7
Genoeffa	9
O cavalo de Quixote	13
Viagem artística de Manuel	21
Um inesperado diálogo	24
Surpresas no Trabalho	27
Alcorcón, salva-me Diós	34
O milagre das paisagens	40
Voltando pra casa	47
Em casa.....	51
A professora Antônia.....	55
O amor manuelino	58
A surpresa soledade	61
São Miguel das Missões	64
As primas Marietina e Adela	68
A trajetória de Marietina.....	71
Os caminhos de Adela	77
O retorno de Soledad	82
O duro aprendizado de um vagabundo	85
Encontro com Soledad.....	91
Primeiros passos de um marroquino.....	94
Meu zeloso servidor.....	98
Máquinas para Plantio	103
Do poder e da maldição	108
Uma amarga descoberta.....	115
De meninas para mulheres.....	122
Mal-estar em família.....	133

Um grande demônio: o pior de todos	138
Uma inesperada visita.....	142
A devastação irremediável.....	145

Genoeffa

Ela sempre pensou em ter um filho. Namorou e casou pensando em ter um filho. Mas sobre o que advém de um desejo pouco se pode saber. E teve seu filho. Sou pobre pra pretender riquezas, mas não pra ter um filho, pensava. Casou com um pobre, mas de muito boa índole, dizia sua mãe. Filha, não é só o dinheiro. Ele tem pinta de gente boa. Casa que tudo se ajeita. Casou. E veio o tão esperado filho. Muito religiosa, quis pô-lhe o nome de Emanuel. O pai, Antero, pobre de letras, achou que não ficava bem. Que fosse mais curto: Manuel. Ela ficou um pouco triste porque sabia que Emanuel significava Deus conosco. Mas entre Deus e o marido preferiu a vontade do marido. Esperto era ele, seu filho primogênito, mas voluntarioso que só uma mula. Sofrimento mesmo foi querer fazer dele um menino obediente. Uma vizinha a consolou dizendo que esse seria dos bons: tinha decisão própria. A mãe repetia, pelo amor de Deus, que estudasse já que tinha jeito bom de falar e de pensar. Comprou o primeiro livro, mas foi o mesmo que enfiar pimenta nos olhos. Primeiro dia de escola: um horror! Não havia jeito de fazê-lo se sentar. De um lugar para outro, parecia ter o diabo no corpo. Desde pequeno o Manuel fazia a mãe ir e vir da casa para escola. Todos pedindo que desse jeito no guri. Conseguiu, à base de lágrimas e castigos, que aprendesse um pouco mais que ler e escrever. E foi assim até o final do ensino médio. E Genoeffa repetia, de maneira taciturna, raivosa, estimuladora, triste, convincente: meu piá pode ser pobre, mas não burro! Até que ia desse jeito, mas piorou ainda mais.

Um certo dia, quando a mãe pediu ao Manuel que levasse o almoço pro pai, pareceu-lhe que a vida teria vindo águas abaixo. Tudo se tornou mais difícil. Por mais que a escola e Genoeffa solicitassem, de difícil, o desgraçado do piá tornou-se insuportável. Uma das professoras,

da maior intimidade do guri, ouviu dele que estava muito triste por causa do pai. A mãe, por mais que mostrasse o quanto o pai se esforçava pra lhe dar todo bem e toda graça, não houve quem tirasse a inquietação do menino. Quando o pai faleceu, ficou ela, a solitária cuidadora, mais que mãe. De tanto querer um filho nasceu esse que me mata, pensava a dona Genoeffa. Assim foi em todas as séries, do ensino fundamental ao médio. Meu filho não sai do chão, queixava-se a mãe pra seu irmão bem mais novo, Guilherme. Você ainda vai ver seu filho brilhar. Só se for vendo ele queimar no inferno, exclamava a irmã. Não fale assim, pense positivo, mulher. Assim a pobre viúva, entre clamores ao filho e exclamações ao irmão, tentava fazer dele um homem. Ainda bem que na universidade, paga pelo tio, não precisou se rebentar tanto pra que estudasse.

— Puta merda, logo um curso de artes, falava o tio. Não vai dar nem pra viver de cachorro-quente. Puxa vida, a senhora, no mínimo, jogou pedra na cruz. Em vez de ter um Deus conosco, pôs um diabinho dentro de casa.

— Não fale assim, mano. Deus escreve direito por linhas tortas!

— Santo Deus, vai ver que Ele não sabe escrever!

— Não blasfeme contra Deus, mano.

— Minha irmã do coração, vamos ver no que tudo isso vai dar.

— Espero que você possa um dia dar uma mão, Guilherme. Não quero que passe fome. Se não gostar de trabalhar *far que?*

— Estou tendo sorte com uma microempresa que estou abrindo. Espero que me ajude, ao menos.

Asi pasan los días. E nada se modificava. Ao concluir o curso, o tio convidou-o pra ser desenhista de suas máquinas. O formando respondeu que guardasse pra outro a vaga, porque ele havia passado num concurso para trabalhar num cruzeiro pelo Brasil. Fez a primeira viagem e gostou. Obrigou-se, com dor, a estudar línguas. Para sorte desse desobediente filho e ingrato sobrinho descobriu seu grande talento para aprendizado de

idiomas. Parecia que tinha dentro de si espíritos de diversas nacionalidades. Saiu com diversas línguas, trapos e tratos, de navio em navio. Não se lembrava da casa que o criara e da mãe extremada, cuidadora desse viajante sem saudades. Era como se tivesse nascido de Netuno e de qualquer ninfa dos mares. Enquanto os anos se passavam, lá ia o vagabundo conversando sobre tudo e com todos que se atravessavam em seu caminho. Era uma alma esvoaçante. Lá ficou a mãe esperando: que fosse uma carta ou qualquer notícia. Todos se solidarizavam com a dor e as lágrimas de Genoeffa, mas o apoio apenas servia como uma amizade fraterna e pouco consolo. Queria era mesmo abraçar seu filho, a única razão para a qual tinha nascido, namorado e casado. Da última vez que viera para ver a mãe, ele já estava com anos. É muito pouco para uma mãe, xingava Genoeffa. Ele tinha, entretanto, para consumação do pingo de saudades, uma comunicação com sua prima Marietina, outra louca como ele, solícita e entristecida pelas poucas respostas do primo. Ocultava-se nela uma ternura premente e curiosa. Sempre escrevendo *emails* saudosos. Filho da puta que tu é! Mande dizer mais, que tua mãe morre por ti, seu desgraçado. A pobrezinha vem aqui em casa todos os dias pra saber de ti. E eu invento mentiras amorosas: Dona Genoeffa, ele anda perto de Gênova, bem onde passou o nono Felice. Diz que, se não fosse o trabalho dentro dos navios, viria correndo pra te ver. Ele manda dois mil e um beijos pra senhora, tia. Diz que está muito agradecido porque não tem pessoa mais querida que a senhora. Seu corsário infeliz, vê se tenha um anjo qualquer que voe sobre tua cabeça. Te conheço e sei que amores te fazem desconhecer antigas ternuras! Estou concluindo o curso de Serviço Social. Estou grávida de um menino. Vou me casar com Humberto, o homem mais responsável que encontrei. Bem que gostaria de andar pelo mundo, mas agora a viagem será outra. As andanças de uma mãe e de uma assistente social vão ser meu objeto de paixão. Peço a Deus que não me faça a desgraça de cuidar de quem não merece. Espero que me deseje que seja feliz. Não se esqueça de nós.

Quantas vezes já foste a Madrid e quantas vezes retornaste pra tua casa? Acredito: tu ama mais a gente de outros lugares do que a mulher

que te pariu. Vê se muda, que todos te querem tanto! E não me faça mentir dizendo que não aguenta de tanta saudade da mãe.

Se algum dia, prima, alguém ler o que escrevi, pouco importa. Quero te oferecer as impressões de minhas extravagâncias por onde andei.

O cavalo de Quixote

A muitos pode parecer idiotice minha e alucinação de Madrid: apreciar tanto um pobre cavalo na Praça de Espanha, enquanto a todos parece que as figuras de Quixote e Sancho formam as principais. A mim me parece o contrário. Minha mãe diria que é mais uma loucura do Manuel.

Vejo a humildade de um animal que dobra sua cabeça carregando um sonhador. Não sei se mais me pareço com o cavalo ou com seu dono sonhador. Parece haver conformidade do animal com o louco que transporta em seu dorso. Parece-me triste e cansado. Me pergunto pelo artista que o formatou e pelos seus sentimentos. Possivelmente, tenha dado tudo de si para a composição da cabeça do pobre matungo. Gera-se em mim uma compaixão que alcança a infinitude e a solidariedade. É bem o que penso a respeito de minha vida, embora com menos solidariedade de um irmãozinho de Abbé Pièrre. Sou mais o cavalo que Quixote. Mais carreguei sonhos dos outros, pois que minha natureza é humilde, cansada e viageira. Mais que fiz foi ver o sonho dos outros que fazer os meus. Andei por montanhas e vales, entre árvores pobres, tendo no lombo armaduras altas que se lançavam sobre imaginários inimigos. Andava, apenas andava a ver a próxima loucura. Acho que tinha tanto do cavalo como do cavaleiro da Triste Figura. Rigorosamente de acordo com o desespero de minha mãe: esse guri sonha em andar por aí e não ergue uma palha para fazer alguma coisa duradoura. Vive de aventura. Assim eu, como o cavalo de Quixote, em submissão aos apelos do dono e também eu em minha louca e parva natureza. Lastimo a sorte do animal. Ali está o obediente Rocinante, parecendo, na estátua de bronze, a inscrição da impotência. Carregava um projeto de ilusões. Não sei se o momento em que o artista o projetou era o dia decisivo no qual Quixote

voltava pra casa tendo o cavalo perdido a luta com o portentoso animal de raça e músculos de aço. Ele, pobre animalzinho, filho de uma égua sem linhagem, ia levando o cavaleiro pra casa, terminada a missão de lutar pelos desprotegidos. Abracei-me ao cavalo, não alcançando a cabeça que se estendia fora do alcance de minhas mãos. Beijaria sua face e abençoaria suas crinas que caíam sobre o pescoço inclinado. Cansado de ver o cansaço do cavalinho, fui ver as terras de Cervantes, ver o que diriam sobre ele. Tomei o trem para Alcalá de Henares. Era aí que Cervantes havia nascido. Estava o próprio Rocinante sob o peso dos dias. Via a paisagem, muito decepcionado com tudo que observava. Havia lido que encontraria olmeiros, nogueiras e cerejeiras, castanheiros, que deveriam aparecer de forma sistemática junto das aldeias. Poderia avistar pequenas matas de carvalho, cortinas de amieiros e um ou outro choupo. Constataria o predomínio do freixo. O trem não tinha tanta velocidade que não poderia distingui-los. O que vi foi tudo feito de eventuais árvores, parecidas com os ciprestes que vêm de Roma até aqui. Encontram-se invariáveis e de pouca graça. A terra anda crestada pelo inverno, mas, se houvesse a flora como dizia o escritor, não me depararia com securas por toda parte. As escondidas matas, ou já desaparecidas, faziam com que apenas pudesse imaginar Cervantes vendo outras paisagens, tendo por visão o que eu não percebia. Por certo, tudo andava mais natural e mais coberto que a paisagem de agora. Senti nos caminhos andados a doce ilusão da estrada.

Fui ao hotel Hostal Bari, imaginando por onde andara Cervantes e como seria Alcalá de Henares nos tempos de balidos e relinchos.

O dinheiro era pouco, tão pouco era que não daria para festas ou outras extravagâncias. Mas em tudo se tem a presença alegre do passado muçulmano. Rezei para que Maomé me desse uma solução para minha pobreza ambulante. Teria, necessariamente, de trabalhar em alguma tarefa de pouca exigência. Mas como sou da teoria religiosa de que Deus cuida dos imprevidentes, baseado nas sagradas palavras de “não vos preocupeis com o dia de amanhã”, resolvi estar “como os pássaros do céu que não semeiam nem ceifam.”



Tive sorte de encontrar Don Diego, o dono da estalagem. Brinquei com ele dizendo que andava mais pobre que Jesus de Nazaré. Respondeu-me que parecia o governador de Jerusalém, não um pobre andarilho. Falei, então, mais sério. Não tenho um puto tostão. Despertou o espanhol mais louco que vi. Falou impropérios contra a gente pobre. Não basta os espanhóis que andam pobres como o Lazariño de Tormes. Precisa chegar estrangeiros pobres como as cabras no inverno. Estrangeiros e burros, que não sabem, ao menos, quem foi ou quem é o Lazariño de Tormes. Disse-me que era um azarado como eu, que não tinha um pedaço de pão pra comer, mas todas as desgraças da pobreza. Consolei-o por fim afirmando que poderia me matar se não lhe pagasse, franco por franco, as minhas despesas. Ergueu a cabeça, que andava confusa, e quase esboçou um sorriso. Foi quando vi que mandara um pobre homem carregar as malas de um cavaleiro empertigado, mas pobre igual a um rato de sacristia, que havia chegado. Não sei por quê, fiquei enfurecido por ver o homem dobrado e o rosto transfigurado pelo peso. Cheguei-me para ajudá-lo. *No! No! Gracias, es mi trabajo!* Doe-me tanto, e a figura remota de meu pai encheu-me de uma dor profunda. Senti-me carregado de desvelos e da dignidade que buscava suprir.

Antes de jantar fiz como um monge budista que meditava na floresta: ao ver que um tigre vinha em sua direção, pronto para devorá-lo, correu até um precipício e ali se pendurou num cipó, a ver se o desgraçado do animal faminto desistiria da empreitada. Ao olhar para cima viu que o desgraçado postava-se sereno, esperando por seu cansaço. Ao olhar para baixo, outro animal de igual porte e natureza esperava-o. Olhou, então, para a parede de pedras. Viu, diante de seus olhos, deliciosos morangos silvestres. Estendeu sua mão pra eles, apreciando-os como dádiva divina. Fiz o mesmo. Fui jantar no melhor restaurante servindo-me de um *cocido maragato*, nome derivado da comarca de Maragatería e do melhor vinho da região. Depois dizem que Deus não abençoa a quem nele confia. Convém dizer que fui empetecado, pondo em mim a melhor roupa. Distraído, cruzei o olhar sobre as mesas e vi uma donzela vestida nobremente. Pedi a Deus que se apiedasse de mim: que ela volvesse seus

olhos para mim! Olhou-me e não causei má impressão. A graça do Senhor não era pouca. Desconfiei nesse exato momento de que Deus tem um olhar de muito agrado para os vagabundos. Vi que ela se levantava e vinha em minha direção. Muito próprio de quem confia na vida, sentou-se ao meu lado. *Se te gustas...* Antes de completar a frase, disse-lhe que não fizesse cerimônias. A glória de Deus existe, e eu, como pequeno e mais que humilde filho, apreciei-a e digo a quem quiser: Ele existe! Há dias e há noites milagrosas quando impera o desvelo em um coração. Deus, assim creio, reúne todos os talentos num só lugar. E não foi que Ele os reuniu todos sobre mim! Não usei de subterfúgio ou mentira, não dissimulei nem exagerei em torno de minha existência. Estava aí um homem quebrado, apenas tendo esperança de que Deus pudesse operar algum milagre. Deus, infinito provedor, esnoba, volta e meia, seus esmeros.

Ela, uma esmerada apreciadora de artes. Estava aí para avaliar obras de arte da comunidade autônoma de Madrid. Mostrei-lhe tudo que sabia sobre Grieco, Velasques e Góia. Apenas em um item trouxe-lhe novidade: ao dizer que Góia em seus últimos quadros mostrava a evidência de uma arte com sinais do impressionismo: *mui bien* dizia eu, com muita convicção, são os sinais de que o pensamento já não mais obedece aos ditames da realidade: *mucho más tenia el hombre a decir que la realidad. El propio se tenía más que realidad*. Me encantava cada vez mais estar com ela. Confessei meu parco entendimento sobre artes, todavia não podia negar que tinha meu curso, embora de curta duração, em artes. Confessei que meu gosto por arte fora mais desenvolvido nas viagens e que, nos museus, pinacotecas, cemitérios e igrejas, havia me familiarizado muito com obras de inspiração. Todavia, minha consciência estava aguçada e não podia ser esnoberado. A humildade sempre faz bem quando não em guerra. Pediu seu prato bastante sofisticado. O *marmitako* preparado com atum, bonito, batatas e azeite, acompanhado por um bom *txacoli*, vinho branco de sabor ácido. Percebi que seus movimentos em torno do prato pareciam reger uma camerata, leves e precisos. Avaliei o quanto se pode revelar uma pessoa em simples atividades como a de um jantar. Muito rapidamente nos identificamos, como se corresse em nós o

mesmo jeito de ser. Divagamos sobre a Espanha e o tema culminou com minhas observações sobre o sentimento de gradeza dos espanhóis. São Tiago, a filha de Jesus e outros personagens da história sagrada vieram dar na Espanha, conforme a tradição. Brinquei com ela dizendo que acreditava ter Jesus sangue espanhol e Maria ter feito seu luto em Barcelona. Ela não gostou muito da brincadeira, mas riu do meu espírito de humor. Foi uma noite brilhante. Podia competir com qualquer estrela do céu e a lua estava pálida como leite diante do meu coração. Brincamos, e muito, ao provocá-la que tinha jeitos de Quixote, porquanto se enchia de satisfação e glória por registrar artistas e suas obras da comunidade autônoma de Madrid. Ela não perdeu a graça ao dizer que eu estava para Sancho por não ter o que fazer e andar por aí sem grande destino. Abri, então, minha acanhada realidade. Estava pior que Sancho: estava liso, lesado e solto. Não entendeu o que eu disse. Afirmei que estava mais pra rocinante que pra pequena figura do gordo. Expliquei com clareza que estava sem um tostão no bolso. Achou estranho que pudesse estar tão irresponsável em terra estranha. *Que se passa con usted, hombre?* É isso que ouviu, respondi. Fez-se um silêncio enquanto avaliava o que pode acontecer com uma mulher quando descobre que está diante de um pobretão, sem eira nem beira. Já chegava à conclusão de que, por me ver miserável, se levantaria e, desculpando-se, se mandaria dali. Até já filosofava tendo a ideia de que uma mulher não suporta estar desprotegida uma vez que acompanhada por um pobre vagabundo. Fala-lhe o instinto antigo de não estar bem diante de um caçador sem armas. E pior, não só não tinha armas, como não sabia onde buscá-las, divagava. Para minha surpresa, dirigiu-se ainda mais quente, avaliando positivamente minha sinceridade. Rimos juntos sobre minha imprevidência. Já havia citado da faculdade de artes, mas disso fez pouca importância. Me pediu sobre meu interesse de acompanhá-la na região. Seria convidado seu para apreciar as artes das cidades de toda a comunidade de Madrid. É claro, mas me desconvidei dizendo que seria um peso. Não desfez o convite. Confirmou-o com maior convicção, dizendo ser meu olhar estrangeiro e competente muito importante. Apontei, então, para a possibilidade de oferecer meus préstimos numa das empresas de turismo de Madrid. Como dominava

algumas línguas, já havia entabulado um trabalho. Disse-me com grandes argumentos que tinha liberdade de ser acompanhada e por conta da comunidade. Ainda aí me mostrou os caminhos a serem percorridos e os critérios para a seleção das obras de arte. Os valores oferecidos não eram desprezíveis. Confessei, como desculpa, que era estrangeiro, o que poderia causar constrangimento, pois na Espanha havia forte resistência a abrigar quem não fosse espanhol. *Mucha gente no tine un solo trabajo*. Perguntou sobre meu passaporte, o qual permitia que permanecesse com ela. Possuía também identidade italiana, graças à minha avó. Bem que a história ajuda a inclusão. O que resultou dessa noite foi coisa armada por Nossa Senhora do Pilar, de quem Soledad era fiel escudeira. A noite tinha tudo a ver com Pilar e o Espírito Santo. Seu corpo fora inspirado pelas duas sacrossantas entidades de Deus, disse não havia dúvidas. E pelo jeito eu não voltaria pra casa sem ter encontrado um milagre por obra de ambos. Ao que tudo indicava, era eu um divino instrumento para tal operação, embora estivesse muito constrangido. Olhei para dentro de mim e não percebia correspondência nenhuma com qualquer virtude para ser merecedor de tão extraordinária graça. Talvez fosse eu o colono sobre o qual pousaria a dama do céu para dizer que em tudo se expande a força superior. Falei com certa devoção daí em diante, pois, se o sangue de Cristo veio pelo Santo Gral parar na Espanha, por que Deus não poderia encher de bênçãos um vagabundo? É claro, não tive coragem de avançar muito no instinto que dizia: vai firme, Manuel! Pediu licença para telefonar a um amigo para finalizar minha contratação. Falei-lhe sobre as altas horas, mas ela, afastando-se um pouco, pôs-se a falar pelo celular. Pelo movimento de seus gestos vi que argumentava com certa veemência. Sinceramente, me vi maior que era. Voltou ao seu lugar dizendo que tudo estava arranjado. Receberia 6.000 euros, livres de quaisquer despesas. Estava até assustado com a precipitação dos fatos. Ainda a interpelei afirmando que não podia confiar *asi no más* nas pessoas.

— Hoje os ladrões e criminosos não têm mais jeitos lombrosos. Em minha pátria brasileira, a maioria dos ladrões usava colarinho-branco.

—*En Espanha no piense que la gente sea mejor!*, devolveu convicta à minha afirmação.

— Mas então, o que faz com que tenha confiança em mim?

— *lo siento las personas!*, respondeu-me de forma categórica. E continuou mais enfática: a simplicidade e o jeito honesto não enganam.

Vi a grandeza daquela mulher e a delicadeza de suas observações. Não merecia tudo isso, mas o bem não pode ser renunciado.

— Aonde iríamos dar continuidade a suas observações artísticas, perguntei.

— Concluiremos as avaliações aqui em Alcalá de Henares e depois vamos para Mósteles. Vamos acertar a melhor forma de apreciar as melhores criações, sendo os critérios principais de avaliação as cores, a harmonia, o significado e nossa melhor impressão. Nós, da Espanha, você sabe muito bem, primamos pela criação e amamos o diferente. Veja, pois, Góia, Gaudi, Miró, e Picasso.

Vi, então, por onde deveriam andar meus olhos e meu coração. As escolas participavam diretamente do projeto, constando como o principal local de observação. Também as igrejas, com seus catecúmenos, não podiam faltar. Falou-me Soledad que havia dupla intenção. A primeira residia no fato de aperfeiçoar a sensibilidade espanhola e a segunda, de estimular os recursos humanos para o envelhecimento, pois, dizia ela, a boa velhice começa na infância.

Incitei a que pudesse me levar para o itinerário percorrido por Dom Quixote. Pois é, respondeu-me, não se sabe ao certo. Se Quixote fosse amaldiçoado, lugar algum se apresentaria como geografia do louco cavaleiro, mas, como se consagrou, todos os lugares querem assumir o seu caminho. Falou ainda que não era possível conhecer essa geografia, pois pertencia à comunidade autônoma de Castela-Mancha. O nosso trabalho se fixaria na comunidade de Madrid.

Com tais discussões e conversas reduziam-se os desejos, ficando apenas suaves enlevos inscritos na alegria de termos nossas promessas de horas mais intensas. Pois é, fiquei convicto de que os ventos e as brisas se dividem e que, se eu fosse rico, não poderia ter melhor sorte, uma vez que o trabalho se interpôs entre nós dois. Me senti dividido, não sabendo se assumia o próprio Quixote, tendo na ponta da lança uma missão tão extraordinária, ou se apenas representava seu cavaleiro, tendo uma mulher por cavaleira das artes. Não possuía os encantos da Triste Figura. Estava eu com panos velhos e rotos, muito distantes dos grandes moinhos do campo de Criptana. Aquilo, sim, é que eram panos fortes que moviam os desejos de moleiros capazes de provocar um sonhador. Eu, de conquistador virei trabalhador, um diminuto lutador.

Viagem artística de Manuel

Descrever as diferenças de um homem e de uma mulher é uma tarefa impossível. Não menos fácil será avaliar as singularidades de Manuel e Soledad. Desconfiado, Manuel não moveu passo algum sem primeiro assinar os papéis em Madrid, tendo confirmadas as palavras de Soledad. Ela pura de intenções, ele desconfiado ao extremo, uma vez que nem em si próprio confiava, dados os fatos recorrentes em sua vida. Ela, de uma ternura sincera e decidida; ele, de um amor apenas prometido, sendo o passo seguinte sempre coisa de espantar e de pouco esperar. Ele passou uma noite de vigília, pedindo aos céus que lhe fosse concedida uma natureza mais vigorosa nos propósitos da alma. Deveria honrar suas armaduras. Ela dormiu serenamente tendo a certeza de um bom companheiro. Ele não se garantiu no milagre de ter a sua frente a mais linda castelhana. Ela, decepcionada por não receber uma delicada expressão de um convite, ainda que fosse para dizer: agora não! *Tenemos mucho que hacer!*

Passaram-se diversos dias e, feitas as avaliações de Alcalá de Henares e de Mósteles, Soledad e Manuel já estavam para um amor verdadeiro. Em Mósteles vieram os influxos de estar tão próximos que a intenção da natureza era de se reproduzir em desejos, todavia Soledad atendia somente aos enlevos verbais do homem. Pútis, xingava ele. Quanta coisa requer essa mulher. Oferece o cofre, mas nada de moeda. Estava tudo conforme os ardores espanhóis ou mexicanos. Uma presença das forças divinas avassalava a dama. Uma vez que presidem apenas os enlevos, melhor é me dedicar aos encantos das avaliações, conformava-se o pobre homem. E havia aí o que se pode pensar de paixões, cores e sentidos. Impressões de se terem nesse lugar ventos diferentes compondo a alma dessa gente. Vinham os campos e as casas, as gentes e as

relações. Não mais havia dúvidas em Manuel. Cada quadro trazia a distorção da realidade, a ponto de se crer que o mundo, de fato, não se vê como é, mas como se vê. Aí havia, mais que em outros lugares, o mistério de não se poder avaliar o que vai nas almas tão diferentes. Manuel estava intrigado com a força que brotava dos adolescentes e das crianças. Picasso, Gaudí, Dali e outros tantos que estavam em cada *ayuntamiento* estavam presentes nas almas até das crianças. Uma visão efervescente impunha uma mística sobre tudo que se desenhava. Havia um sentido telúrico e vital, mais que a natureza poderia revelar. As loucuras estavam domadas nos pincéis e diziam da brevidade e das imensidões. Vinte telas já haviam sido escolhidas, mas uma delas continha tal vida e dizeres que Manuel não pôde esconder uma lágrima: A menina com flores desbotadas. Uma dor estava oculta em cada detalhe, ao mesmo tempo que fluía a bondade das formas. Uma esperança se anunciava na agilidade de um pássaro e era para ali que ela dirigia o olhar. Ao fundo uma casa acolhedora dizia qual era seu lugar. Ela aí fora, incompleta, tendo, porém, o voo pela frente. Manuel se perguntava sobre como é possível jogar em tintas tanta sorte humana e tudo o mais que não compreendia, pois não era um espanhol.

Foi no amanhecer do sétimo dia, ainda madrugada, que ela se deitou ao seu lado oferecendo-se. Tão delicados eram os movimentos de aproximação que ele, ao se acordar, tinha a certeza de estar sonhando. Apenas ouviu num sussurro: *te quiero!* Manuel afastou-se, por breve momento, não querendo que pudessem vir preocupações de seu desejo. A ternura fez-se inteira, em gestos fortes e outros mais delicados. Apagada a densidade da hora, Manuel conseguiu pronunciar: a que devo este milagre? *A la virgen del Pilar!*, foi a resposta alegre. Os vividos e sucedidos foram depois tão bons como aqueles do completo abandono.

Depois fiquei só; ela foi sorrindo ao seu quarto. Nenhum passo foi ouvido mais. Estava nu e pobre diante do acontecido. A manhã estava cheia de luz, pássaros estranhos cantavam em mim. Como poderei sustentar a evidência da sorte? Nada podia prometer para segurar o efeito do momento. Toda vez que havia prometido, falhara. Confrontei-me diante

da paixão exorbitante do momento. Não seria capaz de levar adiante tamanha ventura? O melhor que tinha a fazer era me deixar levar por ela até aonde e quando pudesse tê-la em tão bela circunstância. Não seria apenas um prêmio pelo esforço solidário de ver de perto toda a arte das cidades? Não seria a própria arte que nos impregnava? Desaparecido o trabalho, não se perderiam a ternura e o desejo? Que me importa. Não vou estragar o prazer com meus pensamentos funestos. Que se erga a alegria e fale mais alto que a prudente reflexão.

Um inesperado diálogo

Manuel em Fuenlabrada, mais uma cidade da comunidade de Madrid. Noite feita para amar, e nada mais. Mas como o homem propõe e o destino dispõe, nada resultou igual ao desejado. Hotel Gema Fuenlabrada, com WIFI Wireless. Antes de apreciar a noite castelhana de 200.000 mil habitantes, resolveu ver se algum conhecido de sua agenda estaria no MSN. Para surpresa sua, lá estava o tio Guilherme. O que estaria o velho de 65 bisbilhotando. Clicou e logo veio a resposta, dizendo que necessitava muito falar com ele. Se fez repentino o diálogo.

— Escuta, rapaz, então, esqueceu de tua casa?

— Que é isso, tio?

— Ô, Manuel, mais de dois anos sem mostrar a cara?

— Estou trabalhando numa atividade provisória aqui na Espanha.

— E assim você vai empurrando os teus com a barriga. Vê, meu sobrinho, que faz 20 anos que mal aparece. O coração da gente tem saudade.

— Prometo que vou passar o Natal em casa.

— Tua mãe está aqui do meu lado e quer dar um recado. Até já passei a limpo a mensagem de minha irmã.... Lá vai a cola...

Filho...sei que desde pequeno tu teve com os pés na estrada. Não sei de onde veio este vento que te leva. Lembro que tu fugia de casa! Estudo que é bom não te agradava. Vem, mesmo que não seja pra ficar. Às vezes me prendo imaginando tua cara. Já tem algum cabelo branco? Olha que dois anos faz diferença. Não esqueça, Manu, que te amo e minha vida vai se indo mais depressa que eu quero. Olha que 75 anos é

um tempo de assustar quando o único filho não quer a casa da mãe. Não quero que tu venha só pra me agradar. Tem muita gente que gosta de ti. Tua avó anda variando muito. Não sabe mais quem eu sou. To no meio de um filho que não vem e da mãe que não tá mais aqui. Ainda bem que tenho o mano Guilherme e tuas primas Marietina e Adela. Puxa vida, filho, sei que o mundo tem mais vida que a vida de tua casa. Sei que tu anda sempre contente como um vagabundo pelo mundo. Se é isso que te faz bem, que fique assim...ma, querido, te amo e tenho uma saudade muito grande.

— Escuta, mãe, não precisa ter saudades. Diz pro tio pôr um aparelho na TV dele e aí a gente pode se falar, e a senhora vai ver que teu filho está com um rosto de guri!

— Ela está dizendo que não é a mesma coisa.

— Acredito, dá um beijo nela por mim!

— Escuta, meu sobrinho! Não quer trabalhar pra mim?

— Em que posso servir? Mal domino um pouco das artes, e o senhor sabe que nunca me dei muito bem com o trabalho. Me sinto numa cadeia. Se disser que estou trabalhando aqui, minto. É um divertimento passageiro, mas já estou ficando sem vontade, não fosse uma maravilhosa mulher que é minha chefe.

— Chefe?

— Por enquanto apenas do meu coração.

— Tio, mas que trabalho me oferece?

— Vender minhas máquinas na África.

— Tio, pode parar.

— Sei que domina várias línguas e não é demais oferecer o que tanto me custou.

— Por enquanto deixa assim, minha vontade é pouca e a carne é fraca. Não me tenha à sério. Sou, para não dizer outra coisa, um vagamundo.

— Não faça pouco de você, Manu.

— Nem ponha tanto toucinho em meus paus.

— Vá pensando no assunto que não custa nada!

Nesse momento apareceu Soledad, abrindo a porta e muito séria.

— *No me gusta esperar así como una tonta.*

Manuel, então, deu uma desculpa, dizendo de um compromisso e o tio ficou para uma próxima oportunidade. Voltou-se para Soledad e respondeu.

— Não me agrada também que me digam o que eu deva ou não fazer!

Ambos foram jantar e estavam mais para o vinagre que para os vinhos. Soledad, dobrada sobre a mesa, comia o seu pão. Os cabelos caíam-lhe sobre os seios. Os olhos brilhavam sob as pálpebras negras. Costuravam-se a singeleza e a dignidade. A cena levou a que Manuel percebesse a grandeza da companheira.

— Desculpe a minha grosseria, resmungou Manuel.

— *Que dice?*

— Minhas palavras não foram felizes quando disse que não me agrada que mandem em mim.

— As palavras foram certas, mas o tom foi tosco.

— Está bem, vou falar mais serenamente.

— Coma, que o dia foi pesado, falou, pondo a mão sobre o ombro de Manuel.

Agora estavam mais para trabalhadores que para amantes.

Surpresas no Trabalho

Conforme o pensamento de Manuel, o trabalho é pra escravo. Ele, como homem livre, pretendia mais que as dobras do serviço. Entretanto, as circunstâncias do tempo não haviam favorecido seus desejos. Mas como costumava dizer: tenho o poder de descobrir em suas dobras o que se apresenta de melhor. Foi o que fez entre as cidades de Leganés e Alcorcón. A simpatia dos lugares pode oferecer renomadas virtudes e engrandecer qualquer espírito, por mais tosco que seja. Ao chegar em Leganés percebeu que havia grandezas em tudo que via. Um espírito celeste pairava sobre as casas e sobre o antigo lago, onde está agora erguida a igreja de Nossa Senhora de Butarque. Pela história que lhe contavam, via que, mais que os fatos reais, estava o mundo dos sonhos espanhóis. Antes de 1200 um moinheiro encontrara uma estátua entre sarças e folhagens no solo de limos finos e férteis. Daí em diante cresceram fatos e devoções em torno da santa. Comemoram a festividade no dia 15 de agosto, a mesma data em que a tradição cristã acredita que a mãe de Jesus foi erguida aos céus. Todos sabiam quase de cor a história da Santa de Leganés.

Em 1551 Juan de Austria levou a imagem da Virgem consigo para pelear em favor dos cristãos, contra os turcos, em Lepanto. Em razão da vitória, mais que os navios e o braço ferido de Cervantes, foi a virgem quem levou os elogios. Concederam-lhe o título de Capitán General de los Ejércitos, que pela primera vez se concedia a uma Virgem.

Fui até a ermida de nossa Senhora e, ao ver a pequena estátua em seu silêncio, me enchi de comoção. Quase mil anos de devoções, pedidos de auxílio aí estavam, confiando que a santa lhes desse uma vida

mais fácil ou que um milagre pudesse advir diante de grandes dores e mortes. Aí se resumia na Virgem todo o perdão e toda a crença em transcender. Olhei de perto, bem de perto, os símbolos que apelavam aos sonhos de verdades eternas, perseguidos de todo o coração. Quando Soledad entrou na ermida, viu meu rosto em lágrimas. Perguntou-me o que havia ocorrido. Apenas disse, baixinho, que a verdade não carece de grandes pronunciamentos. Que coisa essa de os espanhóis sonharem tanto. Não conseguem ver o mundo como é. Em tudo põe a alma mais que a realidade. Mil anos de fé em torno de um símbolo valem uma eternidade. O temor se vai como se vai o fumo diante do vento. Pedem com tal ênfase que o sonho se torna uma certeza: os males não vão devorá-los. Se, acaso, os devoram, jogam tudo pra vontade do Senhor. Tudo se esclarece, tomando um sentido terno, onipotente. Soledad pôs sua mão sobre meu ombro aproximando seu peito de minha cabeça. Vi Deus por toda parte. Até no limo que um dia cresceu no lago. Não tinha mais o que dizer.

Enquanto me dirigia à Ermida de la Virgen Capitán General, protetora emérita de Leganés, Soledad foi até a universidade, onde encontrou um grupo de professores que manifestaram interesse em ouvir quem eu era, o que fazia e o que entendia. Pouco tinha a dizer, falei para Soledad. Não a tinha autorizado a que me expusesse. Estava muito agitado, pois nunca havia dito em público minhas ideias a respeito do trabalho que realizávamos, e tampouco do meu pouco entendimento sobre artes. Para não deixar mal minha Soledad, fui, muito a contragosto, até a uma sala da Universidade de Légenes. Desconfiei que o convite fora feito pra calar certas críticas a meu respeito: um estrangeiro trabalhando e um espanhol sem emprego!

Falei das diferentes percepções nos diferentes tempos das artes, é claro, dentro de minha percepção de quase leigo. Comecei dizendo que a pouca autoridade que tinha provinha de meu gosto de ver museus e pinacotecas. Não tinha uma arte formada na academia, mas detinha intuições que me vinham de sobejo. Do meu professor de psicologia da arte tomei o pensamento de Piaget: a arte, em suas formas de expressão, é devedora da evolução da razão. Vejam, então, se a arte rupestre não se

parece à composição dos desenhos infantis; vejam se a arte grega e renascentista não é a perfeita imitação do real; vejam se, a partir de 1700, as diversas expressões artísticas não começam a transcender a realidade com o pensamento que expressa as diversas revoluções. Nada ficou mais de pé, a começar por Góia e, mais tarde, por Picasso. De modo especial depois da última guerra, tudo passou a depender de uma liberdade que foge a qualquer princípio da lógica. Depois disso me fiz entender comparando a loucura da arte espanhola em razão da intuição fantástica. Tudo aqui se expressa além do real. Aqui as cores inebriam e os objetos são dissolvidos pela inspiração e, enfim, formatados, como se em cada traço houvesse um espírito celeste. As loucuras praticadas nas terras de conquistas espanholas, e mesmo a violência e a paixão, não diferem muito do magnetismo das artes aqui expressas. Se olharem o museu do Prado, dá para observar a arte indo além da realidade, e sua expressão maior é bem notada em *Os desastres da guerra de Goya*, incluindo a possibilidade de se comparar o quadro *Estragos da guerra* ao notável *Guernica*.

Continuei meu curto discurso apresentando o projeto de Soledad, ao qual eu apenas me associava como convidado. O nosso projeto tem a pretensão de estimular a formação de artistas na Comunidade Autônoma de Madrid. Ele se apresenta, para mim, como uma espécie de inebriamento. A Espanha apresenta um ar religioso em tudo. Não é por nada que tem os dois maiores santos místicos, Teresa de Ávila e São João da Cruz. A arte espanhola, de modo especial, vai muito além da representação de realidades, e isso é percebido até nas crianças quando pintam. Há uma inteligência sensível pairando nas casas.

O nosso projeto, além de selecionar obras e torná-las públicas para serem apreciadas e vendidas, quer ampliar este espírito de aventura, na esperança de que essa alma mística não se revela como em Pizarro, mas como em Picasso. Fui falando mais um pouco acreditando que possa haver uma cidade meio louca como Barcelona e homens a granel como Cervantes. Algumas questões foram postas, creditando-se à espanholidade a inspiração de tantos escritores na América Latina. Meus recursos eram poucos para me haver bem com a arte latina. Não me enfie

nessa carroça, temendo que descobrissem o tamanho de minha ignorância.

Mais tarde descobri que, de fato, o convite fora feito para verificar a autenticidade de minha compreensão nas artes. Havia passado no teste, mas pairava uma denúncia sobre Soledad: havia me escolhido por interesse amoroso, não por haver em mim algum entendimento de artes. De fato, depois percebi, o estrangeiro não estaria seguro em seu trabalho na Espanha. Ri comigo por entender que também em cada espanhol pode habitar Pizarro, montado em seu cavalo assustador, ainda que ameaçando a praça em Trujillo. Não havia dúvidas de que a alma é mais que ambivalente, ao menos em mim é polivalente.

Depois dessas prosas semiacadêmicas, fui andar pela cidade, descobrindo nas casas o que havia sido discutido. Para reforçar meu espanto fui dar na igreja do Salvador. Mais uma vez confirmei a opinião da paixão e pensamento trágico deles: não há igreja espanhola sem haver um Cristo chacinado, do qual não escorra sangue da cabeça aos pés. Noutra dia fui me despedir da Vigem. Que coisa essa de os espanhóis voarem tanto! Não conseguem ver o mundo sem tragédia ou encantos. Em tudo põem a alma mais que a realidade. Mil anos de fé em torno de um símbolo valem uma eternidade.

À noite desse dia eu e Soledad íamos até a casa paroquial e viria nos receber um padre no qual se anunciavam, pelo tamanho daquele corpo, o poder da fé e o apetite espanhol. Antes houve um pequeno incidente. Soledad estava muito sensível e por todos os seus poros havia a delícia da ternura. Eu é que andava com uma versão erótica defasada. Estava mais para São João da Cruz que para Don Juan. Ela, irritada, falou-me muito braba: que vá tu, que prefere uma sacristia à cama. Não quero mais ver padre nem bispo. Ri de sua decisão e raiva. Fui *solito*.

O padre Roque, ao saber de nossa visita, veio ainda pela manhã, dizer que também ele tinha suas crianças e adolescente da catequese. Pintavam como poucos e é claro, tinham a paixão da fé, dizia o grande homem. Sua casa estava na mais perfeita ordem: rosas, candelabros,

muranos, quadros, porcelanas, estantes, estátuas, estufas, livros e aí estava tudo que se possa ter como intimidades das coisas. Conversei provocado pela harmonia disposta em tudo. Podia se declamar um poema do assoalho ao teto. Pedi se poderia primeiro olhar o que se nos punha aos olhos antes de nos ocupar com as palavras. Ficou de uma imensa alegria. Havia aí uma montanha humana. Perguntei-lhe por que os santos de seu ambiente e da igreja estavam vestidos com tanta exuberância. Riu de minha ingenuidade. Ora, ora, o divino posto no humano não merece um pouco de beleza?, tentando me mostrar que também falava português. Vindo e indo um pouco mais na prosa, percorri o que tanto os portugueses como os espanhóis tentam negar: a forma bruta e sem vergonha de dominarem os povos da América Latina. É claro, o vinho estava ajudando na sinceridade.

— *La conciencia de un tiempo domina a la gente e entonces to'os piensan lo mismo.*

— Discordo de sua tese, padre Roque, como é que Bartolomeu de las Casas pensou diferente?

— Ele pensou um tempo diferente do qual vivia, *pero sufrió mucho e volvió a la casa.* Algumas pessoas vão longe demais *y por empezar un nuevo tiempo sufren la resistêcia.*

Senti o constrangimento de sua fala, por sofrer com o defeito humano da civilização cristã. Resolvi não aprofundar as questões sobre o contato entre as civilizações. Assim, evitei de falar sobre qual civilização era a mais bárbara.

Fomos ver os quadros dos seus catecúmenos. A religiosidade espanhola ainda é coisa sem discussão, por isso eram muitos os seus alunos da catequese.

Juntos escolhemos e em quatro pinturas percebemos o talento escondido nas formas e no conteúdo. Os temas deles envolviam, de uma maneira ou outra, a violência. Um deles mostrava a batalha de Lepanto e, soberana, a Virgem fulminava os turcos. Dois, de aparente menor

violência, mostravam a Igreja de São Salvador. Havia soturnidade na cor, quase uma tragédia era expressa em cada um deles. Medos havia na imagem noturna da igreja, o que valeu uma larga discussão. Pelo sim, pelo não, me pareceu que a igreja inspirava um certo terror. Os pintores revelavam angústia diante do que a igreja lhes representava. Firmei posição confessando meu temor de que havia uma grande violência inscrita nos quadros. Havia mais dor da morte que uma possível ressurreição. Talvez o pesadelo de Franco ou talvez a mensagem de infernos, confissões e expressão de futuras violências, ainda obscuras. Padre Roque altercou comigo afirmando que nada do que eu dizia fazia sentido. Calei-me. O último e expressivo quadro indicava uma menina protegendo sua intimidade. Seria medo de ser violentada ou repressão severa da vida. A face da menina-adolescente falava de apelos e perdão. Depois de duas garrafas de vinho já sabíamos os dois que mais nada de sério se poderia extrair de nossas tontas almas. Levei os quadros sem moldura. No caminho de volta para o hotel tive profunda piedade das almas dos pintores. Tão jovens e tão cheios de angústias.

Madre de Diós! Mal entrei no quarto do hotel, recebi uma saraivada de palavras: que te fique com o padre, não chegue perto de mim! Então é jeito de lidar comigo. Lembrei-a, então, de que fora ela quem havia decidido que eu fosse sozinho.

- Tu te pareces como o asno de Sancho!
- De fato, não estou entendendo nada!
- Então, seu animal indelicado, não poderia me agradar?
- Se te agradasse, não iria ver o padre!
- Pior ainda, o padre que esperasse.
- E a hora combinada?
- Que se danassem a hora e o padre!

— Oh sedosa minha, amável castelhana, não te mostre tão má. Olhe os quadros. Que coisa mais divina. Arte pura mais que o ouro de ganga limpa.

Acendi a luz. Em vez da suave face, uma carranca, mostrando que a alma é que faz a cara. Entretanto, ao dirigir o olhar para os quadros que espalhara no chão, tudo mudou. Ela saltou da cama em êxtase diante do que via.

— *Diós! No es verdad!*

— *La más clara!* exclamei.

Por mais de 30 minutos ela ficou ali feita Teresa de Ávila, em êxtase. Mais estava para um ato religioso que para o encantamento da arte.

Acordei-a do enlevo, comentando alegremente, como se nada tivesse acontecido.

— Viu só o resultado de minha conversa com o padre Roque.

— Bendito o Deus que nos reuniu, meu amor! Coisa divina!

Os enlevos de Soledad foram indizíveis, posto que o agrado devolve o bom espírito e o corpo sensível. Me debrucei na vida como um anjo diante da face do Senhor, que é da mesma seiva que a tudo torna. Vi a cor de emoções e o som das palpitações. Chorei por tudo como uma criança, mais feliz que Teresa de Calcutá. Ave gratia plena!

Já havíamos recolhido o suficiente em Leganés.

Alcorcón, salva-me Diós

Juntamos nossas tralhas e fomos para Madrid levar o material que até então fora recolhido. Nunca havia visto Soledad tão animada. De fato, os quadros eram dignos de nota. A alma espanhola estava disciplinada com todas as tintas.

Era sábado e ela queria ver sua família. Disse-lhe que não era tempo ainda para maiores aproximações. Fui sincero, dizendo-lhe que não me agradava pôr mais gente em nossa relação. Ficou sentida, mas aceitou ir sozinha mostrar sua felicidade junto aos dela. Consolei-a dizendo que me agradaria assistir a uma corrida de touros na Plaza de Toros de las Ventas. No dia seguinte nos encontraríamos no hotel. Eu sentia que meu espírito estava sendo povoado por sombras. Assim aconteceu.

A selvageria possui vários nomes, e um deles é uma tourada. Tomam ao animal como objeto de toda estupidez, transformada em espetáculo. O sacrifício de animais pelos primitivos habitantes estava para agradar aos deuses que pudessem proteger. Pobre gente que matava para tentar afastar ameaças de toda ordem. Mas aqui, o que é isso, que sacrifício sem razão? Das três partes da tourada, as duas primeiras são de pura covardia: ferem o touro, deixando-o fraco. Somente então, ficam o toureiro e o touro frente a frente. Sabem da constância do animal em perseguir o que mais chama atenção: o vermelho. Os dois fazem volteios até o animal se cansar. Por fim, quando exausto, o toureiro dá-lhe o fim. A corrida termina. O toureiro golpeia o touro com a espada no dorso, atingindo o seu coração. Enquanto gritavam como bestas, eu tinha engulhos.

Andei, mais uma vez, até a praça de Espanha, pra me consolar com Sancho Pança. O cavalinho, carregando o amável louco, estava ainda

mais humilde e abatido. Tinha a noite pra mim. Engraçado, não senti falta de Soledad e um sem-sabor insistia em minha boca. Eu sabia que começava a terminar um tempo importante para mim. Era como sempre: sentia-me desterrar para outras plagas. Se, pra muitos, a solidão representa apenas falta, para mim começava uma espécie de distância de tudo e, pior, estava perdido de mim. A ausência de solidariedade não era dóida. Bebi um pouco de água, mas não pude ingerir o vinho. A cor tinha a ver com o sangue do animal. Meu bastante sonho de quedas e voos me judiou a noite toda. Sabia que um demônio me expulsava. Ao acordar, propusitei de não me deixar levar pela ausência. Desejei rapidamente que Soledad estivesse comigo. Mas que tradição essa minha da inconstância. Pela tarde Soledad telefonou pedindo que fosse até a casa de seus pais. Conferenciei dizendo que ficasse à vontade. Eu a esperaria no hotel e, na segunda, seguiríamos até Alcorcón.

Pela manhã ela chegou. Seu rosto estava para uma pessoa cheia de angústia. Falou com secura na boca.

— *Que se passa?*

— *lo no lo sé!*, foi o que consegui dizer.

Tomamos o ônibus, e eu vazio de mim. Não conseguia retirar o menor entusiasmo por Soledad! Ela pôs sua mão sobre a minha mão, e eu apenas deixei.

— Fala comigo, disse ela.

— Deixa que passe meu mal-estar! Acho que foi a tourada.

— E eu, o que tenho a ver com os touros?

Quis gritar que me deixasse em meu silêncio.

— Esteve com outra?, inquiriu.

— Se não estiver contigo, com quem vou estar? completei, amargo.

Nada de bom saía do peito. Acho que a morte dos pecadores se dá desse jeito. O inferno deve ser isso, pensava. Não estava em pé nem deitado, nem dormia nem acordava, não via nem olhava. Parado, o meu ser era como uma taquara seca. E me doía tudo. A única coisa que me poderia animar era Alcorcón. Sabia que o nome provinha do árabe Al-cur, colina alta. Poderiam os ares mais puros devolver meu espírito brincalhão e mais suave?

De fato, por saber que andaria mais livre aí, já sentia o meu peito um pouco mais suavizado. Consegui pôr um sorriso envergonhado no meu rosto. Olhei a paisagem pobre. Agradei a mão de Soledad. Pedi desculpas por minha calcinação. Ela me desculpou.

— *No te preocupes! La alma tiene vuelos diferentes y decadências.*

Estava preocupado, mas não tanto. Como poderia perder tão admirável companhia? É verdade, fazia meus pensamentos pensar. Em tudo meus sentimentos se assemelhavam a uma gaiota velha e emperrada. Empurrava-os com extrema dificuldade. Lá se ia minha oportunidade, mas se me dava muito pouco. Se ao menos estivesse triste, o que poderia significar uma virtude para sair dessa modorra.

Assim chegamos a Alcorcón. Tive a impressão de que me tinha o espírito de Quixote depois de ter sido derrotado e obrigado a abandonar suas loucuras e volver para sua insípida aldeia. Me doía ter sobre minha mão a mão de Soledad. Que se enfiasse por ela um ânimo contente. Que me desse a tesão dos outros dias. Mas nada. Estava uma estátua de pedra sobre a qual se pedia uma oração. Bem que me dizia minha mãe: santo Deus! E ela me veio inteira. Filho, você vai se dar muito mal com esse jeito de nunca estar com a cabeça onde deve estar. Te concentra com cuidado. Você não tira da escola o que pode tirar, não tira das lições de teu pai o que poderia tirar e nada leva do esforço que faço pra tu estar bem. Sempre está noutro lugar. Mentalmente respondi para minha mãe: não tá vendo, minha velha, o quanto durou o tempo em que estive andando de um lugar para outro analisando a arte destes loucos

espanhóis. Pra mim já é grande coisa ter estado durante dois meses fazendo as mesmas coisas. É verdade, me argumentava, ter ao lado uma linda mulher, quem há de deixar por menos!

Assim andava em meu devaneio, quando uma freada brusca fez parar o ônibus. Ainda se escondia uma pequena fagulha brincalhona: até andando os espanhóis viram loucos.

Levamos nossas coisas ao hotel e, conforme havia sido combinado, fomos até a escola. Jovens e crianças entravam, e nós calados, ouvíamos o hino da cidade.

*Ao oeste da grande cidade
Tem um lugar chamado Alcor
Onde outrora conviviam muçulmanos e cristãos,
Oleiros, mercadores comerciantes e lavradores.
Encruzilhada de caminhos, de gente estranha e de destinos*

Rigorosamente, era o que se passava comigo: estava na encruzilhada dos meus caminhos, entre ficar e partir. Sempre foi o meu caso. Não havia como negar. Sou um ser sem parada. Falando a verdade, sou atordoado pelos ares. Sempre vivi em lugares de passagem. Acho que sou mais um refugiado de espaços e gentes. Será que a vida de minha infância me assustou que estou correndo até agora? Ou algum gen maluco não sabe o que fazer dentro de mim? Sou apenas uma alma provisória que não assume nada em absoluto? A noite havia sido tenebrosa e fria. Outono já andava adiantado. Soledad chorou ao meu lado ao saber que tudo estava terminando. Me doía ver o que acontecia, mas não podia resistir ao imprevisto. Tentei explicar a Soledad o que já havia dito anteriormente, mas ela estava convencida que poderia melhorar meu jeito mandrião e inconfiável. Agora estava aí desse jeito. Odiei-me, em parte, por não poder atender ao que seu corpo e alma solicitavam. Pediu-me ainda que ficasse, mas firmei posição dizendo que não poderia trair meus sentimentos e que ela merecia coisa bem melhor que um homem tão inconstante. Ao menos fica para se alegrar um pouco mais com este lugar.

Concordei em ficar por mais dois dias. Teria mais um tempo para respeitá-la e para ver de perto a alma do lugar.

Havia euforia por toda a parte. Fazia duas semanas que o time de Alcorcón havia feito uma bravura, comemorada por todos os alcorcenses. E põe festa naquilo. O deboche corria solto. Nas paredes podiam ser lidas diversas frases, e uma delas, em especial, me chamou atenção pelo tom do deboche em relação ao jogadores do Real Madrid.

Alcorcón: 28/10/2009

Muchos mijones

Pocos cojones.

Escolhemos as melhores pinturas, e em todas estava presente a euforia. As cores eram incríveis. Uma delas traduzia a história de Davi e Golias. Abaixo estava escrito: *Cuatro piedras en la testa*. Tudo lembrava os 4x0 que Alcorcón infligiu ao Real Madrid na copa do rei. Havia mais que regozijo. O pequeno time mostrara todo o orgulho que andava escondido. Via, mais uma vez, o quanto as pessoas buscam o reconhecimento. Um pouco de alegria para mim: olhei no computador e no youtube encontrei mais brincadeiras sobre o evento da Agrupación Deportiva Alcorcón. Puseram na boca de Franco palavras duras contra a equipe do Real. Um jogador do Real ganha durante um ano mais do que um jogador do Alcorcón em toda sua carreira. Di Stéfano deve estar debaixo da cama, todo envergonhado. Puseram também Hitler a dizer impérios contra as forças de Alcorcón e a debilidade do Real Madrid.

Os elogios dados à agrupação esportiva fizeram-me ver o quanto Soledad queria ser reconhecida, e por várias razões. Não se conformava com meu olhar indiferente. Depois do trabalho feito, fui me despedir dela. Falou-me como quem morre, apagando-se a voz entre soluços sufocados.

Nem ao menos vais comigo até a Colina dos Anjos em Getafe?

Nem vais ver Torrejón de Ardoz?, aí se ergue a torre de defesa dessa terra.

Nem verás a cadeia montanhosa de Parla?

Teu coração não se encantará pela Menina de Alcobendas? Justo aí onde se viram os sinais de caçadores no cerro dos veados.

Beijeí sua mão suave e, mais envergonhado, me retirei, depois de receber a paga de meu serviço.

Voltei pra Madrid e no outro dia fui, de trem, a Barcelona e depois, passando por Montpellier, a Marselha.

O milagre das paisagens

Estou piamente crente que as estradas e as paisagens possuem o poder de regenerar as almas. Assim sendo, vi de perto o quanto mesmo terras esturricadas podem dar ânimo a quem o perdeu. Enquanto o trem se movia, concentrava-me no solo por onde andava. Cheguei a Barcelona. Sendo 16 horas, fui ver a Igreja da Sagrada Família. Tive, ao mesmo tempo, a forte sensação da fragilidade e da grandeza. A loucura definitiva de Gaudi espelhava a minha própria. Mal pude rezar em razão de haver um misto de porosidade arenosa e de eternidade se misturando. Nem Deus se segurava nas certezas dadas por Gaudi.

Queria chegar o quanto antes a Marselha e visitar a igreja de Nossa Senhora da Guarda. Iria logo adiante até Aix-en-Provence, onde visitaria uma amiga que conhecera num dos cruzeiros no qual servia de apresentador e tradutor. Buscaria que ela me segurasse um pouco, pois parecia um desterrado, vivendo em territórios de ninguém. A fluidez das figuras humanas, de seres vivos de mil formas e de outros materiais líquidos ou firmes impregnava minha frágil identidade. Os pomares, frutas, árvores, montes, águas, terras mortas eram inspiradores de pouco, mas suficiente para andar. E bem perto, muito perto, Cézanne havia retirado deles a inspiração tão forte. Conseguiu ultrapassar o tempo imprimindo nas coisas de Provence uma densidade ágil nunca antes vista: o movimento das cores e das coisas. A vida impressa nos rostos, tudo em intensidade assombrosa, mostra que os tempos já não carregam mais a nitidez, mas as impressões profundas é que constituem as verdades imprecisas. Os sentimentos esvoaçantes se dependuram às árvores e às pedras. As maçãs mostram a eroticidade do mundo. Olhava tudo pelo olhar de Paul, o qual me remetia para Poussin. Os pastores da Arcádia se misturam ao movimento do trem. Pensava, então, em como poderia ser

constante no amor desperto por Soledad. Não haveria possibilidade de uma só ternura segurar as loucuras que se desenhavam? Mas ela estaria disposta a tomar conta dessa loucura avassaladora? Via-a, em contraposição à minha covardia de ser com ela. Ia eu relativamente satisfeito buscando me curar de minha devassidão afetiva. E bem aí, onde parece haver a inconstância, mostravam-se os jogadores de Cézanne. Que a austeridade da mulher com sua cafeteira pudesse me devolver a paciência e a firmeza de uma casa. Que me abençoasse Cézanne.

Mal chegara em Marselha, espiei de longe Notre Dame de La Garde e depois iria para a casa de uma amiga que havia dito que jamais me esqueceria tamanho fora o deslumbre de quatro noites num navio. Foi o que me valeu a demissão como animador e tradutor. O chefe de equipe falou antes de me largar no porto de Gênova: te falei, homem, que não se come carne onde se come o pão. Respondi rindo dele e de mim, o que vou fazer se me agradam baurus.

Antes de chegar a sua casa, telefonei. Ela teve dificuldades para reconhecer quem eu era. Expliquei-lhe que era o homem das quatro noites no navio. Minha onipotência, que andava em baixa, sofreu um terrível revés. Nem a lembrança dela se segurava positiva. Percebi que eu superestimara meu poder. Ao chegar em Provence, me dirigi até sua casa. Disse-me que seu marido havia viajado e que me recebia como se a casa dela fosse uma pensão. Mercedes, era seu nome, me fez menor e mais feio que a cara de Cézanne num dos seus autorretratos. Conversamos amenidades, mas a distância mercedita era quilométrica. Para minha culpa, firmava posição cada vez maior que encontrara a paz numa casa e numa relação estável. Mercedes não era mais a mesma. Seu pequeno Paul estava na escola. Vi, então, em definitivo, que aí nada mais seria possível. Se há uma realidade mais duradoura, esta é a de uma mãe enquanto cuida seu filho. Geralmente dura, ao menos, uns 18 anos. Conversamos feitos passageiros de um mesmo trem, mas com destinos completamente diferentes. Eu não chegava, mas ela encontrara sua casa. Eu feito de um não-lugar; ela consumada e feita do lugar. Sua prosa e poesia se localizavam perfeitamente. Eu ia e ela já havia chegado. Me

senti ainda menor. Dormi constrangido em sua casa. Havia um quarto no quintal. Foi aí que ela me abrigou. Mais ainda me senti um ser pequeno, mais frágil que uma folha que cai. À noite sonhei com palmeiras ao vento. Resistiam e logo ali temia cair num abismo. Acordei pela manhã, quando o sol já despontava. Havia um menino em frente ao quarto. Ele começou a conversar sem constrangimento algum. Perguntei aonde estava a mãe dele. Disse que viera me chamar pra tomar café. Mercedes estava mais para a austeridade que para alegria. Estava segura em seus movimentos. Disse-lhe que iria parar num pequeno hotel e visitar o museu de Cézanne antes de ir até Marselha. Ela, então, senti, ficou mais à vontade. Não tive coragem de lembrá-la de nossa efusiva união, ainda que provisória. Tampouco ela expressou qualquer palavra em torno do que havia acontecido. Disse que seu marido era dali mesmo, da pequena Provence. Estava realizando um curso de aperfeiçoamento em inglês. Professor de línguas da universidade local. Rimos juntos sobre minha corrida neste mundo. Ela, ao contrário, confirmou minha certeza: havia se tornado uma dona de casa. Defendeu-se dizendo que a escolha que havia feito preenchia muito bem seu tempo. A beleza de seu jardim e a disposição das coisas na sala e na cozinha confirmavam a ordem que lhe ia na vida. A minha despedida foi de alguém que nada mais dizia àquela que fora a mais fogosa de todas as mulheres que eu conhecera.

Fui ao hotel e depois fiz o circuito onde Cézanne vivera. Subi até Sainte Victoire e, à noite, cansado, adormeci cheio de paisagens que me comoviam, pois via tudo com aqueles olhos cheios de encantamento, tendo o espírito do pintor ao meu lado. Havia uma espécie de durabilidade que se avizinhava em mim.

Pela manhã senti um profundo mal-estar. É hoje que vou morrer, tamanho era o constrangimento físico. Se até bem poucos dias havia indiferença, começou a me doer a angústia. Um vazio tão estúrdio e quase-medo me invadiam como se uma bomba estivesse prestes a estourar sobre mim. Estava desse jeito quando o telefone do quarto tocou. Avisaram-me sobre alguém que me esperava na recepção. Desci ainda sentindo na boca meu mal-estar. Era Henri, marido de Mercedes. Fiquei

preocupado por vê-lo de rosto sério. Depois saberia que ele também estava temeroso de eu não concordar com seu convite. A universidade estava promovendo um curso de Extensão em Turismo e Mercedes havia me indicado como um conhecedor do assunto. Teria 20 horas de aula e um *pro-labore* imperdível. O que visitar e onde estariam os melhores lugares turísticos, era esse meu tema. Avisei-o de que minha formação acadêmica não compreendia o turismo. Insistiu: o que conta são as vivências e Mercedes me contou que você tem grande domínio principalmente de lugares exóticos e da história artística de muitos países. Curiosamente o amargor desaparecia. Por pouco que eu me sentisse, o reconhecimento estava acabando com meus males. Comunicação é isso, confirmei em mim. Parecia que um novo sangue circulava. Teria, além das aulas, a responsabilidade de guiar dois grupos pela Índia e pela Rússia, se assim fosse a minha vontade. O curso seria ministrado para dois grupos. O primeiro era formado por idosos e o segundo, por professores das escolas municipais de Provence. A alegria me invadia. Ainda naquela tarde me encontrei com Mercedes, e ela, num momento em que nos encontramos a sós, falou-me que não havia esquecido o tempo do navio e de nossas loucuras. Falou muito mais: que a casa, com toda sua estreiteza, continha, agora, a sustentação de seus encantos. Não havia pessoa do quarteirão que não representasse uma riqueza permanente para ela. Tudo importa quando se põe o tamanho do coração. Quando me falou que estava quase uma religiosa, brinquei sem muita graça: vai ver que os êxtases do mar tiveram sua força. Concordou, sem muito entusiasmo. Afirmou que a indicação que fizera para o curso na universidade não se dera tanto pelas lembranças, mas como agradecimento. Ela carregava consigo a experiência de amar como nunca amara antes. Você foi um mediador de meu corpo e de minha alma, falou com certo embargo na voz. Avaliou decidida, porém, que tinha sua história e a rede de afetos seguros. Havia seus pais, os pais de Henri e as paisagens que a deixavam bem. Henri era generoso e imbuído ainda mais que ela de sua geografia. E meu filho e mais um que está chegando. Já fiz minhas escolhas, Manuel, concluiu Mercedes.

As aulas transcorreram muito bem. Manuel fazia parte de um grupo de professores do curso sobre turismo. Preparavam-se para uma mudança profunda na metodologia de ensino. Diziam: se até bem pouco a escola preparava para a brevidade da vida,urgia avançar para a longevidade da vida, o que muda radicalmente o interesse educacional. Cada vez mais teremos, em uma idade mais avançada, maior tempo livre, e os alunos podem compreender que o mundo, com todas as coisas e paisagens, é uma grande oportunidade de se ampliar o espírito humano. Não é só viajar, mas o contato entre as nações, paisagens e a memória de cada lugar oferece formas efetivas de felicidade, pois que se amplia o ser, o que exige conhecimento e solidariedade. Falavam mais: não há como não preparar para um sentido ético e estético, tanto quanto a oferta da ciência escolar. Fiquei devendo a metade do que explicavam, mas percebia que, quando a vida se estende, educar compreende romper e alterar. É claro, não podia me arvorar como orientador educacional. Não podia ser um hipócrita comigo mesmo. Transgredi muito, não porque me fosse proibido, mas porque magoei demais e fui apenas fiel a mim mesmo. Já envelhecia e não encontrara o jeito de ser melhor.

Passei dois meses em Aix-en-Provence. Havia recebido bela recompensa financeira, mas melhor que tudo foi minha mudança de atitude. A ida para Índia me fez espantar. O exótico e o religioso deitaram em mim uma grande decepção. A conformidade das gentes em sua miséria rasgara meus vasos. Como pode tudo isso? Rússia e suas grandezas, incluindo o metrô, imprimem-se em mim com notas de saudades. Os lugares, de fato, podem praticar certos milagres; outros, decepção.

No domingo seguinte à minha chegada me dirigi a Marselha pra visitar a igreja de Nossa Senhora da Guarda, e em conversas com alunos percebia, de maneira contundente, a presença inteira das pessoas. Pela primeira vez senti saudades de minha casa. A igreja é uma casa, bem sabia, mas não fazia ideia que pudesse me converter. Pois aconteceu, ainda que duvidasse de minha conversão. O ambiente dourado e a estética que se movia para o alto me envolveram, fazendo de mim um

penitente. Dizia um professor meu que as alturas suavizam as pessoas. Por mais que quisesse racionalizar, não eram suficientes para explicar a bondade em que se transformara meu espírito. Me vi em transubstanciação, não sendo mais Manuel. Se a virtude exige constantes exercícios, aí se provava o contrário. Num lapso de tempo muito breve, menos que um trinado de corruíra, me percebi diferente. Desci das alturas da Senhora dourada. Tomei o trenzinho de volta e só tinha leveza e etéreos sentimentos. Mal chegara ao Porto Velho da cidade, onde o trenzinho para, e me via mais para uma criança que para um senhor de aventuras. Retornei a Provence. Mercedes estava outra. Enquanto fazia a avaliação final dos dois cursos que ministrei, bateram à porta do pequeno hotel onde me hospedava. Era Mercedes. Percebi logo a que chegava. Eu concernia mais para filho de Maria que para amante. Apenas conseguiu dizer que tinha saudades, e todos os dias, de todos os dias do mar. Interrompi seu enlevo de forma elegante, fazendo de conta que não havia entendido. Ao contrário dos seus sentimentos, manifestei minha gratidão e admiração pelo jeito feliz de sua maneira de viver. Que a invejava pelas certezas do amor que possuía. Falei de minha visita à Nossa Senhora da Guarda. As minhas palavras foram água fria sobre seu corpo quente. Fez-me rir ao afirmar que, de fato, a Senhora do alto da montanha havia cativado e prendido o que antes era tão poderoso. A conversa transcorria quase religiosa. Expressou-se, sem muita convicção: viera se despedir de mim. Percebi o quanto eu havia perturbado as certezas que praticava. À noite Henri veio ter comigo para assinar os recibos e me agradecer. Me afigura uma certeza: o quanto se move o coração. Noite alta fui para a internet com a curiosidade de saber sobre minha gente. Duas mensagens muito fortes. Soledad e meu tio Guilherme estavam para mim como fogo e sombra. Ela, afável e nobre, desejava que estivesse bem. Havia posto em discussão um projeto em Barcelona, buscando aí desenvolver o mesmo trabalho da comunidade de Madrid. Dizia-se sozinha na empreitada e, respeitando a minha decisão, não manifestou interesse em minha parceria. Confesso que foi quase fulminante o desejo de tê-la comigo, e não mais como uma companhia fortuita. Havia suavidade em meu peito. Carecia de um lugar para fixar minha alma e meus olhos.

Não fosse o apelo de meu tio, que li a seguir, confesso que tomaria o primeiro trem para estar com ela. Falou gravemente sobre o estado de minha mãe. Insistia que não poderia me furtar de estar ao seu lado. Os médicos não sabiam se a depressão provinha de minha ausência ou se a multimorbidade é que a deixava naquele estado de humor.

Saí de Provence para estar com minha mãe.

Voltando pra casa

Já não sentia os impulsos de *uma cavalgada alada e estalada de mim por causa de todas as coisas*, no dizer de Pessoa. Estava como aquele que cavalga quando o cavalo, de um pinote, larga o cavaleiro no meio do pó. Me agradava, em parte, que andasse com formas reverentes. Temia por minha velhice precoce.

Antes de chegar a Passo Fundo, vieram, por inteiras, minha infância e o início da adolescência. Me sentia, tão de repente, como o cavalo de Quixote, partindo para a missão. Embora quase arrastando os chinelos, me via um guri. Reconhecer as ruas e retomar seu sentido é um recomeço. Vigiava agora sobre as ofensas feitas aos conselhos de minha mãe. Vivia sempre desterrado, agora seria um pouco mais o lugar. *Entonces, se puede amar más*, diria Soledad. Em revoada aí me abraçavam lembranças que os lugares conhecidos provocam. Temia os sombrios momentos de não saber se ficava ou ia. E vieram os apelos de outros destertos. Sempre ausente dos meus e de minhas coisas. Mais fortes que as coisas que eu tinha eram as possibilidades de ir adiante. Agora posso falar: sempre temi a tibieza da vontade sobre o que me envolvia. Quanto tempo tudo há de durar? Mais que as circunstâncias do envolvimento, mais que a confiança e a fé de Soledad, argumentava a pusilaminidade, a minha pusilaminidade. A razão da estrada era maior que a da realidade aí posta. Mas lutaria para me ver melhor.

Mais uma vez senti que a vida estava de apelos fora de domínio. Não estava agradado de mim mesmo, percebia que a vida era maior que eu. Mais me comovia o que tinha que fazer: era certo, tudo menos ficar andando *con tanta tontería*. Media sempre outra arte e outros ofícios humanos que não aqueles permanentes e próximos. Todavia, instigava-me: Agora tome conta do que é teu!

Agradavam-me outras loucuras sem nome definido, mas agora queria definir. Voltei-me, então, para meu passado buscando descobrir uma forma de dominar o demônio das estradas. Começo pelos caminhos que andei e pelos jeitos de me afastar de todos. Para atravessar o ensino fundamental, médio e superior, penei feito um bode pego em jardim. Pobre da dona Genoeffa, a mãe zelosa e guardadora, fiel ao Espírito Santo, pois todos os dias rezava: *dai-lhe, ó Espírito, um juízo mais firme e uma vontade cheia de virtudes*. Nenhum desses dons frutificava no meu corpo e na alma de menino. Adolescente e agora adulto, ainda não provara desses divinos talentos. Sabedoria, inteligência, conselho, ciência, fortaleza, piedade e temor de Deus passavam longe de mim. Os grandes lugares contribuíram para me dispersar mais ainda. Certa feita minha mãe insistiu com tio Guilherme que, por um tempo ficasse comigo, pra ver se, junto de uma autoridade masculina, tomava mais juízo. Em nada me fixava, chegando ao ponto de ele me devolver para minha casa, pois vivia sem me fixar em ninguém e em parte alguma. Minha mãe, não sabendo mais o que fazer, pediu a um padre que fosse rezar por mim. Não tenha dúvida, senhor padre, ele tem o diabo no corpo. Vendo o padre, comecei a rir, pois o ministro de Deus tinha uma cara desengonçada e me parecia muito alegre pra fazer frente ao diabo e suas manhas. Lembro que puxou de um livro e rezou: *Vá te embora quem quer que seja, espírito sujo! Ordeno-te, vadio dos infernos, que deixe em paz esse menino pelo poder de Nosso Senhor Jesus Cristo e pelo precioso sangue do Divino Cordeiro. Astuta serpente, não te atreverás mais a enganar a raça humana e atormentar aos eleitos por Deus e ceifá-los como se fossem trigo. O Deus Mais Alto ordena-te que voltes de onde vieste.*

O padre me agradou, prometeu-me uma bola se eu mudasse de jeito, se começasse a estudar e respeitar meus amigos e minha mãe. Até novena minha mãe fez para meu falecido pai, a ver se do alto ajudaria a endireitar o filho. Melhorei um pouco por mais de um mês, por meu pai, pela bola, pela oração, ou por dó de minha mãe, que não sabia mais o que fazer comigo. Acaso não estaria assim por razões de meu pai? A verdade era que ele trabalhava feito um louco numa sacaria que vendia farinha. Um

dia, passando ali, vi que o xingavam e aí estava um homem humilhado. Eu, pequeno e pouco entendendo do acontecido, fiquei triste por ver meu pai de cabeça baixa. Não tinha mais que sete anos. Falei pra minha mãe e ela disse que não podia fazer nada. Minha mãe confessou, então, que desde aqueles dias é que eu andava desprovido do menor juízo. Acho que a fome das estradas e dos mares veio em razão dessa tristeza de ver meu pai ferido. Sonhos e mais sonhos apontavam para um menino que corria assustado. Meu pai, quando fiz doze anos, apanhou uma bruta pneumonia que o matou. Se já via meu pai com muita tristeza, maior foi ela quando o vi quieto, morto na cama. A tristeza fez crescer uma extravagante vontade de andar de cima para baixo. Os bancos da escola me espinhavam. Em minha tardia explicação, acho que, por ter meu pai tão próximo de mim, tomava seu jeito, mas, inconformado, queria ter outra força. Buscava respirar em ares diferentes. A frase que mais ouvia de minha mãe: pelo amor de Deus, meu filho, estude para que não precise carregar tanto saco pra viver. Era isso que me segurava na escola e, depois, na universidade. Ficava repartido entre seus apelos e a impulsividade sempre presente. Assim que terminei a universidade, andei de um lugar para outro. Pela facilidade de aprender línguas, tirei a vantagem de poder ir de navio em navio, trabalhando por breve tempo em cada viagem. O irmão de minha mãe insistia que fosse trabalhar com ele. Era o que mais me incomodava. Sentia prazer em estar longe, sempre mais longe. Meus sonhos mostravam, recorrentes, um homem forte que se fragilizava a ponto de morrer. Amei mulheres tantas. Acreditavam em minha promessa de fazer a vida com elas de maneira definitiva. Meu jeito simples de ser, parecendo um bom colono, fazia crer que eu era sincero e não trairia o que afirmava. Possuía prazer ao falar com poesia os meus enlevos, mesmo que tivesse certeza de que tudo não passava de um bulício passageiro. Me desculpava depois: é da vida ser tudo tão provisório. E vinha à minha mente a imagem de meu pai vergado sobre um saco de farinha ou sua imagem rígida, sem vida. Acho que minha infância assustada emperrou em mim.

Espero que, voltando para casa, possa tomar um jeito mais permanente e não andar como um errante sem destino. Vou me curar desse mal de andanças.

Em casa

De uma coisa estava certo: que a liberdade é proporcional aos recursos que se tem. Não era possível terem sido em vão os exercícios feitos com tantos esforços. Em algum lugar da minha alma dispunham-se como um presente.

Tinha desejos de chegar em casa. O ônibus mal chegara e eu de desejo nunca visto. Minhas duas primas, filhas do tio Guilherme, agora mulheres de 25 e 27 anos, me esperavam na rodoviária. Tinham a beleza trigueira. O tio Guilherme se casara em idade bem pronunciada, e eu estava mais pra tio que pra primo delas. Havia intensa alegria, como se o esperado fosse um grande sujeito. Um verdadeiro vagabundo, isso é que sou. A alegria era de quem recebe alguém diferente. Elas sabiam de minhas aventuras e loucuras internacionais. No imaginário delas eu era o protótipo de um ser humano sem fronteiras, bem a gosto de seus sonhos. Fui passando com elas pelas ruas e tudo me parecia pequeno. Tinha as medidas de tudo grandioso, e aí, em relação a outros lugares, tudo se apertava. Não continha, quieto, o prazer de estar com elas e por ver minha mãe. Marietina alegre e Adela comedida.

— E o tio, como vai?

— Olha, primo, sempre voltado para os trabalhos. Vive dizendo que não pensemos como tu. Mas nós gostamos de ouvir de como falam de ti, falou a Marietina, a mais mirradinha

— Estou mudado. Venho pra casa pra ficar.

— Mentira, falou Adela, a mais alta e retilínea. Mas, tomara!! Vamos achar uma coroa muito querida pra se casar contigo.

— Pelo amor de Deus, não façam isso comigo!

Senti um grande silêncio ao avistar minha casa. Estava velha a minha casinha. Na porta, minha mãe mal se segurava na escada. Afigurava-se a própria saudade emagrecida. Tomei-a nos braços. Era pouco mais que um sopro. Choramos os dois. Tanto esforço fizera na vida pra me ver um homem zeloso, guardador de cuidados, de trabalho e de importância, e chegava um vagabundo.

Entramos. Ela mal se continha, por tantas lágrimas. Passava a mão em meu rosto e alisava meus cabelos, que branqueavam.

— Se continuar a chorar, vou pôr meu pé na estrada de novo.

— Acho que te faltou foi laço, respondeu, passando agora a mão em seu rosto.

Olhei a mulher da triste e amável figura e falei:

— Vamos botar um pouco de gordura nesse corpo. Desse jeito desaparece em poucos meses, minha velha senhora.

— Não tenha preocupação, seu piá louco. Acho que vou comer até toucinho de tanta felicidade.

As duas primas sentaram-se lado a lado. Coisa mais afável, meu Deus. Mereciam uma oração de tão formosas. Depois desembulhei os presentes, que não eram poucos. Logo chegou o tio Guilherme e a festa foi completa. Era um homem sisudo, mas de uma bondade permanente. Foi logo perguntando, em tom de brincadeira e de acusação, se não me arrependia por ver minha mãe nesse estado. Respondi que ela estaria bem pior se me visse mal, mesmo que em minha casa. Ele sentiu que não eu não gostara, não pela resposta, mas pelo tom rude das palavras. Afinal, minha alma era daquele jeito, sempre voltada para o inesperado, e disso eu não me lamentava. Lembrei uma canção de Piaf e mudando de tom, falei mais alegre: *eu não lamento nada porque minha vida, minhas alegrias para hoje começam com vocês.*

As pequenas foram pacificadoras.

— O pai tem um jeito duro de falar, mas, no fundo, ele só quer o bem.

— Si, si, como no! Me conta se vai ficar um tempo com a gente?

— Vou sim, tio. Até durar meu rico dinheirinho.

— Estou te intimando a ser meu representante em Marrocos. Os africanos estão levando a efeito uma agricultura de extensão. Minhas máquinas se prestam para o solo de lá. Preciso de alguém que domine várias línguas e que tenha disposição pra vender.

— Acho que está semeando em terra de pedras, tio. Voltei pra casa pra ficar.

— Ah!, si, meu sobrinho, agora, poderá voltar todos os meses pra casa e não ficar vinte anos rodando o mundo. E as vendas poderão render muito mais do que ganha escolhendo quadros de estudantes.

— Mas estive fazendo o que é de meu agrado e não dependi de ninguém.

O meu tom de voz novamente estava duro. Estava achando o velho impertinente. Tinha meus 48 e não precisava de guia pra dizer meus passos. Foi aí que entrou minha mãe na conversa.

— Por favor, meu filho, fique um tempo comigo. Depois, atende ao pedido de teu tio. Assim, tanto pode passear como tirar uma boa grana e, quem sabe, sustentar uma casa.

— Vou pensar no assunto, mãe.

Veio a noite, com suas próprias visões. Desconfio de que a noite tem alma. Embora mais obscura, carrega, além das fantasias, uma inteligência penetrante. É pena que estejamos deitados e com preguiça de tirar melhor proveito. A realidade que o sol nos traz é mais lógica e ríspida. Acho até que os generais e os dominadores só pensam de dia. A consciência deles é bruta, e a suavidade não os acompanha. Não existe nem, ao menos, uma lua escondida para apaziguar a vontade e os

sentimentos. Aí, então, estavam eu e a noite. Planejei o dia e em tudo que faria morava a densidade da ternura. Ao acordar, me lembrei de meu pai e o amei tanto como nenhum filho poderia amar. A pobreza tem disso, pode trazer a reverência, a humildade e a doçura: era o que estava comigo ao acordar. Ah! Se eu pudesse erguer sua cabeça, meu pai. Faleceu sem levantá-la. Senti que minha mãe, ao menos, poderia ter minha presença. Se não devolvesse o orgulho ao meu pai, afastaria o abandono em minha mãe.

Levantei-me. Sabia que minha mãe não me acordaria. Seu prazer era saber que seu filho estava protegido em sua casa e, enquanto estivesse quieto, não buscava outras loucuras. Curiosamente, me lembrei de Mercedes e Soledad. Me consolei pela primeira, que estava bem, ainda que com saudades de aventuras. Me entristeci pela segunda, estava em dívidas com ela.

— Bom-dia, mãe!

— Bom... e a voz estava leve. Passou bem a noite?

E veio o café, cheio de pães e misturas.

As narrativas de minhas loucuras não fechavam com seu entendimento a respeito da vida. Ria com certa compaixão. Perguntei pela professora Antônia, a mais augusta cuidadora. Se não fosse ela e a santa que estava ao meu lado, acabaria, além de aventureiro, um homem violento. As duas seguraram minha perversidade, deixando-me apenas um errante. Arrumei meu quarto. O pequeno gesto valeu uma desmesurada alegria de minha mãe. Minha ação valeu-lhe uma bravura.

— Agora sei que vais ficar comigo, meu garoto.

A professora Antônia

Antes de ir até a casa da professora passei pelo lugar onde meu pai trabalhava, há 40 anos. Nada modificado, tudo da mesma forma em que vi meu pai carregando e costurando sacos. Desenhou-se mais uma vez meu pai. Em sua figura, ideias loucas se aproximavam soprando degradações. Sabia, desde Marselha, o quanto os trabalhos pesados consomem com a vida dos trabalhadores em razão do desgaste. Muito há que se fazer para a dignidade e não se morrer como máquinas. Mas meu caminho me levava até a casa da professora Antônia, a augusta geradora de virtudes.

Bati à porta e lá estava a muito zelosa professora Antônia. Em nada mudara, apenas o tempo deixava sua erosão. Os mesmos gestos moderados e afáveis. Mantinha um misto de austeridade e bondade. Pudera! Pôr em ordem o espírito de uma criança que carrega a indisciplina não é para qualquer pessoa. Foi logo perguntando sobre o que fizera da minha vida. Mostrei-lhe, minimizando meus males, para alegria imensa nos seus olhos, a educação de seu aluno. Expliquei:

— Fiz de mim o melhor que pude. Meu jeito inquieto conseguiu ver todos os horizontes. Sei que não tive solidariedade para com minha mãe. Mas de pouco adiantaria eu ser bom, mas triste. Poderia, com a mesma disposição e velocidade, colaborar com minha cidade, mas andaria pouco mais que um animal tonto e revoltado. Gostaria que ficasse claro que não perdi a bondade e o cuidado. Por onde andei não fui ausente, mas tinha a generosidade e a alegria colhida em minha escola. É pena que fui inconstante, todavia exuberante de vida.

— Bem que eu falava pras minhas colegas que nem sempre os mais aplicados e os mais obedientes tiram o melhor de nossa pedagogia.

A escola sabia das dificuldades de tua casa. A pobreza sempre traz consigo outros problemas. Tua mãe nos havia contado sobre teu pai. A memória de uma professora é aguda.

— Pois é, professora Antônia, achei que andar pelo mundo seria uma boa solução. Os conflitos também apresentam formas criativas de viver.

— Ao menos a metade de tuas professoras cuidou de ti, que mais parecias um vento forte. Lembro-me da professora de artes, a Belinha, que estimulava que tu pusesse em desenho as casas e as pessoas. E lá vinham casas tortas e bocas abertas, assustadas. E a professora de literatura, que não cansava de escolher textos cheios de alegria. E a de geografia, que mandava a todos cuidar da casa como se fosse do próprio corpo. E quantas vezes eu e a professora Serena pedimos para escrever com tua mãe sobre o carinho necessário a cada hora que passa. Lembra a prô de história, de quem não me lembro do nome, pedindo que cada um soubesse ter sua independência e que cada aluno fizesse uma tarefa que incluísse um pouco mais de liberdade a alguém. Acho, Manuel, que cuidamos de nossos alunos, apesar de todas as dificuldades.

— Pois é, professora Antônia, a gente nem sempre percebe o bem que está recebendo.

— E tem mais, muito mais! Quantos dos alunos não tinham apoio nem em sua casa? Aí é que educar passa para muito além dos livros, pois o abandono tem disso: deixa o aluno torto e qualquer ato se converte em ameaça. Então os alunos se defendem agredindo o pouco que lhes sobra e no pouco em que se tornaram.

— Prô Antônia, eu era um abandonado?

— Não, mas era esse teu sentimento. Tuas raízes fincadas em teu pai não davam conta de uma fortaleza. E tu sabes bem por quê. Teu sentimento de perda te fez voar em busca de tantas coisas.

— Acho que é isso mesmo.

— A escola tem muito orgulho do teu jeito de ser e se sente responsável de ter um cidadão do mundo.

— Será que fiz o melhor que poderia fazer?

— E quem é que sabe do melhor pra vida?

— Nunca pensei sobre quanto cuidado estive comigo.

— Há uma nova maneira de se terem os alunos. O tumulto das casas é grande e a escola pode contribuir para que as crianças tenham o maior cuidado. E tua mãe nunca esteve sozinha contigo. Ela sempre contou com as professoras.

Depois dessa conversa andei a esmo. Meus sentimentos estavam melhores. Senti saudades de Soledad, que me fizera maior durante quase um ano. Comecei a me perguntar: que cuidados posso oferecer? O primeiro de todos foi o de conceder todas as imagens e histórias colhidas por terra e por mar. Sei que minha alma é de voos inconstantes, mas quem sabe fique com as aves de arribação, sabem sobre o melhor lugar onde se viver.

O amor manuelino

A canção diz que *O amor é um pássaro rebelde que não se pode aprisionar*, mas creio que não é bem assim. Existem certas condições que tornam melhor a oportunidade, quase certas leis, que podem fazer a ternura surgir. Como se fosse um canto que imitasse o pássaro rebelde, aproximando-o de nossa janela.

Tenho pra mim que o amor seja uma visita a Toledo ou, simplesmente, uma gaivota seguindo o navio, tendo dele alimento e... viajar. Entrar em tudo como se fôssemos a melhor visita. Sim, sim, é ter, como a professora Antônia, o cuidado. Qualquer cuidado que nos defenda de um grande ou pequeno mal. É deitar raízes de admiração numa criança ou no jovem, que vê o mundo com seus próprios olhos. É cortar a violência com austeridade e respeito, bem do jeito de Antônia. É a história, a geografia e a matemática em sua ordem. Tem mais, que é reconhecer nos outros o que está visto ou oculto. É determinar os desenhos aí postos sem restrições. Assim na terra como nos céus. É tomar nas mãos e nos olhos uma folha que cai ou uma catedral. É ter o passado como o presente e igual ao futuro, sem amarras. É perdoar, uma vez que se pode ter a mesma maldade. E quem sou eu pra saber do melhor jeito de se fazer a vida? Um diabo falando sobre a conversão das almas.

Chega de ilações sobre as formas doces de fazer a vida. Vou aos fatos, que se precipitam no meu retorno. Abro meus emails e lá está Soledad, mostrando-me o tamanho de Toledo e Barcelona. Se eu estava até bem pouco carregando um louco, feito o cavalo de Quixote, agora teria minha aventura de fazer a realidade ter suas loucuras. Aproveitaria as circunstâncias e nelas me consagraria o quanto pode uma frágil criatura, medida à escudeira da divindade. A delicadeza com que me convidava para ser parceiro de suas andanças me agradou. Ao final do texto, no qual

se encantava com o trabalho aprovado para comunidade de Catalunha, dizia ter encontrado obras dignas de Picasso e que agora propunha o mesmo projeto para a comunidade de Castilla-la-Mancha. Ao final, convidava-me de forma delicada: apreciaria muito tê-lo mais como meu companheiro que avaliador. Falei-lhe de minha inclinação em aceitar ser representante de meu tio para um país do norte da África. Se ela aceitasse em me haver como companheiro, desejaria estar com ela. Confessei-lhe minhas penas como ser provisório em tudo, mas que estava tomando um banho de raízes e de cuidados, a ver se aprendia a ter mais profundidade em meus costumes. Queria uma ética menos passageira. Falei de minha mãe e de minhas primas. Dizia: me concedi o direito de ter maior presença com ela e minhas duas primas. Não queria que as duas tivessem em mim um exemplo tão importante que as deixasse sonhando com castelos, mares, paisagens sem a conquista de intimidades e de uma boa casa, onde pudessem abrigar um destino mais seguro que o meu.

Depois dessa mensagem me encontrei com Marietina. Louca por gente! Falou da conclusão do curso de Serviço Social. Não tinha dois meses do término e fora selecionada pela prefeitura pra trabalhar com uma pequena comunidade, uma vila mais pobre que a de Sancho. Falou-me com desvelo sobre o cuidado. Sabe, Manuel, gestava as palavras com afabilidade, me sinto realizada em dividir minha vida com a vida de quem anda de boca torta de tanto pedir socorro ou de boca calada por nada mais esperar. Levou-me até sua casa pra mostrar-me seus dois pirralhos. A doçura de gente que nasce bem. João Pedro e Pierina, as vontades das crianças se expressavam com ênfase. Marietina, orgulhosa escolhia as palavras pra dizer claramente o quanto João Pedro e a pequena se inclinavam também para o domínio do inglês. Ria eufórica. Um dia minhas crianças vão atravessar o mundo. Vão fazer o que a mãe não fez. Questionei Marietina sobre o fato de ela pensar em não poder atravessar o mundo. Poderia fazer um estágio na Itália e ver como lá se dão os cuidados na direção das necessidades sociais. Encontrei com Humberto, seu marido. Eta, como Deus, às vezes, é módico na concessão da alegria e da doçura.

Mais tarde retornei ao meu computador. Uma frase somente dela: *estoi mui encantada con tu charla!* Na resposta a Soledad não pude ocultar meu entusiasmo: nada mais disse. Esperava que se deslumbrasse com a esperança de poder contar comigo, já não mais de forma tão provisória e desamparada. Havia sido tão desumano com ela. Sei que me amava e nada poderia exigir de mim, nem, menos ainda, contar com alguém tão inconstante como eu. Respondi afirmando que poderia contar mais comigo.

Me encontrei mais uma vez com a professora Antônia. Ela veio até a casa de minha mãe. Andei comprando um material e eu mesmo comecei a aprumar janelas e portas. Mais que tudo, queria pôr cores, trazendo mais alegria. Quando concluí de dar um novo assoalho, não havia dúvidas: havia uma casa, um ninho verdadeiro, uma toca cheia de proteção. Quando ela chegou, me abraçou com ternura por me ver dando alegria à minha mãe. Pois não foi que dona Genoeffa até pegou uns quilos, tendo o rosto mais corado e na boca mais sorrisos. Vendo isso Antônia brincou com minha mãe falando que já não era sem tempo que o filho devia fazer o que estava fazendo.

A surpresa soledade

Não esperava, mas aconteceu. Soledad apareceu em Passo Fundo. Veio de mala e cuia. Não deixou por menos. Disse que queria conhecer o Brasil pra sentir a diferença da Europa com tudo que aqui havia. Senti que se marejavam os meus olhos por ver o que estava diante de mim. A mulher mais linda. Ouvi mais de sua boca, antes de o corpo tê-la com ternura: *Piensas que te quedas sin Soledad? lo quiero el loco de Passo Fundo! Estoy cá para mirar el milagro de La Virgen de Leganés. Un hombre contento em su casa!*

Quando nos abraçamos, foi como se se multiplicasse minha alma e havia fervor em meu corpo. Não mais carecia de andar contemplando o mundo, nela ele se resumia. Os olhos de Soledad tinham um brilho agradável de quem está satisfeita. Eu, transbordando por me visitar. E já me perguntava o que faria com que aquela linda mulher? Eu narrava, com toda alegria, o quanto fora maravilhoso o aprendizado sobre as artes em telas. Ela, mais agradecida do que poderia esperar. Avassalava-me, então, a certeza de que o reconhecimento que obtinha em seu trabalho era o principal. Me amava, pois que recebia a admiração das comunidades. A alma da Espanha se desdobrava em cores e eu tinha parte nessa história. Contribuí muito para que ela obtivesse uma efetiva e boa percepção de si. Transcorriam os sentimentos como fonte a irrigar as calcinações. Os influxos que a deixavam tão bem, como num espelho, se refletiam em mim. Nesse vaivém de emoções estávamos os dois tão bem que transparecia a vivacidade de nossas vidas naqueles primeiros momentos.

Havia falado pra minha mãe a respeito dela e do quanto traduzia o cuidado num momento que andava com uma mão na frente e outra atrás. Quando ela viu a deusa espanhola, teve uma reação em que se revelava preocupação. Não poderia deixar de julgar que assim se expressava pelo

receio de que eu fosse embora mais uma vez. Foi aí que descobri todo coração inteligente e amável de Soledad. Desdobrou-se em amabilidades para com minha mãe. Mostrou-se bondosa em lidar com os temores de minha cara Genoeffa, dizendo-lhe que não viera pra levar seu Manolo. Apenas estava aí por saudades e curiosidade em torno do Brasil. Não perdeu tempo em falar de meu trabalho em Madrid. Perguntou sobre como eu havia desenvolvido o talento pelas artes e o meu jeito simples e amável de ser. A velha senhora, por sentir o elogio de seu filho, desarmou-se e discorreu, de forma inusitada, sobre as dificuldades que tivera em me ver um homem de verdade. Começou falando: lidei com todas as dificuldades, mas não perdi a esperança. Passei minha vida agarrada a Deus e a Nossa Senhora. Aí foi a conta. Soledad não se conteve e as duas, então, passaram a falar da santa e de seus milagres. Genoeffa mostrava os incontáveis milagres de Aparecida e Soled discorria sobre a Virgem de Leganés. Ouvia e traduzia as diferenças, parecendo apenas um tradutor, tamanho era o envolvimento das duas. As duas haviam se identificado, fosse nos cuidados por mim, fosse nos desvelos das santas. Ambas haviam se tornado uma na outra pelo reconhecimento da religiosidade e do sentimento familiar. De fato, o poeta português tinha razão: tornamo-nos aquilo com quem simpatizamos... seja uma pedra, seja uma ânsia... seja uma multidão ou um modo de compreender Deus. Era tanta a simpatia mútua que acabaram as duas abraçadas quando Genoeffa, derramando uma lágrima, mostrou-lhe seus desejos difíceis de serem cumpridos sobre mim. Soledad animava-se: *No te preocupes, Genoeffa: Diós está mejorando Manolo! La Virgen, que tiene ardores em el pecho, no quedó sorda!* Preparei um churrasco, convidando também a professora Antônia e seu marido. Vieram também Adela, Marietina e o tio Guilherme. Todos estavam encantados com as histórias de Soledad. Enquanto cuidava dos espetos para que a carne chegasse boa à mesa, fui reparando de como o mundo gira suave de uma alma para outra quando o momento é bom. A dramaticidade espanhola corroborava para o encantamento. Em tudo havia simpatia e bastava existir para que tivesse razão de ser, tecendo uma agradável unidade. Aos poucos o pequeno grupo se dispersou. Ia levar Soledad ao hotel, no que fui impedido. As

duas primas forçaram para levá-la à casa delas. A minha casa era pequena para acolhê-la. Soledad olhou para mim, desejosa de que eu fosse junto. Disse-lhe que tivéssemos um pouco de paciência para não parecermos levianos para minha mãe. Entendeu o recado.

Quando sozinhos, falei à mãe que não tivesse nenhum receio. Não iria embora *con señora Soledad*. Iria mostrar-lhe a região das Missões. Retornaríamos, eu ficaria e ela voltaria pra Espanha. Somente então desapareceram as nuvens que toldavam Genoeffa.

São Miguel das Missões

Pernoitamos em Santo Ângelo. Muito se pode dizer de encontros, entregas, fome, ardor, fogo, paixão e outras extravagâncias, mas de minha parte aquele foi o mais intenso exagero: minha decisão de retomar o absoluto de nosso relacionamento, ainda mais confiável. Buscava acertar minha vida nas lembranças maiores do meu passado. Soledad, sabendo-me mais inteiro e mais feliz, soube-se também mais inteira e mais solta. Bem via em suas palavras um escondido temor pela minha volubilidade. Agora, como todo ser vivo, sentia o chão mais fértil e promissor. Dizia-me, por entre frases, ter orado pela minha humana salvação. Sabendo agora dos cuidados havidos e da sobriedade do meu lugar, não lhe fugia a confiança. Eu dava a entender que, quando retornassem os dias de Madrid, teria mais amor em conhecer seus pais e sua pequena irmandade. Nítido ali: posso estar em paz e protegida sob teu olhar junto aos meus. Era isto que seu corpo queria dizer: minha alma está cheia de graça e a vida, tão breve, não pode ser desperdiçada em lances fortuitos.

Manhã clara de ofuscar. Comprara um pequeno carro e íamos de Santo Ângelo para São Miguel das Missões. De repente, como se num sonho aparecesse uma dor em forma de pedras, ali no descampado a desolação na figura de uma igreja. O silêncio retumbava na alma em soturnidade e com um efeito acabrunhador. Têm-se a sensação de um holocausto e uma saudade penetrante de uma vida deletada. Um reflexo rude, quando evocado, assombra. Ao lado uma casa em que se guardam as relíquias, algumas inteiras, outras ofendidas e sem braços, revelando a indefensividade da pobre gente. Soledad soluçava baixinho, mesmo não sabendo da história. Eu conseguia, entre silêncios, dizer. Espanha e Portugal, para resolver a posse de terras daqui, pelo tratado de Madrid, de golpe, finalizaram os contínuos desentendimentos. Portugueses querendo

o Rio da Prata, por questões de negócios, e espanhóis que a extensão das terras viesse até aqui e muito mais. Para calmaria dos brancos do além-mar estava resolvido, 1750, que a colônia portuguesa do Santíssimo Sacramento, localizada junto ao rio da Prata e em frente a Buenos Aires, seria da Espanha, e esta região, de Portugal. Meus deuses, da maior tristeza e irreverência universal, infâmia nunca dantes vista e em lugar algum praticada: que os índios dessa região se transpusessem para os lugares de Espanha, que adquiria, por negócio, todos eles. A comunhão amável com a terra se perdeu pela insólita e absurda decisão. A revolta dos guaranis foi geral. Os jesuítas, por mais fechados que fossem, não comungaram dessa covardia. Se, em vez de sinos, tivessem construído canhões, a história poderia ser outra, mas não foi. O genocídio foi completo. Foi uma guerra de flechas contra canhões. Em lutas bárbaras e inconcebíveis foram se exterminando os índios, que morriam por espadas, doenças, tiros e cavalos espanhóis e portugueses. Agora sobram essa sepultura silenciosa e uma igreja que se vê como símbolo da ignomínia. Ali no pequeno sacrário das imagens restantes, cristos, nossas senhoras, anjos, santos, a maioria já desfigurada, testemunham a impotência da santidade contra a sanha de bárbaros. Sobram, como sempre sobram, na imprevisão dos fracos, índios perdidos no campo e mulheres, presas fáceis de abusos e doenças transmitidas. Que morra a pobre gente em nome das decisões maiores! É isso o que mais aconteceu. Tudo é terminado em 1756, sobrando restos humanos, que caminham ainda hoje, desprotegidos. Nem tempo houve de reduzi-los novamente. Pombal, tão elogiado por lá, resolveu, em 1757, dizer que os índios sobrantes eram do Estado e que a Igreja nada mais tinha a dizer. Foram-se aqueles que erguiam as igrejas, suavizando as dores com outras promessas. De tudo o que havia sobrou o que você está vendo, Soledad.

Andamos depois vendo as pedras soltas e as firmes. Desenhamos, mentalmente, a cidade santa e as casas dos padres que tudo controlavam. Ouvimos as ave-marias cantadas por índios ainda presas nas paredes nuas. A santidade e o sangue dos mortos se misturavam causando-nos uma compaixão ainda maior. Acho que era isso.

Por vermos tanta infâmia e as maiores perversidades, sentíamos falta de proteção. Abraçados, buscávamos nos proteger enquanto tudo aparecia, semelhante aos ecos de uma vida distante, ainda lancinante. E dizer que fazia pouco, haviam trazido célebres cantores espanhóis para cantar hinos nessas ruínas. Aplaudiam as vozes maviosas e as louvações de todas as ordens, como se aí se casassem as divinas misericórdias e as soluções pacíficas, nas quais a palavra e o argumento honrassem formas humanas de existir...

Soledad, reflexiva, conseguiu dizer: e ainda mais se pode comentar, pois as piores coisas sempre se ocultam. Concordei e a fiz lembrar, para o cúmulo da dor, nas memórias de Saint Hilaire, que por aqui andou pelos anos de 1800. Pequenos índios, reunidos por outros padres, cantavam loas ao rei de Espanha, esquecida a língua de seus pais. Era inverno e o vento gelado levava as canções aos ouvidos do pesquisador.

Voltamos para Santo Ângelo e a noite, que poderia ser de grandes amores, se tornou mais triste e silenciosa que o urutau sobre os postes velhos das cercas.

Soledad, brincou, se acaso eu não teria coisas mais belas a lhe mostrar? Confesso que o comentário me irritou. Apenas respondi que as coisas belas não podem se afastar de verdades que nos incomodam. Ela não achou graça. De fato, estávamos sem graça. Por pouco não expressei que, se tanto criticavam os alemães pelo inferno nos campos de extermínio, não menos fizeram seus exércitos por aqui. Fiquei quieto, porque a culpa ou a acusação sem remédio resolvem pouca coisa. No outro dia, na direção de Passo Fundo, ela comentou sobre a minha origem alemã e italiana e o que me causava mais incômodos pela ascendência. Entendi que delicadamente se vingava de ter lhe mostrado o lado perverso dos castelhanos. Ao chegar em Passo Fundo comentei sobre os anos de 1600 e a situação das reduções daqui. Não tinha orgulho ao narrar a caça que os portugueses faziam aos índios dessas bandas. Já não sabia para onde pedia a balança dos vícios e das virtudes. De fato, a caridade cristã tem muito a compensar. E a minha trajetória tinha pouco a contribuir, uma

vez que a minha fidelidade era manuelina. Não tinha moral para mostrar os pecados dos outros.

As primas Marietina e Adela

Vou dar um tombo nessa história. O protagonista de vadiações e de outras vicissitudes não pode ficar aí se exibindo, a torto e a direito. Quem, ao final, vai dar tudo de si para que esse infeliz morra dignamente não pode ficar de lado como se fosse obrigação cuidar de parentes abandonados. Não! Vamos ser honestos com a mulher que se mostrará, como quase sempre acontece, gentil e cuidadosa a ponto de morrer pela missão que escolheu. É isso mesmo, as escolhas cobram seu preço e nem sempre, quando feitas, revelam, de cara, seus grandes limites. Mas isso é conversa pra depois!

As filhas de Guilherme e de Ernesta eram de dar alegrias. E deram tantas que vale a pena narrar o espírito santo que as habitava. Não sei o que leva a natureza a ser tão generosa em algumas casas e tão modesta e intrigante em outras. Guilherme não estava tanto para curtir suas filhas, mesmo que as tivesse em consideração. O trabalho ocupava o tempo e a maior parte do seu coração. Ernesta, uma mulher atenta, embora não desse um passo que não fosse no que lhe dizia respeito, amava de coração as suas filhas. Sempre atenta às roupas e que tivessem uma aparência bonita. Dizia ernestamente: de pouco adianta ter alma limpa se o corpo não estiver bem. Se uma casa veste uma família, assim as roupas vestem minhas meninas. Quero que estejam sempre bonitas. Quem é que gosta de ver o que não está bem. A sorte é que as duas meninas, além de sempre bem arrumadas, tinham uma alma extremamente interessante. De fato, o espírito de Deus, depois de haver se recolhido das águas, depositou-se todo nessas duas criaturas suas, divinas como todas, mas elas ainda mais divinas. Deus, não distribui o bem da mesma maneira e até está escrito que talentos diferentes, maiores e menores, são dados aos

filhos. E quem há de saber da sabedoria divina? O bem andava solto em torno delas e quando se entristeciam, e, se motivos teriam de sobra nesta vida, mesmo assim não ficavam de alma feia. As lágrimas que também insistem em habitar os olhos de todos não eram tão abundantes e, quando vinham às fontes dos seus olhos, eram breves, mais especialmente, ofuscavam o olhar de Marietina, pois que Adela trazia mais severidades. Não insistiam em lágrimas ou em fazer delas um meio de serem vistas. Não comungavam com a piedade humana nem divina. Achavam que cada ser pudesse ter razões pra ser feliz e, quando não desse, mais que se devia fazer era fazer acontecer qualquer coisa que trouxesse o que fosse de melhor. Toda criatura humana tem um fim e não serve de meio para abastança dos outros, cansava de filosofar a magrela da Marietina. Quando uma das colegas, desde a primeira até a última série de lições escolares, fosse infeliz em lidar com ela, ia direto ao assunto perguntando: o que é que aconteceu? E o papo ora ameno, ora severo, fazia vomitar o mal, e nada disso penetrava no sangue. Poderiam, cada qual a seu jeito, ser consideradas uma perfeição humana. Nem as Sabinas de Michelangelo di Lodovico Buonarroti Simoni poderiam ser comparadas às duas. Poder-se-ia perguntar se tais figuras podem ser verdadeiras. Assim eram e pronto! E cada uma delas tinha seu jeito próprio. E a maioria das pessoas poderia ter jeito parecido ao delas. Se uma rama pode encantar, por que não pode encantar um ser ainda mais complexo? Cada uma trazia uma forma diferente. Se numa prevalecia a bondade, noutra a austeridade e a lógica. E por serem tão complexos os seres humanos, quando ficam tortos, não há estética que consiga endireitar, ou, para não se tirar esperança de ninguém, à custa de muitos exercícios é possível dar um jeito em seres tortuosos. Todavia, basta um descuido que os diabos todos voltam cheios de alegria, pra tomar conta do que é deles. Assim pensava Marietina, que de cuidado entendia tudo e mais um pouco.

Fiquemos com as duas que existe motivo suficiente para mais de um livro. Como já foi afirmado, pouco se sabe de quantos cuidados os professores podem se ocupar. E não é que Marietina, a mais velha, e Adela tiveram ao menos três professoras que tinham facilidade em operar

seus milagres e, quanto às duas, então, nem se fala. Se a massa era boa, em mãos dadas melhores se tornaram. Como tudo na vida pode se deteriorar, não pensemos em tanta fortuna por toda a vida. Mas também não pensemos que na falta de grande fortuna não possa acontecer a condição mínima da dignidade. Há quem diga que a felicidade reside justamente no equilíbrio entre o desgosto e a recompensa. Outra questão ainda se impõe: que a felicidade não existe dentro, mas entre as pessoas. Isso é coisa boa, mas pode contribuir para muitos agravos. Nem sempre as vontades correm na mesma direção e nem sempre se acham os consensos para se deliberar sobre o melhor. Geralmente alguém sai de cara torta, julgando-se prejudicado. Fiquemos com as duas e vejamos no que tudo vai dar.

Vamos separar os destinos das duas para admirar os diferentes tamanhos humanos, que cada uma carregava poesias e tragédias que fazem o elogio, a graça e a desgraça. Veremos.

A trajetória de Marietina

Marietina, magrela de ruim, brincavam em casa e na escola, porque no garfo ninguém a batia. Comia de tudo e muito bem, e sempre naquela forma longelínea. Ágil como um beija-flor e falante como caturrita. Todos os movimentos não explicavam o gasto das calorias ingeridas. Desde quando começou a falar, expressava ideias interessantes. Podia ver o que outros não viam. Mostrava sua religiosidade por saber além das meras deduções. Admirava a ordem da natureza, com suas leis boas e severas. Em tudo pra ela sobrava um mistério de forças que não se explicava pela nitidez da ciência. Na escola não se contentava em fazer os temas de casa, por tê-los apenas de forma impessoal. Se mandassem que explicasse a orografia regional e a direção das águas com mapas bonitos de seus leitos, ia para as fontes e os cílios dos riachos. Certa feita, na aula de biologia, a professora trouxe à baila o tema sobre a genética, e ela, de súbito, afiançou à professora que se olhasse o perfil genético dos colegas para olhar de perto cada um o seu, apontando para cuidados preventivos. A professora não entendeu a questão posta. Depois da aula brincou em sua casa vendo quais eram as fragilidades dos ascendentes. Descobriu que havia uma bisavó, avó de sua mãe, que sofrera da memória e foi perdendo seu jeito de ser a ponto de não reconhecer a casa. Morrera mirrada e em posição fetal. Desejou, como nunca, que fosse um fato isolado, mas preocupou-se muito, julgando que essa seria a pior realidade para todos, e foi bem isso que a tia Genoeffa confessou, desejando que fosse um caso fortuito. O pai Guilherme apenas disse: é, de fato, a velha morreu caduca, pouco se importando com o acontecido. Apenas as máquinas moviam seus interesses. A mãe Ernesta o que mais queria era esquecer, emitindo uma decisiva opinião: o que passou, passou. Ainda brincou: espero que o raio não caia duas vezes na nossa família.

Nas aulas de história apreciava muito os acontecimentos extraordinários, como aqueles de dom Sebastião. O pai, tendo um distante sangue português, falava às vezes sobre esse rei. Bastou a professora tocar no assunto ao tratar de um termo chamado “sebastianismo” que não a deixou mais em paz enquanto não descrevesse tudo sobre tal memorável rei. Em meados de 1500 esse rei assumiu o poder com apenas 14 anos. Pretendia expandir a Igreja e seu próprio poder. Convidou o rei da Espanha para conquistar Marrocos. O rei espanhol, mais prudente, falou-lhe: tome cuidado que esses árabes não são bisca fácil. Metido como só ele, foi *solito* conquistar as terras de Marrocos e levou a pior. Morto em batalha com apenas 24 anos, ficou conhecido como *O Desejado*; é também memorado como *O Encoberto* ou *O Adormecido*, em razão da lenda que se refere ao seu possível regresso numa manhã de nevoeiro para salvar a nação portuguesa. Essa esperança de se ter uma governança justa e grandiosa para Portugal se chama “sebastianismo”. Não sei se você sabe, Marietina, que o pequeno Portugal conquistou terras do Ocidente até o Oriente. Isso também é o que acontece com a gente: sempre sonhamos ir muito além do que somos, e muitas vezes não ouvimos as lições dos mais velhos, como fez Sebastião ao não ouvir o rei da Espanha. Marietina, pensou, com seu zipper, que tinha tudo do rei Sebastião, o aventureiro, e carecia de dançar e orar pra São Vito, o dançador, tendo a mesma doença de seu primo Manuel. E rezava: *Querido São Vito, intercede por mim junto a Nosso Senhor Jesus Cristo, para que eu seja liberto do desequilíbrio emocional, para que tenha calma nos momentos de irritação, para que eu tenha força de vontade para enfrentar tudo que é negativo*. Sentia-se muito inclinada a andar em movimentos constantes e na direção de objetivos de grande pretensão. Riu-se consigo por pensar que se consumia como na doença de San Vito, que faz as pessoas terem movimentos involuntários. Os seus eram demais, enquanto os problemas permaneciam nos seus voos cheios de fantasia.

Sentia um prazer incomum por acreditar mais em sua fé que na realidade. As verdades não se inscreviam no que via, mas no que poderia ser, e quando se entregava a uma ideia, fazia-o tão bem que não

descansava enquanto não desdobrasse todos os meandros onde a realidade poderia se esconder. Quando na faculdade, vendo a vizinha de sua casa com uma criança diferente, motivo de compaixão por nascer disforme, não se contentou em vê-la como os outros a viam. Mesmo seus pais a olhavam como uma deformidade a ser escondida, e a pequena disforme ia se aceitando como diferente. Por ser a única tão desigual não sofria, pois não se encontrava outra para comparação. A desqualificação não era vista como mínima ofensa e nenhuma outra virtude era encontrada, pois não sabiam lidar com tamanha diferença. O corpo sofrido encobria o mais que poderia ser. Marietina, aquela que via bem mais, percebeu que o sol poderia aparecer se a garota fosse vista além da sombria aparência. Assim se sucedeu.

Caminhando pela rua, viu a estranha figura da menina que mal se suportava de pé. Olhares de soslaio era a forma como a olhavam. Marietina, porém, indócil aos costumes, às formas de consenso e aos temores naturais, olhou nos olhos da triste figura, aleijada de pernas e mão. Tinha em comum aos outros viventes apenas os olhos. O resto estava em consonância com a distorção, não se sabendo como a natureza deixara um ser tão distorcido. Os olhos eram desviados, mas não os de Marietina. Ela os olhou e percebeu vivacidade e um pedido. Não é possível que não tenham o que dizer, pensou. Falou com sua mãe, que não lhe deu olhos nem ouvidos. Postou-se, então, seguidamente na rua buscando encontrar a menina, que descobriu ser Brígida.

Lá estava ela, balançando o corpo pequeno e disforme. Os olhos se moviam em sua direção, como um apelo. Mais abertos. Marietina chegou-se, pondo a mão sobre a cabeça da menina. A mãe quis afastá-la, mas as duas ficaram de olhares presos.

- Ela quer falar, insistiu Marietina.
- Ela não fala, falou a mãe, rispidamente.
- Posso brincar com ela?
- Somente lá em casa, concordou, contrariada, a mãe.

— Posso ir junto?

— Mas quem é você?

— Sou filha do Guilherme Angelin.

— Venha junto, então. É a primeira vez que alguém quer estar junto da Brígida.

Chegando à casa da menina, perguntou pelo nome da mãe. Ester era seu nome. Conversaram fortuidades. Dia seguinte, outras conversas sem muito destino com Ester. Marietina, vendo argila, começou a amassá-la e fazer figuras: pequenos carneiros, galos, galinhas, bois e outros pequenos animais. A menina, atenta. Marietina aproximou-se ainda mais, encostando seu corpo ao de Brígida. Tomou a mão disforme, de quatro dedos, e começou a movimentá-los formando pequenos seres. Um som gutural saiu da boca da menina. Marietina, percebendo a malformação da boca falou com a mãe Ester se poderia levá-la na sua dentista pra dar uma olhada na pequena. A mãe, ainda resistente, concordou, mas alertou que não tinha recursos pra grandes despesas.

— Deixa que eu vou ver com meu pai. Posso passear com ela, então?

— Pode.

Dia seguinte e muitos e muitos outros dias, Marietina tomou para si a responsabilidade. A irmã Adela disse-lhe que isso não era tarefa pra ela. Marietina apenas ficou triste. Adela afirmaria, dias depois, que poderia contar com ela, mas só pra ver o material de que precisava. Ernesta, vendo os esforços das duas, aproximou-se de Ester, criando-se uma pequena rede de apoio. Todavia, reticente, Ernesta falou.

— Não sei se vale tanto esforço. Ela se acostumou com o jeito dela.

— E se fosse sua filha, mãe, o que faria?

— Tá bem!

Encurtando a história: assim como uma rocha pode ocultar uma fonte viva, assim de Brígida resultou uma moça que, aos poucos, foi se tornando um rosto do qual não carecia desviar os olhos. Cabelos longos cobriam parte de sua face ainda em transformação. Ninguém poderia dizer que daí nascera uma mulher desejável, mas amável, sim. De fato, confirmou-se que se ocultavam virtudes que, a custo de muitos exercícios, foram formando uma mulher fisicamente deficiente, mas de uma rara inteligência. Os caminhos foram de pedras por razões de exclusão, mas Brígida, por crença de Marietina, acreditou que pouca coisa é intransponível. Sem delongas na história, Brígida tornou-se uma escritora sensível e uma professora que, inicialmente, causava constrangimento aos alunos, mas logo a seguir as palavras deixavam a alma da maioria com boa disposição para aprender.

A relação de Marietina e de Brígida tornou-se profunda e, numa tarde, entre ventos fortes, ouvia-se.

— Marietina, quem seria eu se não fosse você?

— Não diga isso, qualquer pessoa poderia descobrir tua riqueza, que é tanta!

Nada se fazia na vida de Marietina sem a graça de Brígida. Tanto que Marietina percebeu que, aos poucos, sua forma de ser tornava-se semelhante ao jeito de Brígida. Ambas se formavam em percepções e encantamentos exuberantes. Com muita dificuldade ambas tomavam caminhos diferentes, tão fortes os vínculos.

Pouco ainda se tem a dizer sobre os primeiros amores de Marietina. Encontrou-se com diversos meninos e outros mais velhos. Tinha apenas 16 anos, mas havia se enriquecido muito com Brígida, a ponto de ter dificuldade de admitir a pouca sensibilidade e a pouca percepção nas conversas amorosas. Sentia uma atração inicial, mas rapidamente tudo secava como um sol causticante cresta a delicada planta. Dizia em seus pensamentos que era mais complicado encontrar o amor que a inteligência e as palavras de Brígida. Mas... quem há de saber algo do imprevisível.

Casou-se com um homem sem grande expressão. Brincava: nem sempre o corpo corresponde aos apelos da alma.

Os caminhos de Adela

Ouvia-se Adela repetir para a irmã o mesmo chavão: é preciso olhar bem e não ficar aí vendo o que não existe. As conversas das duas se tornavam interessantes, porque mesmo que tratassem do mesmo assunto, parecia que conversavam de outras coisas. Se Adela dizia que o primo Manuel estava entre Tenerife e Alicante, Marietina ia além de espreitar a trajetória. Avaliava os sentimentos de quem vai ao encontro da Espanha: coisa mais linda deve ser encontrar-se em outro lugar e pôr os olhos pela primeira vez numa terra de gente animada. Não é por nada que os espanhóis não medem as consequências do que fazem, sempre andando como pássaros migratórios. Não tem muita importância para a Europa, mas tudo parece extraordinário quando pintam, bem de acordo com o que Manuel andou dizendo num dos emails. Temo por mim por ser tão extremada a ponto de quase me converter no que eu amo. Por isso, tenho minhas dúvidas se amo meu marido o quanto deveria amá-lo. Desse jeito eu não me converto nele nem ele em mim. Quase desconhecidos. Estrangeiros do mesmo teto. É então que me vejo atenta a tudo que Manuel comenta em seus emails. Do último me veio a ideia de não saber se sou o cavalinho de Quixote, que carrega sonhos dos outros, ou se sou o próprio sonhador de quimeras. Seguiam-se os comentários das duas diante dos fatos e das diferenças. Acentuavam-se muito as percepções quando se tratava de Manuel.

— Vocês dois se merecem, dizia Adela, já de pensamento prático como o do pai. Vê só, Marietina, da Espanha você foi parar no teu marido e dele em Dom Quixote. Tenha dó!

— É melhor do que ficar aí olhando as coisas como elas são.

— Cada uma na sua, minha irmã.

— Mas bem que minha irmãzinha gosta de ouvir as loucuras dele.

— É bom de ouvir, mas serve pra muito pouco. Vai bem como distração!

Ambas concluíram o 2º ano do ensino médio. Marietina havia rodado na 1ª série. A matemática não obedecia às suas loucuras intelectuais, nem às suas distrações. Ao contrário, a disciplina mental de Adela era uma retidão só. A lógica e as medidas habitavam seus neurônios. Havia tal disposição de ir e vir com o pensamento que nada se contradizia. É um pensamento cheio de argumentos, pontificava a professora de língua portuguesa para dona Ernesta. É verdade, acrescentava, não tem muita poesia nem fanfarronices de adjetivos e parábolas, tampouco metáforas. Está mais para uma linguagem acadêmica que literária. Enquanto em Marietina as coisas se dobram e se transformam, em Adela se impõem. Em tudo a natureza das entidades mantém sua inteireza, integridade e identidade. Nela não adeja o encantamento. Os pássaros são pássaros e não se confundem com aves que, ao entardecer, se enchem de chamas à luz da tarde. Dona Ernesta não entendia toda a diferença de expressão, mas sabia que as duas não se assemelhavam. Sabia que, quando Adela falava, ela podia confiar, enquanto a fala de Marietina vinha com vestes de sedas, portas e janelas, e aí tudo se escondia. Certa feita, as duas foram apanhadas fumando. Adela apenas disse: estávamos fumando o cigarro do pai. Marietina foi dizendo que se sentira atraída pelo cigarro e, que se seu pai fumava, poderia fazer o mesmo, tendo em vista que experimentar apenas não faz mal, ela, se não fumasse, como poderia dizer que o cigarro faz mal, sabia, isso sim, de ouvir dizer, mas agora estava sabendo que a fumaça nada tem de agradável, mais ainda: não se agradara do que sentira e iria dizer a todos que o cigarro não dá prazer. A mãe, atrapalhada no meio da arenga, já não sabia mais o que dizer.

Os corações perfaziam trilhas completamente diferentes. Adela não se prendia, concedia a cada coisa o tempo necessário. Mantinha ligações de pouca profundidade, isto é, não se atinha a nada a ponto de

podê-la perturbar. Nada era tão perdurável que não se desatasse. O que não conseguia resolver mantinha à distância e sem precipitações de vontades e desejos. O que resolvia estava resolvido, e ia adiante como que passasse pela vida, não a vida por ela. Mesmo a alegria era uma alegria educada. Media, com medidas de qualidade, opiniões e decisões. Quando tomava uma direção, estava mais para ser inarredável na sua trajetória. A força, é certo, não a demovia de seu pensar; somente arrazoados bem-feitos podiam demovê-la de sua trajetória. Tinha o que mais queriam que Marietina tivesse: autonomia. Qualquer situação irregular perturbava Marietina; ao contrário, em Adela havia a prudência sem peias. Marietina sentia tanto as circunstâncias a ponto de se deixar afogar. Então, a bondade de Marietina muitas vezes era mais insidiosa que boa. Marietina estava mais para ser mística e religiosa, enquanto Adela formulava sua vida em termos argumentativos e com elementos de convicção. Se Marietina transcendia às virtudes da santidade, Adela, às da razão.

No caso de Brígida, foi muito interessante a conduta de Adela. Não demonstrou irritação pela persistência da irmã. Tampouco ficou de lado, como que dizendo: quero ver a minha irmã Dulce se dar mal. Pois bem, tinha um coração bom, mas não se deixava levar pela emoção. Ajudou até a procurar maneiras de alfabetizá-la, ajudando na escolha dos primeiros livrinhos. Montou, inclusive, uma história para que Brígida se reconhecesse como um ser de respeito, apesar dos limites que a natureza lhe dera. A história continha um cachorrinho de uma pata só que, ao final, por esperteza e muito exercício da faltante patinha, arranjava uma maneira de ir além dos outros cachorros. Não buscou piedade de ninguém. Afinal, uma perna bem posta e forte pode mais que duas sem grandes pretensões.

Se Marietina ia além do necessário e Adela controlava os eventos sem precipitação, ambas tiravam lucro das recíprocas visões, entretanto não havia como confundi-las. Não eram tão intransfundíveis como água e óleo, contudo cada uma mantinha traços bem definidos. Por exemplo: Adela carregava, na maioria das vezes, uma certa ironia, vendo que ao

final de tudo poucas ações saíam conforme o que havia sido previsto. As palavras adelas refletiam um certo amargor. Tem mãe que sonhava fazer de seu filho um general, sai daí um pequeno negociante. De um casamento que prometia, às vezes, sai mais dor que amor. A mulher cuidadosa, que sustentava uma fé inabalável de que Deus a deixaria viva, acabara de morrer com todo socorro o médico. Desse jeito e em tantos outros amordaçava suas ironias, para não estragar o ambiente dos outros. Aprendera a brincar para não se tornar ofensiva ou mordaz. Consolava-se como ninguém diante do inevitável, dizendo que as leis possuem seus limites e que na vida tudo leva à morte. Porém, enquanto ela não chegar, que se viva aceitando-a e metendo a mão da melhor maneira possível. Uma vez somente se permitiu sonhar: foi quando encontrou, com 15 anos, um rapaz bom, o filho de Aristides. O que aconteceu foi muito interessante. Quando começou a andar de um lugar para outro, distraída como João-de-Barro na primavera, foi logo sendo chamada para prestar atenção no que fazia. Não aceitava que seu coração, sempre tão domesticado, se entregasse a um menino menor que ela. Não sabia o que fazer, pois, menina vistosa, caíra nas graças de Nicolau. Desde o nome até o tamanho era motivo de brincadeiras. Vou resgatar a dignidade desse piá, confessou pra sua irmã. Marietina percebeu logo que o resgate ia além de um ato de misericórdia. Certo dia, Adela foi surpreendida olhando entre devaneios para um horizonte indefinido, em estado de êxtase. Apenas se perguntou pela mulher que se dizia acima do coração. Ela se pôs a chorar. Revelava-se toda a verdade. A coisa era séria. O amor estava sendo uma forma perigosa à própria dignidade de Adela. Algumas colegas já começavam a perceber que ela não conseguia desviar os olhos do menino sem graça. Voltou-se desesperada para a irmã que era toda derretida pelo mundo e a humanidade: O que é que eu faço? Marietina ria-se toda. Vamos sem mágoas brincar com o teu coração. Assim, dias e dias se passaram e as duas brincavam, fazendo de conta que conversavam. Trocavam palavras amorosas, sendo Marietina o Nicolau. Aos poucos o amor imorredouro foi se fragilizando, a ponto de Adela, depois de dois meses, exclamar: que coisa é essa o amor que se gruda todo. Pior estava o menino Nicolau, que, surpreso com seu poder de encantamento, começou a admirá-la e a

devolver-lhe olhares de querer. Como Adela possuía uma verdadeira noção da reciprocidade, bem mais que a irmã mais velha, disse que não poderia deixar de reparar sua precipitação. Não é justo o que fiz: afinal também eu sofreria se alguém me provocasse e depois me deixasse como uma perdiz perdida no campo. Até um animal sente o abandono. Marietina, vendo a irmã em outra dificuldade disse que não era bem assim: afinal, lembrou a professora que comentara o livro *Sorriso do lagarto*, em que foi falado que animal não é sujeito de direito, se assim fosse a onça teria direito de comer a gente, e o boi também. Veja, então, mana, Nicolau não pode exigir teu amor, pois não é sujeito de querer tua vida; a liberdade de ir e vir é direito humano. Se te dói deixar de lado o garoto, pensa que pior será continuar essa vontade de resgatar a dignidade que virou quase paixão. Brincou mais uma vez: engraçado, a pessoa toda certa e concentrada às vezes se perde em pequenas coisas. Mana, vai lá e faz os outros o verem melhor, isso também é amor. Assim, ele se torna um sujeito maior. Adela, naquela noite, rezou por toda a humanidade, sabia agora que ninguém é tão poderoso. Percebeu que na vida ela não era a tal. Não concordava com Ubaldo Ribeiro, que escreve: temos de pegar as nossas coisas com nossas mãos e decidir até mesmo quando queremos morrer. Nem tanto, nem tanto... Um papo qualquer pode ajudar mais do que nossas mãos, certificou-se. A ternura nicolau desapareceu como a bruma da manhã com sol.

O retorno de Soledad

Todos os encontros poderiam ser singulares se os personagens tivessem um pouco mais de esmeros, mas não se pode exigir que todos estejam sempre atentos quando se reúnem para conversar. Preciosos momentos seduziam Soledad e Manuel. Os mesmos em que Marietina, Adela e Soledad encontraram-se juntas: esmerados e alegres, facilitando a que cada uma delas apreciasse a singularidade. Não chegavam a qualquer destino senão ao de estimar o que as distâncias negavam. Então, de qualquer jeito, que tivessem mais em conta a proximidade de si mesmas. As duas irmãs, aparentemente, foram as que tiraram mais proveito, pois ampliavam não só a compreensão da humanidade pelos lugares diferentes e pela alma que se expressava em acontecimentos e artes. Todavia, não era bem assim. Soledad expressou-se com vivacidade ao explicar o quanto compreendera o estilo de ser do lugar delas. Assim, tomou para si parte dos jeitos de Manuel. Sabia que o sofrimento absurdo do pai empurrara para longe o seu filho, mas o espírito aventureiro habitava cada canto. Um lugar tão novo ainda possuía lances homéricos. A história exigia a criação de um perfil ainda não constituído, convidando a todos pra que dessem jeito ao desconhecido. As fontes das gentes daqui não se tinham feito um rio. E por carregar consigo todas as novidades partiria contente.

Dia antes da partida de Soledad, família reunida, Adela percebeu os dois juntos como árvores do mesmo tronco. Chegou-se e disse que desejava que os dois estivessem sempre assim. Confessou que havia gostado muito dela, mas que tivesse rédeas curtas com seu primo. Não era animal de doma fácil, comentou rindo. Manuel aproveitou a hora pra fortalecer a certeza de seu amor, publicando seu amor por Soledad. Todos ficaram admirados, mas ele explicava que, de fato, fora um viajante de

muitos lugares e habitante de muitas companhias. Estaria ora em casa, cuidando da mãe, ora com um pé no avião, tendo cuidados de estar com Soledad. Espero que me acostume, tendo virtude suficiente para ser honesto. A conversa tornou-se agradável. Ninguém mais feliz do que dona Genoeffa. Sabia que poderia contar com a presença mensal do filho. Ela falava alto pra quem quisesse ouvir. Sua voz alterara-se em muitos decibéis desde a vinda de Manuel. Ela opinava: a minha voz voltou a ter um som que até a mim me agrada. Ouço nela a minha alegria. A gratidão de meu filho mostra que valeu ter estado ao lado dele e ter exigido que se temperasse nos estudos. Não quero que fique em minha casa para me agradar, mas para que tome alento. Ainda sou a sua mãe. Estou de olho nele. Todos riram com a fala entusiasmada da velha senhora. Manuel correspondeu às palavras da mãe, confirmando a necessidade de estar ao seu lado, mas que uma mãe de beleza tão brevemente recuperada poderia encontrar ainda um homem que a tornasse ainda melhor. A casa encheu-se da maior alegria. Dona Genoeffa não deixou por menos: é verdade, estou muito feliz e estou de amor incontido. Isso não significa que dispenso o amor de Manuel. Quando chegou a vez de Soledad expressar seus sentimentos, ampliou-se o sentido de uma casa. *Yo conocí Manoelito...* Homem assustado e de pouca segurança. Garanti pra mim que aí estaria quem saberia amar. Seu corpo apenas carecia de uma alma mais firme. Acho que não está arrependido de ter se agradado de mim. Não quero perdê-lo pelo mar, pelas paisagens e por todas as coisas que ele encontrará em seu caminho pela África. Quero ser sua companheira para que, cansado de noite, possa ter a mim vivamente, ou por imagem da internet. Não é voando como pássaros loucos que deciframos nossa vida. Mas de todo o jeito que for, não quero que se sinta responsável por mim; apenas quero existir com ele.

Querida Soledad, falou Manuel, você me falou de um sonho. De um jardim de todos os cuidados. Já cansada de cuidar das rosas, viu que uma vaca não queria ter apenas a grama, mas também as rosas. Você dava tudo de si para que a vaca se contentasse com as gramas. Ela se movia querendo comer as rosas. Assim foi, e assim é a minha vida. De um

lado, o capim de um campo imenso me chama; de outro, rosas. Bem mais que a vaca devoradora estou eu. Andarei pelos campos e não devorarei as rosas sem cuidado. Respeitarei o lugar das flores. *Soledad, no tengas miedo! Voi a cuidar de ti.* Havia tremor na voz de Manuel.

Por fim falou o tio: somente o déspota e os seus seguidores têm certezas. Nós que buscamos cada dia o melhor, entre conversas e ações, temos poucas certezas. Torcemos apenas para que tudo dê certo no amor e nos negócios. Desde o ano passado o Rio Grande do Sul desenvolve relações agrícolas de interesse mútuo entre Marrocos e os gaúchos. Fico contente que Manuel tenha aceitado meu convite. Nada impede de ele estar com a gente todos os meses. Ele ainda não se esquivará de trabalhar mais um pouco por aqui. É inteligente e rapidamente poderá conhecer nossas máquinas.

Todos se olhavam pensando que viria um discurso sobre o trabalho, máquinas e os lucros, mas Guilherme sentiu que o momento não era pra isso. Vontade não faltava, mas não fazia parte dele ser inconveniente.

Por mais um dia Soledad curtiu o lugar. Havia uma sólida relação, que, por certo, os mares não atravancariam. Poderiam ter filhos intercontinentais. Um amor pode ser melhor a distância, pois não tem o inconveniente de um querer domesticar o outro, embora perdendo a profundidade que o cotidiano concede. Poderá a internet minimizar os efeitos da saudade e da distância. Os corpos fazem estreita parte do amor, mas nada que não seja possível com boa vontade: palavras da confiável e persistente Soledad.

O duro aprendizado de um vagabundo

Após a viagem de Soledad, dias tormentosos se precipitaram sobre Manuel. Tio Guilherme introduziu o sobrinho em aulas dos projetos, tanto das plantadeiras como dos pulverizadores. Duros dias e duras noites. O único desejo era estar em alto-mar. Até doente ficou. As reuniões preparatórias superavam qualquer tormento. Explicações e mais explicações, que iam desde a história das máquinas até peça por peça que as compunham. Numa das reuniões enfureceu-se controladamente. Vão dizer que tenho de tomar conta dos motores que vão tracionar essas porcarias. O silêncio se fez bruto. O chefe da fábrica levou quente a conduta do pobre sobrinho, o qual foi imediatamente chamado. Estava o próprio cavalo de Quixote: cansava-se de levar adiante os sonhos de seu tio. Uma breve discussão avolumou-se. O tio embarçou-se de tanto nervosismo.

— Espero que não tenha aceitado o trabalho pra não se entusiasmar com o produto. Os competidores são muitos e, se não mostrarmos garra e competitividade, nem adianta começar. As máquinas são de última geração e não foi pra brincadeira que a equipe de projetos tem os dois melhores engenheiros. Somos pequenos e os melhores. Mas de nada adianta todo nosso esforço se o produto final não for amável pra quem vai apresentá-lo. A tua maneira de provocar o cliente exige arte. Não é nossa empresa que fala, és tu, meu sobrinho, que vai mostrar nossos produtos como se fosse uma linda mulher. Tem muito a se fazer pra se respeitar o suor dos que pensam e dos que pegam no pesado.

— Tio, quem sabe pega outro, que eu não levo jeito pra tanta dedicação.

— Escuta, Manuel, nossa família não costuma correr na raia!

— Sabe, tio, nunca fui encilhado e ninguém me tinha posto a correr.

— Acostuma. Você vai gostar. Não te estresse. Quando estiver preparado, me avisa. Aqui tens uma agenda a cumprir, incluindo os estudos das terras e do potencial agrícola de Marrocos.

Ao chegar em casa, cansado como uma besta de carga, começou a estimar melhor o que estava fazendo. Viu que aprofundar, mesmo que seja um trabalho, pode causar um sentido de solidariedade universal. Imbuía-se cada vez mais da dedicação dos operários, dos chefes de obras, dos desenhistas e dos engenheiros. Havia uma comunidade, e ele ia representar um grupo que desejava obter reconhecimento e um pouco de glória para além das terras gaúchas. Era ele quem daria conta de uma comunicação a todos. A medida da felicidade se dá também pela virtude da coesão de um grupo, mas sem consequência tudo ficaria indeterminado e sem força, assim pensava e desse jeito começou a ter nas mãos a sorte de toda aquela gente. Caiu-lhe nas mãos um livro interessante sobre um vendedor gaúcho, Américo Ribeiro Mendes Netto, com seu livro *Segredos de passaporte*. Bateu um desânimo no vivente que se empatriava africano, ao menos de passagem. Pelo livro que lia, apenas uma virtude era muito dele: a capacidade de lidar com pessoas. De fato, os trabalhos dos navios foram uma escola e tanto. O livro levou-o a ver que, no mundo das vendas, contam mais as pessoas que as instituições. O grande vendedor gaúcho esclarece que, tanto quanto o conhecimento do que é vendido, entra em questão a arte de vender. Os produtos, honestidade, amizade e resultados e o jeito de fazer acontecer são fatores que alteram tudo. O seu jeito de colono fazia transparecer sinceridade e confiança. Sabia dele: que, ao menos, era de uma honestidade inarredável. Mas sobre a honestidade duradoura apenas enquanto a relação durasse. A volubilidade lhe ia forte, mas enquanto tivesse um fio de obrigação ninguém poderia lhe imputar falha alguma.

Agora vem o que mais causava medo. Era debruçar-se com veemência sobre alguns hábitos. Saber planejar nos mínimos detalhes os

procedimentos de uma operação, a escolha de pessoas parceiras e fiéis, programar cada dia como se eu fosse um cirurgião, avaliar em relatórios os acontecimentos, levar dia a dia os custos das despesas, negociar as condições e, no meio de tudo isso, manter um humor elevado, parecia-lhe uma árdua tarefa. Algumas virtudes, porém, sobravam-lhe. Sabia muito bem montar ambientes e deixá-los irretocáveis. Cada peça do ambiente deveria ficar como uma mulher pronta para uma festa. Os ambientes em que trabalhara testemunhavam em tudo o sentido do encantamento. Não se compram somente os objetos; compram-se o ambiente e os vendedores. Quando assim refletia, pensava no *show-room* de exposições. E tinha mais: o depois do negócio feito. Sabia que as pessoas, mais que negociantes, querem ser admiradas. Havia, pois, um conjunto de questões no prazer de um negócio bem-feito ou deixado de fazer. Quantas e quantas vezes as pessoas com quem lidava nos navios vinham ao meu encontro para demandas a partir da gentileza, mesmo não tendo comprado as joias que oferecia. Lembro, particularmente, no Mediterrâneo, de um xeique dono de um poço e de milhões de camelos. Veio, com seu ar de grandeza, ver as joias que eu vendia. Olhou-as todas e, com ar petulante, desprezou-as uma por uma. O sangue fervilhava no corpo manuelino. Fiquei frio, sem negar um sorriso. Quando o xeique de milhões de camelos e com jeito de cavalo ia se retirando, Manuel falou com voz sincera e com certo humor não hostil.

— É pena que não tenho joias melhores para oferecer. Sua grande família merece, por certo, enfeites mais bem-feitos.

Em resposta recebeu apenas um olhar insondável. O desprezo, porém, havia se perdido. Mal se passara duas horas, quando aparece novamente o xeique com um séquito. Tremeram-lhe as bases. Moral da história: levaram tudo, pagando sem regatear. Grande lição: pode haver um grande negócio sem negócio. Na insistência de uma criança querer sua bicicleta, pode sair sem ela, mas que saia com sua dignidade.

Buenas, isso significava que algumas virtudes humanas moravam em Manuel e que negociar é uma arte. Mas... muito mais tinha a fazer para vender.

Nada foi tão pesado quanto eu ter de ir a campo testar as preciosas máquinas. Dirigir um trator, encaixar as plantadeiras e os pulverizadores nos tratores. Pôr a mistura exata de água e veneno, regular os bicos da plantadeira para a saída dos grãos e do veneno nos aspersores; encaixar as mangueiras e a pressão e a quantidade do veneno; controlar a velocidade do trator. Quatro semanas de campo e um sofrimento desmedido debaixo de um sol a pino, foi pra matar o giramundo que vos fala.

Dei então pra me assustar. Invoquei meu espírito e nada encontrei. Fui parar no hospital. O médico avaliou meu estado, chegando à conclusão de estar possuído por profundo desgaste emocional. Estava liquidado, possuído de más ideias, um perfeito personagem de Borges. Um certo heresiarca de Ubcar abominava espelhos e cópulas: ambos multiplicavam a espécie humana. No meio desses devaneios, pouco recomendáveis a um empreendedor, fiquei esperando que os remédios ou os dias pusessem em melhor estado o meu ser, porque virei feito cacos. Meu tio, ao visitar-me, não entendendo o que estava acontecendo, disse apenas que descansasse um pouco. Nem ao menos eu me entendia. De outras vezes abandonaria o que tanto me desagradava. Afinal, exigia de mim o que me era insuportável. Sentia que a alegria havia se afastado. Qualquer sorriso pesava. Minhas primas não saíam do lado fazendo de tudo pra me agradar. Marietina, dada a toda bondade e brincadeiras, e Adela, com sua lógica, não conseguiam tirar-me da penetrante e triste seriedade. Sentia-me atravessado por um ser que não se assemelhava a quem eu era. Certa noite, de tão perturbado cheguei a usar cuecas vermelhas pra ver se no dia seguinte ainda me reconheceria. Jamais vou ponderar o suficiente sobre as razões de ter aceitado o convite de meu tio. Queria provar a mim mesmo que poderia ultrapassar meu jeito de ser? Queria devolver aos meus a dívida de tantos anos? Ou seria a imagem de meu pai repetida em mim? Meus sonhos nesses dias de *homo faber* eram

de pescas de peixes doentes, outros com estradas sem destino. Escarpas traduziam minha angústia em cumprir uma promessa sem meu tamanho. Certa manhã, primavera, sol sem uma nuvem, acordei-me do torpor. Saí voluntarioso do hospital. Antes que me voltasse o destempero assombroso, fui logo providenciando minha ida a Marrocos. Entrei, então, em contato com a secretaria de agricultura do Rio Grande do Sul. Ali encontrei um apoio muito grande. Possuía os endereços de Marrocos e uma carta de recomendação daqui. Depois dos contatos do embaixador marroquino, Mohamed Louafa, me mandei antes que os mesmos diabos entrassem em mim. Me sentia um legítimo capitalista selvagem, doidão pra vencer. Uma bruta polaridade em relação à que me atingira duas semanas atrás. Um desbravador, convertido pela riqueza das nações. Uma dúvida persistia: até quando?

O pior de tudo era que me agradava negociar. Isso significava dar poder a alguns marroquinos, mortos de vontade de serem melhores que os católicos que os haviam expulsado da Espanha. Sorria pensando que devolveria a tecnologia agrícola aos berberes e aos árabes, que gentilmente deram a lógica e a base de toda a ciência ao Ocidente. Apenas procedia com solidariedade, é claro, defendendo os interesses de meu tio. Tudo isso, contudo, não diminuía a divisão que se formava em mim. O sonhador envolvido em ternuras que não se dava bem com o vendedor, que se entregava às forças de um poder de engenhocas capazes de revolver a terra. Temia expor a terra aos venenos e trazer insetos que poderiam acabar devorando as palmeiras com suas tâmaras. É certo, não permanecia o mesmo, nem tampouco deixaria iguais aos que plantariam novas culturas. Me afastava de quem era, sem saber em quem me tornaria. Mas, embora dos sonhos pétreos e de ruínas insinuantes, não deixaria de fazer o que me tinha proposto. Teria a riqueza que meu pai não tivera, ou não seria isso que me movia vingando a dor outrora sentida? E a história que ajudava a implantar não criaria novas verdades, subtraindo a melhor razão? Meus esforços fariam um bem para esse lugar africano?

Não podia fugir da renovação de Marrocos. As mulheres e os homens teriam respeitados seus direitos nos trabalhos. A caligrafia rápida

dessas palavras não é capaz de dizer tudo que se movia dentro e fora de mim. A fábrica tinha o ritmo da vida, tendo a vontade impressa nos movimentos de todos em torno de parafusos, conexões, fios, aço, mangas, fusões, fundição e medidas. Meu tio começou a substituir em mim as antigas ilusões e viagens. Dizia com entusiasmo: o mundo é para quem nasce para o conquistar, não para quem sonha que pode conquistá-lo. Batia com força em minhas costas querendo dar força para que levasse para longe os desenhos de seus engenheiros e as peças fundidas em plantadeiras e pulverizadores. Você vai ver, meu sobrinho: muito trigo e muita soja vão cobrir os campos de Marrocos. Diga para todos que seu tio Guilherme é quem fez. Estava sendo, sabia, um reprodutor econômico, e eu um cavalo de Quixote, tentado a ser o montador.

Encontro com Soledad

Meus 50 anos produziam um adolescente que quer provar um razoável poder, só não se sei se para Deus ou para o mundo. De pouco adiantava a consciência de minha curta passagem e morredoura energia. Lá estava eu exatamente montado em meu Rocinante de lança ao alto, o engenhoso cavaleiro a serviço de uma salvação sem certeza de nada. Soledad, mui ingeniosa, me recebeu em Algeciras. Em nós dois havia uma alegria cheia de engenhos afetivos, maiores que Cervantes poderia imaginar. Ao vê-la pelo vidro do aeroporto, percebia as nuances exuberantes de seu corpo num vestido leve. Meu corpo fremia enquanto a esteira demorava pra trazer minha bagagem, que não era pouca. A curiosidade me consumia, tanto pra saber de sua impressão sobre meus propósitos operários como sobre nossa relação. Meus desejos me sufocavam. Estava para um burocrata do capitalismo industrial, bem menos que para inclinações de um artista sensível. À minha esquerda e à direita um certo homem, um guerreiro a conquistar novos redutos: não seria esse o motivo de os primeiros homens atravessarem o estreito entre Espanha e Marrocos com suas tribos ainda negras pelo sol. A ponte entre a África e a Europa se resumia em Algeciras. Eles iam ao desconhecido, enquanto eu ia em direção contrária. A diferença me concedia vantagens.

Deixo de pensar em dúvidas e curiosidades para dizer do amor acontecido. A minha moura espanhola, misturadas as raças antigas, me esperava ali atrás do vidro. O seu corpo coberto de leves rendas me invadiu com ternura, como se a graça de Deus fosse isso mesmo. Os efusivos movimentos se desprendiam com facilidade. Ouvei um voo de pássaro e o ciciar das asas e um intrigante frêmito. De sua boca, depois de roçar com suavidade a minha: *te vas bien? I tu como te vás?*, perguntei de água na boca. *Es la hora de mi vida, mi verdade!*, respondeu. Ficamos

novamente abraçados, de corpo inteiro, dos pés à cabeça, seus seios me apertavam, dando conta maior de mim.

Fomos ao hotel. Suavizamos os movimentos do corpo e da alma. Ao inclinar a cabeça no meu ombro, pensei: isso é a felicidade quieta. O hotel modesto, limpo, mas de agradável estilo mourisco. Uma porta grande havia nos recebido. Era uma entrada com motivos de mouras instigantes. O quarto, já preparado por Soledad, carregado de solenidade. A luz suave condizia com nossos desejos. Pelos detalhes dos beijos queríamos encontrar o caminho certo de nós mesmos. Acalmados, ficamos quietos por um momento. No meu silêncio rápido percebi que ela se agradara no homem em quem eu me transformei. Vi lágrimas descendo pelo canto de seus olhos. Sorriu falando: *ai mi dolor de no tenerte más tiempo en mis manos. És verdad!*, respondi. Tem outros tempos, talvez, mais simples e de menor intensidade, mas seria bom se se vestissem do que sentimos agora. Um silêncio maior nos unia. Depois, já com outro jeito, falou:

— *Entonces, tengo un loco comerciante?*

— Apenas um homem que te ama, o resto é pouco.

— *Ahora si! Um lutador de los cômoros e de las cenizas!*

— Mais verdes nos vales do deserto, querida.

— *Y en los mios tabien!*

Um banho me deixou ainda mais calmo, depois fomos jantar. Narrei em detalhes os meus esforços, quase doentios, pra ser um bom vendedor. Mal terminara quando desatou suas palavras, me confessando: espero que sigas este caminho. Com tua arte e teu jeito vais longe!

Percebi, como a clara luz do ambiente, as antigas e fortes inclinações femininas. A força masculina não era gratuita. Para ela e todas as mulheres o poder masculino serve de proteção. Mudam-se os jeitos e os instrumentos, mas ainda os homens carregam um destino caçador e de violências a serem comedidas pela educação. Caçador ou não, surgiu a ideia de que, se me sobreviessem momentos os mais perversos ou a mais

funda depressão, em razão dos dias que passei, deverei me entender como um sujeito de grande valor.

Reservamos dois dias para estender nossa efusão. Já fui gastando antes de receber os resultados do meu trabalho. Fomos, mostrando meu poder capitalista, para a praia de Torremolinos. Cada hora revelava uma razão prazerosa. Nada se ocultava, a não ser o pensamento dos mistérios de Marrocos. A casa onde nasceu Picasso e a efusiva mistura de culturas tão expostas aí: resultado final de séculos e de trocas raciais. Essa amálgama humana me agradava e, volta e meia, Soledad me chamava atenção ao demorar seu olhar sobre rostos emblemáticos, de belezas e de formas diferentes. Não estou vendo mulheres, dizia, convicto, vejo apenas a compleição feminina aqui reunida. Ela ria descrente.

Para facilitar nossos encontros resolveu reproduzir o trabalho que fizemos em Madrid. Já tinha realizado as primeiras tratativas com a chefatura da província de Cádiz, ali mesmo na Comunidade Autônoma de Andaluzia. Teria trabalho pra mais de meio ano, recebendo um valor exíguo, mas suficiente pra *vivir bien*. De fato, dias mais tarde aconteceria o que ela desejava.

Não só de alegrias vive o homem; agora, de trabalho também. Estávamos sendo expulsos de nosso paraíso. Havíamos de comer o pão com o suor de nosso rosto. Ficou combinado que nos encontraríamos dentro de uma semana em Tanger.

Primeiros passos de um marroquino

Acabados os dias festivos, me pus a pensar sobre meu destino: Casablanca. Como havia planejado, queria andar primeiro por lugares importantes, atravessando as pequenas comunidades marroquinas. Tanger, Fez e Marrakech se me apresentavam como bons lugares. Cheguei por um Ferriboat muito contente em Tanger, mas não tinha a quem dizer do meu contentamento. Um guia me levou a Medina. Com sua *djelaba* balançante, ia de um lugar a outro, mostrando casas e costumes. Ao demonstrar minha estranheza por perceber tantos gatos nas portas antigas, narrou: quando o profeta Maohmé descansava junto a amigos, saltou uma gata grávida e aí, em seu colo, deu a luz a vários gatinhos. O profeta tomou nas mãos a gata e os gatinhos e depositou-os com todo o cuidado no chão. Desde esse tempo é tradição dos muçulmanos amar aos gatos mais que aos cães.

Pensava surpreendido pelas ruas estreitas, associando-as às histórias do guia: os árabes vinham com seus cavalos e os atavam nessas argolas de ferro que você vê diante das casas. Num ambiente tão limitado, estreito e escuro era difícil conceber muita paixão e um cavalo árabe. Estava mais para um rocinante que para o cavalo de Branca de Lua. Tapetes e ervas, eram o que mais dava. Me comoviam os cantis só de pensar a quantos teriam dado água e sobre quais camelos. Por onde se ia, um bando de vendedores nos acompanhava, tornando-se cansativo e incômodo o passeio. Fui para a parte moderna de Tanger. Vi o quanto o pensamento europeu, com sua armação materialista, poderá retirar o som dos *muezins* de todos os minaretes. Prometi apreciar e tomar conta de tudo que se me vinha pela frente. Não perdia nenhuma das palavras e nenhum dos movimentos que um dia poderiam ser meus. O guia falava com seus compatriotas, e eu desconfiava de que poderia ser assaltado. A

estranheza do lugar levantava suspeitas. Mas nada houve de mal, apenas no momento quando quis adentrar numa mesquita, ele disse que não o fizesse. Ainda no mesmo dia, fui adiante tentando fazer minhas as palavras ditas pelo guia. Fiquei surpreso, pois absorvia com facilidade as novas palavras. Agradei a Deus o dom de falar com facilidade todas as línguas.

Mais tarde, atravessadas as cidades de Fez e Meknés e na primeira semana de minha vinda, comecei a sentir o espírito das palavras. Pouco, muito pouco, em comparação com quem domina uma língua, mas com meio ano de aprendizado e interesse teria na minha boca a melhor parte da língua árabe e algumas palavras berberes. A mais encantadora revelação se dava com a compreensão nova do mundo. As palavras expressavam detalhes e essências não existentes em outras línguas. Por exemplo, a palavra “água” era dita com certo desvelo de som, mostrando a importância que seu significado contém. “Lua”, então, pronunciada como adjetivos reveladores de sua configuração em desertos e vales. Ria ao lembrar que existem culturas que chamam a lua como *a quem está acima, iluminadora de escuros*. O sagrado, para nós, é relativo; pra eles, as palavras fazem dobrar as cabeças, tendo uma força exemplar. Comecei a me transformar também, tornando-me parte do que pronunciava. Achei a tarefa de tomar conta das palavras mais importante que qualquer outra coisa, até da de vender meus arados, plantadeiras e pulverizadores, o que mais tarde viria a me render mais que o sucesso de vendas. Comecei a ter certezas: revelando meus interesses em palavras árabes, eles se encantariam com meus implementos. As palavras, percebi, são as coisas. No Brasil as loucuras de Antonio Conselheiro levavam uma multidão enamorada pelas palavras proféticas. Ele falava em palavras dos sertanejos imprimindo-as a ponto de pouco se importarem com suas vidas.

É claro, eu pretendia, em primeiro lugar, ter a mim mesmo como o beneficiado dessa nova percepção do mundo. A comunicação a cada dia se tornava melhor com a suavidade própria de suas palavras. Aprendi: as palavras, a científica, a artística ou a mística, são mais que a realidade.

Continuei em minha viagem. Decidi não mais ir até Marraquech. Era mais que um turista, um viajante cuidadoso. Fez-me esperar. Vi, então, com meus olhos a razão de não caber muita lógica na mente daquele povo. Oitocentas mesquitas, milhares de minaretes, anunciando, sistematicamente, as orações e as escolas da cultura muçulmana, fazem a cabeça, deixando pouco espaço para a razão. É por isso que se explica que tudo se submete às lições de Mahomé, aquele que disse a verdade, e pronto. E eu, metido aí, vendendo meus implementos. A medina, não muito diferente de Tanger, mais agressiva, de ruelas estreitas, cheias de jumentos. Os vendedores oferecendo seus objetos, como cantis, candelabros, facas e tudo mais que se possa imaginar, apresentavam a mesma e nervosa insistência. É uma escola de negociação, que me serviu para mais tarde. Parece que trazem o prazer da pechincha. Falei ao guia ter errado ao não ter negociado com ele o valor do serviço. Desconversou: estava feliz e que eu também deveria estar. O que ganhei a mais ofereço para Alá e seu profeta, finalizou. Quando conversava em árabe, eu solicitava a tradução. Minha memória devorava tudo.

Antes de chegar a Casablanca, me aconselharam a passar por Meknés. Aí a antiguidade e a força do poder econômico, centrada em alguns sultões, deixaram muita pobreza, como também muita beleza. As portas: ainda vou descobrir a razão de as muralhas e outros edifícios se concentrarem tanto nelas. Um dos sultões, Ismail, fez de Meknés uma das maravilhas de Marrocos. Anoto o que diz Paulo Pires em seu livro *Fora de rota*, quando escreve: *Construiu importante sistema de aquedutos para abastecer as imensas cavaliças da corte e regar os jardins reais, local de lazer de suas quinhentas esposas. O sultão devia ter outros atributos porque até hoje é venerado na cidade pelas mulheres, que se revezam rezando no mausoléu onde estão suas cinzas.*

Estava na hora de pensar seriamente no que ia fazer em Casablanca. Sabia que entre os principais produtos agrícolas estão o trigo, a cevada, as frutas cítricas e a batata. O país exporta verduras e frutas para o mercado europeu e é autossuficiente na produção de carne, embora precise importar leite. A população, já sabia, é de origem árabe e

berbere, embora as diferenças entre os dois grupos sejam mais linguísticas que raciais. A língua berbere, apesar de ter sofrido forte influência do árabe, conservou-se nas regiões das montanhas. Comparativamente, são um pouco diferentes dos nossos caingangues, estes são mais fechados em suas reservas. Os povos de língua berbere dividem-se em três grupos: os *rif*, da cadeia do Rif; os *tamazight*, do Médio Atlas; os *shluh*, do Alto Atlas e da planície do Sous. O resto da população fala árabe e é formada de berberes arabizados, assim como de um pequeno número de beduínos que chegaram ao Marrocos com o exército islâmico no século VII. Muitos árabes estão profundamente espanholados e parte deles se defende em francês. Alguns ainda guardam em suas residências as chaves das antigas casas da Espanha. A memória da expulsão dos árabes pelos reis católicos resultou na dificuldade de o Marrocos aceitar a presença do catolicismo e de outras expressões religiosas. Apesar de a violência espanhola ter ocorrido em 1600, a humilhação não foi esquecida.

Atualmente, o rei Mohammed VI, entronado em 23 de julho de 1999, manifesta pouco interesse pelas questões de ordem religiosa, embora seja chefe religioso. O Estado, portanto, é condescendente com o ecumenismo, assim como está mudando as leis de proteção às mulheres. Há um gosto pela democracia, ainda que o povo tenha costumes de submissão. Um dos guias afirmou: agora o marido para abandonar uma das esposas deve, perante a lei, aceitar as condições impostas por ela. Os antigos sultões chorariam vendo tal conquista feminina.

Mas não estou pra defender nada, apenas quero me inteirar das ocorrências e concorrências para melhor encaminhar o ofício de vendedor. E nada pior que meter o nariz em seus costumes, enquanto não for absorvido pela cultura que me recebe.

Meu zeloso servidor

Favvaz, nome de meu amigo e, por tradução, servidor. Nem bem tomara conta do quarto do hotel em Casablanca, recebi um telefonema dizendo-me que o senhor Favvaz me aguardava na recepção. Só então tive consciência clara do que me esperava. A principal indicação desse nome fora dada por uma universidade de Barcelona, solicitando que pudéssemos ter seu ex-aluno como colaborador da nova empresa que se instalava. Por email, propus-lhe que fosse vendo um espaço para a localização do ambiente de nosso comércio de produtos agrícolas, tendo enviado recursos para construir um espaço para nossos implementos.

Desci imediatamente, antes que anoitecesse. Minha curiosidade, mais que a saudação inicial, dirigia-se à figura física, que é um bom revelador do caráter. Quando o vi de relance, sabia que era ele quem seria o agilizador, o companheiro de nossas conquistas, *ghazi*, o conquistador.

Saudamo-nos efusivamente. Já aprendera as medidas e muitos significados de palavras, mesmo porque havia comprado um bom dicionário. Comungar a palavra dos outros sempre me fez bem, ainda mais agora que decidira me tornar mais responsável e de alma sendo renovada por nova língua.

Deitou a falar sobre o que já havia realizado. Como havíamos combinado, encontrei um terreno interessante para o local de nossas exposições e outros serviços, falou. Favvaz não se continha de satisfação por me dizer que era seu primeiro trabalho. Agradei em árabe, e ele, achando que eu dominava a língua, disparou uma fieira de palavras, das quais não distingui uma das outras. Comentei sobre meu interesse em aprender, mas que por enquanto fosse devagar. Eram os dias de Ramadan. Convidei-o para o almoço. Prontamente me explicou que nesse

mês devia jejuar durante o dia. Convidei-o, então, para o jantar da noite. Prontamente aceitou. Mais tarde nos encontraríamos. Despedimo-nos com muita alegria. O espanhol de Favvaz era perfeito, carregando gestos e sinuosidades verbais com jeitos da catalunha. Deu pra sentir que guardava a felicidade de quem cumprira a tarefa. Lembrei-me de um auxiliar de serviços de um dos navios: nunca vira alguém de uma covardia tão irreparável, pois ele tinha. Agora, muito ao contrário, via alguém de uma vontade irreparável. Torcia para que não ficasse só na impressão. Tomei o propósito de me cuidar pra que meu relacionamento se tornasse recíproco. Temia que pudesse assumir um ar de poderoso chefão. Buscaria uma relação igualitária. Aos poucos faria ver que a obediência cega não leva a muita coisa.

No jantar, Favvaz comeu à tripa forra. A fome vem desde ontem, desculpou-se. Disse-lhe que respeitava seus costumes. Brinquei com ele por ter lido que neste mês do *Ramadan*, são consumidos mais alimentos que em outras épocas do ano. Riu comigo, mas que eu não tivesse a preocupação de que fosse ele quem contribuía para esse fato. Alegremente, foi explicando que tudo acontece, mais ou menos, como no período do Natal dos cristãos. Dei-lhe toda a razão. Durante a janta, foi me dando dicas sobre usos e costumes de sua terra. Reforçava muito positivamente suas observações, acrescentado que poderiam ser muito úteis para o sucesso de nossa empresa. Foi falando cheio de alegria ainda mais ao perguntar-lhe de onde era: sou de uma pequena comunidade perto de Marraquech. Muito pobres, aí plantávamos verduras e desde muito cedo, para alimentar muitas bocas, tive de trabalhar. Estudei muito e meu professor convenceu meus pais que deveria seguir meus estudos. Com sacrifício e muitas lágrimas de mamãe me levaram para a cidade de Marraquech. Mesmo tendo uma boa escola superior quase em casa, preferi a oportunidade de fazer meu curso de agronomia em Barcelona. Senhor Manuel, nunca fui tão feliz. Sabe que ganhei uma bolsa de estudos participando de pesquisas em fitopatologia. Recebi um bom dinheiro, a ponto de perguntar se não havia algum engano. O meu coordenador de pesquisa falou que não: era meu direito pelo meu trabalho. Agradei do

jeito muito árabe. Ele mandou que parasse de ser tão humilde. Todos os meses sobravam bons euros. Meu papai comprou mais um pedaço de terra. Começamos a plantar laranjas. Meus irmãos, papai e mamãe ficaram muito contentes. Estou falando demais, senhor Manuel, não mudei meu jeito, sou também agradecido a sua empresa que me escolheu.

Surgiu um diálogo interessante.

— Por favor, Favvaz, não me chame de senhor.

— Desculpe, senhor Manuel, isso eu não posso tirar de mim. Minha família me ensinou a ter respeito com os mais velhos e por quem tem autoridade.

Pela primeira vez na vida alguém percebia que eu estava ficando velho. Não gostei do que ele dizia, mas estava com razão, ele apenas com 25 anos e eu com quase 51. Para animar a conversa fiz disso uma brincadeira.

— Pensei que não fosse tão velho assim.

— Desculpe, senhor Manuel, eu é que sou muito jovem. Se o senhor permitir minha opinião, quero lhe dizer que, se eu não chamar de senhor, os nossos clientes terão menos respeito. Isso não é bom para nós.

— E como você acha que devo chamá-lo?

— Me chame pelo nome ou por você. Assim, quem nos ouvir falar sabe que existe ordem em nosso trabalho.

— Muito bem, *messieur* Favvaz.

Depois pude perceber ainda melhor com quem estava lidando. Ao questioná-lo sobre a avaliação que fazia da nossa Empresa de Máquinas para Plantio, não titubeou.

— Senhor Manuel, a nossa empresa é como diz nosso profeta a respeito das mulheres: elas não podem viajar muito tempo sem a companhia de seu marido. Estive todos os dias em nossa empresa. Não existe nenhuma pedra que não recebeu meu olhar. Muitos amigos estão

admirados do jeito que eu falo e cuido dela. Dizem, então, que pode ser uma coisa muito boa para se comprar, por verem o quanto gosto de construir o lugar dos nossos produtos. O profeta diz também que as ações devem ser bem-feitas e com amor. Quero receber no meu trabalho as bênçãos de Alá.

— A conversa está bonita, meu caro, mas como está o pavilhão de nossa empresa? O dinheiro enviado foi suficiente?

— Amanhã o senhor vai ver. Minhas palavras podem ser de pouco valor para falar o que aconteceu.

Fiquei apreensivo, mas respeitei o segredo de suas palavras.

Despedimo-nos e eu voltei para o hotel, que ficava a poucas quadras do restaurante. Antes de me deitar abri meus emails e lá estavam dois de meu interesse: Marietina e Soledad. Soledad expressava todos os desejos possíveis de sucesso e palavras de muita sensibilidade e amor em torno de nosso relacionamento. Marietina aludia a um sentimento de cuidados em torno de mim.

Oi Primo!

A saudade bateu. Tua mãe chora quando lembra de ti. Meu pai, como sempre, duvida de tudo que não é tocado pelas mãos dele. Está preocupado com o dinheiro que está pondo em Marrocos. Tua mãe disfarça as lágrimas. Puxa, primo, que poder esse teu de amar. Volta logo, hein! Se não der certo com a castelhana, uma coroa mui linda te aguarda aqui também. Primo, fiquei vidrada em tuas histórias. Vou fazer um curso de turismo só pra conhecer por onde você andou. Estou devorando o inglês e o espanhol. Te amo e acho que tenho no meu sangue o mesmo que o teu. Tenho a impressão de que minhas veias levam ar, tanta é a vontade de sair voando por aí. Meu pai diz que isso é uma palhaçada. Não é jeito de se viver, levando gente de cima pra baixo e ganhando uma merreca!, fala ele. Ainda me esculacha, dizendo que sou uma criança pra pensar desse jeito.

O que eu mais de tudo quero é dizer que te amo. Sinto que ainda vamos nos encontrar muitas vezes. Me diga muitas coisas, tudo que te acontece, que eu vou contar pra todo o mundo. Diga algumas coisas bonitas pra tua mãe, por favor.

Tua querida Marietina que te quer mmmmmmmuito!!!

Ri, pensando que uma mulher desse jeito merece muito. Não estaria jogando pra cima de mim o que o pacato marido não dava?

Dormi mal e meus sonhos carregavam sustos. Me vi sozinho numa estrada de chão de poeiras com margens de terra esturricada. Uma lua ameaçadora brilhava, mal anoitecia. Acordei diversas vezes e os malditos sonhos se repetiam. Vi pescadores de lagos vazios e agricultores de montanhas rochosas. Berberes me acusavam de ladrão. Que os deixassem com Alá e suas tâmaras. Muito indelicados gritavam que levasse pra longe minhas coisas.

Amanheceu e ouviam-se os sons vindos dos minaretes.

Mal havia terminado o café da manhã e ali estava o agrônomo Favvaz.

Máquinas para Plantio

Sentia que meu amigo Favvaz estava uma pilha. Não conseguia controlar a emoção durante o trajeto até o pavilhão E tinha razão de estar desse jeito. Uma construção semelhante às formações suaves de Gaudi se levantava diante de mim. Simples e convidativa: uma casa grande. Favvaz, vendo minha perplexidade, silenciou. Eu estava comovido diante daquela realidade simples, parecendo uma grande panela de barro emborcada. Quem não soubesse a que destino se dava este espaço se sentia atraído a entrar. As cores discretas em tonalidades semelhantes mostravam um grau de bondade e reverência. Havia uma expressão de religiosidade.

— Vivi em Barcelona e gostei dos conceitos de Gaudi sobre lugares, finalmente sentenciei Favvaz.

— O que estou vendo é simplesmente maravilhoso. Me traduza as inscrições acima.

— Está escrito: *O Misericordioso abençoe o visitante e suas terras sejam abençoadas*. Isso vale também para os cristãos, senhor Manuel.

Controlei uma lágrima para que não me julgasse um fraco.

— Me diga, por favor, como conseguiu erguer tudo isso com os recursos enviados?

— No meu curso de engenharia tinha uma bela disciplina de Construções. Desenhei e gostei. Alá tem consideração para filhos aplicados e para quem sabe pechinchar.

Entramos em silêncio e cada vez mais me surpreendia. Meu escritório era de uma simplicidade deslumbrante. Num dos emails que havia enviado, descrevi um ambiente de uma cidade de Manila. Ali estava

um desenho com mais personalidade ainda. Ao me sentar em meu lugar reforçou-se em mim o bem-estar. Poder-se-ia dizer que a graça de Deus convive muito bem com lugares semelhantes a esse. Favvaz percebeu o meu estado de espírito e depois me levou a ver o lugar da secretaria, com dois espaços e uma extensão um pouco maior do ambiente.

— Um lugar é para mim. Pretendo estar grande parte do tempo visitando os clientes, mas, se for de seu agrado, posso atender também antes de encaminhar para o senhor. Vou dividir o espaço menor com uma secretária ou secretário, que vejo com o senhor se julgar conveniente contratar. De tarde vai vir uma que poderá ser de seu agrado. O senhor vai decidir. Poderei chamar outras se essa não for de seu agrado. A extensão maior ao lado é para reuniões. O senhor está vendo nas paredes da entrada alguns pensamentos árabes. Alguns sérios e outros com certa picardia. Alguns, dentre outros:

Quem comete o mal, comete contra si mesmo.

Quem pratica o bem, pratica a seu favor.

Que as pulgas de mil camelos infestem o meio das pernas da pessoa que pense em arruinar o meu dia, e que os braços dessa pessoa sejam curtos demais pra se coçar.

Favvaz mostrou-me, em especial, o local das reuniões. Um pequeno bar, decorações e uma mesa com cadeiras. Percebia-se um ar alegre no conjunto dos arranjos.

A surpresa do show-room é que era.

Havíamos enviado 10 plantadeiras e 5 pulverizadores. Meu temor é que estivessem mal dispostas, num espaço sem visibilidade. Pensava assim porque entendia que o comprador adquire por algumas razões vistas e outras não vistas, mas de não menor importância. As razões vistas são comprar para ter mais sucesso em seu negócio e pelo reconhecimento que poderá colher. As razões não vistas dizem respeito ao ambiente físico que acolhe o comprador, pois o lugar é como a roupa, podendo ampliar

positivamente o sentido da própria identidade. De igual valia diz respeito à maneira de receber o comprador, pois a deferência diz de sua importância.

Quando Favvaz me levou ao show-room, tive a sensação de entrar numa sala de artes. As máquinas estavam cobertas por TNT de diversas cores, que, ao se somarem, perfaziam a bandeira de Marrocos. Maior surpresa ainda se dava quando as descobri. Estavam todas enceradas, deixando transparecer um brilho solene. A iluminação compunha tons diferentes nas paredes e nas máquinas. Um verdadeiro show de luzes e sons típicos da cultura árabe abriam a exposição.

Abracei meu companheiro por ter me dado tamanha surpresa. Disse-lhe que não sabia da razão de a porta de entrada possuir uma aparência tão grandiosa e uma decoração tão expressiva. Respondeu, envaidecido, que era de sua cultura mostrar a imponência do lugar e o respeito por quem aí entrasse. Fez me lembrar das portas de Fez e, mais precisamente, da porta Bab Bu Yelud, orgulho dos marroquinos. A nossa porta deve receber bem nossos clientes, finalizou.

Dentro de dois dias receberíamos nossos convidados para a inauguração de nossos trabalhos, por isso passamos o resto do dia em preparação para o evento. Pouca coisa que já não tivesse sido previsto. Ainda à tarde, recebemos a secretária, que Favvaz me disse chamar-se Aisha e que estava para ser avaliada por mim. Mostrou o currículo da garota, formada como secretária executiva em Barcelona. Avaliei positivamente sua experiência. Ao entrar causou boa impressão, vestida conforme as mulheres da região. Falava um espanhol muito esperto e se comunicava bem em inglês. Percebi o quanto as escolas europeias preparavam seus alunos para serem cidadãos do mundo, diferentemente de nossas escolas, que deixam mal os seus alunos, apenas falando a própria língua, como a dizer que se contentem em ficar no seu canto.

Não poderia se fazer escolha melhor. No outro dia ela começou a nos ajudar na finalização dos convidados. Favvaz havia feito quase o impossível para convidar pessoas de influência, mas, de modo especial, agricultores de trigo e cevada e outros que ele bem sabia possuírem boas

extensões de terra. Lembrei que poderíamos convidar os imãs¹ das mesquitas, apesar da exiguidade do tempo. Favvaz achou boa ideia, contudo seria um exagero convidar a todos, uma vez que agora deveríamos convidá-los levando o convite pessoalmente. Sugeri que importavam apenas aqueles chefes religiosos próximos das Máquinas de Plantio. Dirigi a palavra muito contente, lembrando que conhecia um deles, coordenador de diversas comunidades. Ele faz seus *khutbah* com muita propriedade. Os discursos dele são excelentes, concluiu. Questionei, entretanto, se não seria temerário convidar os chefes religiosos para uma atividade tão terrena. Favvaz respondeu, respeitosamente, que não me preocupasse: os muçulmanos ricos contribuem com suas comunidades religiosas na proporção de seus recursos. Nossos produtos poderiam tornar mais prósperas as comunidades religiosas. Pensei em Marx, mas não estragaria o clima místico que nos envolvia.

Era quase noite quando saímos. Agradei o empenho dos dois. Antes de tomar o rumo do hotel fiquei admirando nossa casa iluminada pelo sol do entardecer. As paredes, a porta e a cobertura em detalhes estavam mais para um templo que para uma casa de comércio. Confesso que, de tão humano o ambiente, conversei com o lugar. Boa-noite meu precioso lugar, que a noite seja leve. Guardem com zelo o esforço de tantos operários.

Abrindo o computador, lá estava meu tio de MSN aberto. Ao dizer oi tio, imediata a resposta: e daí Manuel, como foi o dia? Mal acreditou no que respondi. Achei grosseiro quando disse: mas só conte o ovo quando estiver no cu da galinha. Eu quase orando e ele me saindo com essa grosseria. Mas tudo seria medido melhor com a inauguração. Quando falei de um consórcio para aquisição de um trator, ficou transtornado.

Reservamos um terreno na periferia. No dia seguinte fomos buscar o trator TT 4030 New Holland, financiado, para demonstração das

¹ Líder religioso das comunidades muçulmanas.

plantadeiras e pulverizadores. Pela tarde da inauguração faríamos a apresentação das máquinas no campo.

Em tudo aconteceu o previsto e de forma muito interessante. Aisha demonstrou ser uma especialista em encantar possíveis compradores: muito recatada, mas centrada e otimista. Favvaz mal continha o entusiasmo. Vi de perto a força religiosa dos imames. Percebia os produtores consultando os nossos imames em caso de dúvidas. Pela tarde a demonstração esteve a altura. Ainda bem que entre os compradores houve um entendido em comandar o trator e a regulagem de nossas máquinas. Expliquei-lhe rapidamente, mas foi ele quem demonstrou habilidade. Mais parecia uma comunhão amorosa entre os dois: máquina e manobrista. Vendemos oito plantadeiras e recebemos mais 20 encomendas para depois das colheitas, que estavam próximas. Sabia muito bem que queriam ver mais de perto os comentários dos oito afoitos. Os pulverizadores saíram todos, pois eram utilizados tanto para aspergir água como veneno. Solicitei ao Imame Razin, o amigo de Favvaz, que explicasse a um dos compradores que necessitava de um dos pulverizadores que o entregaria em uma semana, assim que meu tio enviasse os outros: o seu mui versátil pulverizador seria visto por outros interessados, convencia Favvaz ao amigo. Para garantia Favvaz escreveu em árabe que esse era de Razin. Convenci-o de que tivesse a bondade de me fazer esse favor e que em hora oportuna seria mui agradecido. Mais tarde, Favvaz levaria cinco minutos para agradecer, passando meus agradecimentos, tamanhas as palavras e mesuras.

Do poder e da maldição

Vou narrar, ainda que me doam até as vértebras por andar tão ereto e por fazer outros se curvarem à disciplina das vendas. Mais alegrias nesses cinco primeiros anos, pouco peso e austeridades. Doei esse lustro todo para terminar com a preocupação de não saber amar e trabalhar. Vou falar de meus vividos e morridos, com naturalidade, ainda que pouco devesse me constranger, podendo erguer contente minha cara para todos. Muitas são as histórias, que até encantariam a própria Sharazade. Poderiam preencher algumas partes do livro *Mil e uma noites*. Aos poucos, comecei a ter a alma árabe de tantas artimanhas aprendidas. As areias, as fontes dos oásis e a vida mística e dura dos pobres, velhos e mulheres me ensinaram tanto que cada dia poderia constituir uma história, mas parece que estou condenado como a história do mercador, retirada do citado livro. Na história *O mercador e o gênio*, o vendedor, cansado de sua viagem, senta-se à sombra de uma árvore para descansar, saciando-se da sede e da fome. Ao comer algumas tâmaras, joga os caroços, sem perceber onde caíram. Logo após, aparece um gênio mau (ifrit) querendo matá-lo por vingança. O mercador, assustado, pergunta-lhe sobre tal decisão e este informa que os caroços atingiram seu filho, matando-o. Apesar de o mercador implorar clemência, o gênio não lhe perdoa. O mercador pede-lhe então o prazo de um ano antes do cumprimento da vingança para arrumar a vida de sua família, assim como pagar suas dívidas, e o gênio concorda. Passado esse ano, o mercador retorna ao lugar marcado para a sentença de morte. Antes de reencontrar o gênio, aparecem três xeiques, que, admirados com o cumprimento da palavra empenhada, procuram salvá-lo da sentença de morte, comprometendo também a palavra do gênio, por meio das magníficas histórias que esses senhores lhe contaram.

Tenho pra mim que também joguei algum caroço de tâmara na cabeça de um gênio do mal, entretanto não apareceu nenhum xeique para distrair o gênio com histórias. Apenas o espírito do mau me deu cinco anos de grande felicidade entre o sucesso e o amor: Soledad, a parte maior de minha felicidade neste tempo que me foi dado. O gênio não me matou de uma só vez. Começou a retirar o que de melhor eu tinha: meu espírito criativo. Antes as palavras vinham como se fosse uma água corrente e fresca; a seguir, comecei a retirá-las de dentro de mim como que de uma cacimba. Além do primeiro lustro marroquino, mais cinco anos me foram concedidos, entre desertos e águas limpas. Vivi quinze ao todo, sendo os últimos cinco(?) entre viagens e profundas desconfiças, pois se ia minha alma como num sorvedouro. Não sei ao certo se tudo isso. A memória me trai com extrema facilidade.

Começo pelo fim. Andava eu tão perturbado, apesar de Aisha e Favvaz orarem em diversas sinagogas. Tive meu amigo Acib, que até prometeu vinte camelos para sua comunidade religiosa para que não estivesse tão mal. Era por verdadeiro dever de gratidão, confessava. Havia crescido tanto que de, um pobre agricultor, virou quase um sultão. Lançara soja em mil alqueires e creditava a mim e a Alá o sucesso de sua pequena tribo. Ele foi pioneiro nessa oleaginoso. Veio até me pedir que me casasse com uma de suas trabalhadoras. Era linda, e eu não estava já tão interessado em minha dulcíssima Soledad. Mas disso falarei depois.

Para verem, quem tiver a fineza de me ler, o quanto me perturbava ao começar o oitavo ano de minha vida marroquina, digo o que segue. Convidado a passar um fim de semana numa das fazendas de cítricos e de diversas sementes de meu amigo Aabe, não sabendo os meus passos, me vi numa estrada empoeirada e com vento de causar assombros. Tive a certeza de ter encontrado um antepassado. Estranhamente entendia sua língua, já então dominava o árabe e o berbere. Fiquei calado ouvindo sua história. Sou seu antigo pai. Por aqui passei faz 50 mil anos. Foi de geração em geração que dei em teu pobre pai, o mais veloz carregador de sacos e o mais humilhado de todos. Fugiste apavorado por todos cantos do mundo. Sofres de um mal de fugir de ti e mais do mal de andar.

Aprendeste que, por mais que andes, não podes fugir de ti mesmo. Tens no teu íntimo a mesma causa que me fez fugir por esse caminho ermo. Um desejo tão forte de não ficar quieto em sua toca como se os ares diferentes pudessem alimentar a alma. Me impressionam os teus extraordinários movimentos, não só do corpo mas da alma. Esses é que tanto te fizeram sofrer como um cão sem dono. Por que esvazias teu coração de Soledad e mal te lembras de tua casa? Anuncio com tristeza uma perda triste. O anjo do silêncio a fez calar. Não foram suficientes as lágrimas que verteram de tua amada espanhola?

Desde aquela noite em que, já não sei se em sonhos ou se sonâmbulo, andei pelo campo, soube que minha mãe morria. Dias depois voltei para casa e ainda encontrei a amável senhora, que derramou sua última lágrima em meu ombro. Soledad me acompanhou. Possuía uma ternura bonita, ainda que não exuberante. Pequenos lapsos de memória começaram a me atormentar. Tomei muitos chás e acho que até um deles fez bom efeito, fazendo voltar boa parte de minha memória e um pouco de meu entusiasmo.

Estava quase nu e pobre diante dos acontecidos. Nada podia prometer para segurar, no futuro, o efeito do momento. Temia como um cão de rua que, mal passado um instante, já não lembrasse minha ação ou meu pensamento, Temia, sobretudo, que pudesse não me lembrar da amável Soledad e de Aisha, solicitando com seus olhos um pouco de atenção. O melhor que tinha a fazer era deixar me levar pelas circunstâncias até onde e quando pudesse tê-las à minha disposição. Não vou estragar o prazer com meus pensamentos funestos. Que se erga um pouco de alegria e fale mais alto que a prudente reflexão. Não vou me perder em razão de imagens desvairadas, tampouco por causa de uma pequena invasão do esquecimento. Prometi ao meu tio permanecer por mais dois anos nos árduos e gloriosos trabalhos de vendedor. Enriqueci a mim e ao meu tio, deixando bem de vida Favvaz e menos mal a nossa afável Aisha.

Passei esses oito anos numa latitude e alteza de sorte. Nunca Marrocos plantou tanto assim. Devo narrar com pouca contrição o azar de não conseguir levar adiante o conjunto harmonioso de meu amor por Soledad e os negócios. Por sete anos fui um bom homem e cheio de um jeito amoroso de ser; depois, suportei o conflito de agradar e desagradar a esta mulher, que merecia mais que meu analfabetismo afetivo. Passados os sete, fiz com que comesse o pão que o diabo amassou. Ela manifestou bondade extrema acompanhando-me nas grandes e pequenas negociações. A partir de então rolavam muitíssimos dólares e geralmente deixava-a na pior situação. Enfarrava-se vendo as tratativas e conversas enfadonhas. Pasmou-se de me ver nesse bendito lustro e meio desvendando com fluência os meandros da língua árabe e berbere. Não podia haver maior felicidade que fazer crescer os campos e encher de honra e saudades uma mulher. À medida que comecei com meus esquecimentos negociastas e afetivos, disse-me, com lágrimas, que não sairia da Espanha para gastar o seu tempo e sua vida tentando decifrar a nova língua e se enfiar nas enfadonhas reuniões. Por mais que eu apelasse ao meu coração para que se tomasse de aventura e ternuras por ela, tudo se calava em mim. No início podia ouvir palavras de ternura, depois soavam falsas. Buscava até vê-las no ar, por serem tão solenes e vigorosas. Posso muito, mas não suportar a impiedade que estava fazendo. Partiu tão triste quanto amável quando veio ter comigo a primeira vez em Casablanca. Era a segunda vez que traía sua confiança. Passei, por alguns dias, com minha boca seca, desacreditando da minha volubilidade. Antes meu caráter volúvel, agora uma doença me vencia.

Em tudo Manuel se saía bem até que a impiedade da doença começou a devorá-lo. Podia falar até aos oito anos de amor e de negócios sobre a sorte das coisas. Eram prudentes e boas.

Depois, aos poucos, o destino começou a me negar qualquer chance. Fiz negócios de altos interesses financeiros. Minha honestidade tornou-se conhecida. Máquina que não apresentasse ser produtiva era máquina devolvida. Não traía a confiança e cada comprador tornava-se amigo meu. E de fato na corrente negociasta fazia pulsar meu coração.

Mais que as circunstâncias do envolvimento, mais que a confiança e a fé de Soledad, falou a pusilaminidade involuntária de Manuel. Ele mesmo confessava sua letargia e estupidez. Pelo divino profeta, estou um ser humano indigno! Aos poucos, como se não tivesse qualquer talento para o amor ou qualquer virtude para sustentar um sonho de ternuras, fui perdendo Soledad. Ela efusiva e solene como um anjo, eu como um divagador de negócios e murcho como uma pera caída a olhar estrelas distantes. Já quase negociador de dez anos e perdedor da amplidão celeste de Soledad. Um mísero mortal, incapaz de cultivar um gesto bom. Insensível como um carrasco acostumado a matar. Não merecia nada mais que a desconsideração, e, assim, recebia de Marietina os últimos apelos para que pensasse um pouco, um tantinho só, dizia ela, sobre minha violência em romper sem assumir o que tantas vezes havia dito amar de todo coração. Ela me incriminou pela undécima vez e nada de ressuscitar em mim um pouco de desejo ou que fosse a vontade de cumprir o cuidado. Um homem espúrio era o que estava me mostrando, falava com veemência em seus emails. Apesar dessa minha vilania recebia atenção. Que entendesse! Estava perdendo o primo para a doença. Estou mau, não por minha vontade, cheguei a dizer, num dos momentos de boa lucidez.

Soledad, sentindo-se em completo abandono, mandou-me uma mensagem. Mantinha a elegância que lhe era tão própria, mas entre as palavras percebia-se a dureza, para mim, quase uma maldição. Pior de tudo: nada afetava a direção de meus propósitos. Seria eu agora um perseguido pelos sacos carregados por meu pai, movendo em mim a necessidade de uma riqueza exorbitante. Eu dizendo: veja, pai, estamos ricos! Definitivamente não mais tinha o controle de minha alma. O costume do amor e do respeito se esgotava como a água de um balde furado.

As mensagens da prima Adela chegavam. Aí, sim, a força de suas expressões eram quase matadora. Amaldiçoou minhas últimas iniciativas. Solicitou ao tio Guilherme que me afastasse da empresa, dizendo que me transformava no monstro devorador de dobrões de ouro.

Andava com minhas intenções, não esquecendo meus hábitos sociais, todavia meus desejos de corresponder às expectativas amorosas não surgiam. Estava vazio como o deserto bem perto daqui. Ainda me reconhecia, sabendo que, por vezes, me contradizia.

A vida dá suas voltas e não vou me esquecer(?) do dia de minha retomada de desvelos por viagens. Nesse tempo de movimentos loucos, recebi um comunicado dizendo que Adela havia assumido os destinos da empresa. Estava eu conversando com um dos meus clientes. Acho que ele tinha um convênio especial com um anjo muçulmano. Contou-me uma longa história, que, no início, pareceu-me perda de tempo. Foi chegando em mim como uma mãe que pega seu bebê para não despertá-lo. Fiquei hipnotizado e cada palavra me convencia de que o mundo tinha razões de sobra para atrair sobre mim toda bondade. Já que andava esvoaçante, o que custaria andar por aí. Alá faz conosco como Maomé fez com a gata parida, falou-me. Depositou-a no chão para que desse de mamar aos gatinhos. Assim, às vezes precisamos nos dirigir para um lugar diferente e sentir a bondade que ali está escondida. Convidou-me pra que fosse até sua mesquita. Disse que pensaria em sua proposta. Jamais saberei dizer sobre a força de suas palavras. Outro dia apareceu-me com sua túnica e fomos juntos. Eu, como uma criança desorientada, segui seus passos. A mesquita me deixou comovido, mas a única coisa que aconteceu foi me demover de meus negócios e viajar. Um pouco de vergonha ainda me sobrava. Escrevi ao tio sobre meu interesse de abandonar a administração de seus negócios. Que forças eram aquelas que me impeliam para novas paisagens? Ou seria mais um sintoma de um mal que estava chegando rapidamente? Talvez a grandeza da mesquita ou a visão do primeiro homem de minha família a atravessar a África rumo à Europa? Meu tio entrou em pânico ao saber de minha decisão. Ainda bem que a prima Adela já tomava conta dos negócios. Objetiva como sempre veio até Marrocos e decidiu não pedir que ficasse. Acertamos os valores. Tomei meu cartão de crédito e saí de Marrocos. Novamente eu por aí. Ouvi uma conversa entre Favvaz e ela e percebi a dor dele ao revelar minhas

dificuldades de temperamento e de firmeza nos negócios dos últimos tempos.

Uma amarga descoberta

Faz dois ano(?)que começou a se acelerar um desmazelo de meu coração e de minha cabeça. O pensamento, quando vai buscar na despensa as informações necessárias, parece preguiçoso e, quando pronto, sai a esmo, sem a devida orientação. As palavras parecem dormir em algum lugar dentro de mim e aparecem quando querem, não quando solicito. Pior anda meu coração. Que coisa mais infeliz essa forma de redundar sempre num vazio, um lago sem onda e sem peixes. Amaldiçoo, faz quase cinco anos, por ter um enfraquecimento do coração. A mente se obscurece, e como na noite não se vê, não vejo as palavras certas. Parece que também o coração desaprende a amar. Antes de ir para casa e saber de todos os cuidados que tiveram por mim e da minha realidade paterna, compreendia que estava para um errante sem casa e sem habitantes. Melhorei durante oito anos(?): os mais perfeitos que um ser humano pode desejar. Tive uma mulher extraordinária e um trabalho reconhecido. Em tudo fui bem servido, como se fosse um filho preferido do deserto. Ajudei a fazer florir os campos e as sementes vieram sobre eles como maná. Entendia-me como um sumo pontífice: quase absoluto em minhas ações. De fato, agora acabo perdendo a noção da realidade. Nos últimos cinco anos, e particularmente nos dois últimos, uma espécie de esquecimento prendia-se em mim. Compromissos e até os meus melhores costumes, como o de saudar com alegria e moderação, apagavam-se. A luz, como em noite de tempestade, acende e se apaga. E os apagões são cada vez mais longos.

Depois que tudo isso acontecia e da solicitação de Adela tão categórica, não tive dúvida de viajar pra ver se em algum lugar pudesse encontrar as boas palavras de Marietina. Recebi as melhores ideias sobre minha decisão. Afirmava peremptória: meu quase irmão, se algum mal te

deixa tão esquecido, venha pra casa. Não se esqueça de Soledad, que sabe que sofres por ter essa fragilidade que se avoluma em ti.

De nada adiantaram os apelos de Favvaz para que tomasse outra decisão. A fidelidade dele era coisa passada, ele que agora podia se orgulhar por ser o escolhido para dar continuidade às vendas. Rapidamente acertaram, Adela e ele, aumentar o empreendimento para outras cidades, transformando-o numa montadora e revendedora. Curiosamente, as decisões operacionais de Adela não me atingiram. Tudo era como se nada estivesse acontecendo. Os únicos que choraram pela minha história foram Aisha e Favvaz. Nem imaginava que os marroquinos da região fossem tão agradecidos. Não acreditavam que um homem pudesse estar tão louco como eu de deixar meu trabalho. Estavam assustados também, pensando que uma doença estivesse me deletando.

Tentei realizar o que antes tanto me agradara. Não porque necessitasse de qualquer lucro. O que os quase onze anos de esforços me renderam dava pra me sustentar sem preocupação. A resposta foi categórica: já estava muito velho para animar as populações nas viagens dos cruzeiros. Mesmo que, na entrevista, afirmasse possuir longa experiência e falasse árabe e berbere, não superei as regras duras da disciplina antiga que dizia não haver transigência para a idade, apesar da competência.

Firmei posição em olhar de muito perto tudo que acontecia. Vi meu talento de fotografar. Seguiu o conselho de meu amigo muçulmano. Olhe tudo e veja como se visse a Deus em todas as coisas. O velho amigo ainda brincava. Tu, que acreditas na Santíssima Trindade, de repente, poderá surpreender aos três de uma vez só. E fiquei encantado de praticar meu novo ofício. Os cômodos do deserto e as calcinações ao lado de plantações verdes me faziam ver o extraordinário, o divino. Em seguida essas ideias vinham o silêncio e o amargor em minha boca.

O primeiro ano serviu pra meus eflúvios, encantamentos e brutos esquecimentos. Eventualmente, encontrava alguma mulher que se impressionava com as maravilhas de minha arte. Não podia estar muito

equivocado, tanto que um dono de revista que viajava encantou-se ao expor minha obra num dos navios. Dentro de mim agitava-se uma experiência de fulgores, assim como uma nuvem de fumaça me fazia me recolher. Comprou a minha coleção fotográfica. Dividi o resultado entre as arrumadeiras e os garçons que nos serviam e depois voltavam para suas aldeias ou cidades. Obtinha certo reconhecimento com outras encomendas para minha nova arte, mas esquecia a quem pertenciam.

Ao final do primeiro ano de fotógrafo, Marietina ainda me azucrinava pelas escolhas realizadas. Apesar de ter concordado em não mais ficar no meu trabalho por causa de meus esquecimentos, ela escrevia: me admira muito ter um primo que deixou cair por entre seus dedos uma dádiva tão linda, referindo-se a Soledad. Mandava-me o endereço dela para que fosse pedir perdão, avisando-me que minha ex-nossa senhora estava casada e que não fosse tão maldoso de querer qualquer outra coisa com ela. Pelo meu Deus e o de minha mãe, começam a me irritar as críticas. Não entendem que estou acabrunhado pela doença, isso já não é o suficiente? Passou-se em brancas nuvens a solicitação de minha prima. Pudera, nem ao menos me interessavam os caminhos que a Máquinas de Plantio tomou. Merecia um estudo, pois que as memórias de mim não importavam mais. Por vezes não sabia distinguir o que fora real do que fora imaginação. Pior ainda, a confusão dos eventos, imaginados ou não, me levava, por vezes, ao desespero. Estava para um cavaleiro sem ordem e sem cavalo.

Pior de tudo que foi me acontecendo era que as ações de poucas horas atrás sustentavam-se em mim por pouco tempo. Então, escrevia para saber dos acontecimentos. Pela primeira vez desejei minha morte e, de cova funda, pra ninguém pegar do meu mal.

Além de meu problema de memória, começaram a me povoar meus súbitos acessos de ciúme em relação a quem estaria vivendo com Soledad. Ora me culpava pelo abandono, ora me via envolto em um estado de raiva indomável pelo péssimo sentimento ao sabê-la casada. Percebi o estado doentio e fui buscar um especialista em Alicante. Me fez

desenhar relógios e outras coisas conhecidas e comuns. Pasmei por ver minhas figuras tortas e imprecisas. Meus desenhos imitavam os de Miró, com inspiração de um doido sem vocação de pintor. Ele, ao final do diagnóstico, sentenciou que estava em completo processo de esquecimento. Que pensasse em quem me cuidar, fosse em casa de família, fosse em um asilo para gente sem condição de se cuidar sozinha. Paguei pra que me dissesse que iniciava minha loucura. Acalmou-me, porém, pra finalizar: tudo se consumiria de forma em dois ou três anos. Que esperança pode ter um louco? Saí da clínica em condições de ainda pensar: o jeito de se morrer nos dias de hoje é diferente. Antes, a gente partia sem saber da *causa mortis*. Agora, a gente vê, e bem de perto, os estragos que a morte vem fazendo e como, ladina, vem decidida e, passo a passo, toma conta da vida. Fiz todos os exames e, pela leitura deles, não tinha mais dúvida de ver que em mim ela iniciava pela cabeça. Poderia meu corpo resistir mais, mas é certo que bem menos de cinco anos me reservavam vivo. Pode-se, pela exatidão da tecnologia, dizer dos caminhos dela e até lhe dar os parabéns pela precisão de seu andar. O que, porém, me intrigava é que, ao deixar meu trabalho em Marrocos, tive um sensível melhora. As novas atividades me concederam um certo vigor. As comunicações das viagens estabeleceram uma nova rotina, ou, melhor sua ausência fez com que me sentisse melhor. Mas..., ó santo Deus, apenas me foi dada uma folga, uma trégua antes de me ela tomar em suas mãos, as únicas indefectíveis. Aos poucos minha memória, minha melhor parte da alma, começava a se apagar de maneira impiedosa.

De fato, já havia percebido que me esquecia das pessoas e de acontecidos. Ainda bem que mantinha o costume de anotar tudo, conservando escrita a minha responsabilidade. Pela primeira vez na vida, ou seria isso mesmo, avalei melhor que os esquecimentos de tantas coisas e pessoas não anotadas passavam a se desmontar em mim como se acontecessem em desenhos de areia. Tantas e tantas vezes pedia pra Favvaz ou Aisha me lembrarem de tudo. Já convivia com minha ainda não pronunciada demência. Não saberia contar as vezes que esqueci nomes e ações de meus trabalhos. Aisha é que não me deixava pior. Aprendi a

viver tomando de empréstimo o apoio dos outros. De tanto esquecer os horários e as coisas nos navios e nos hotéis que somente agora me dava conta de que o mal vinha se agravando há mais de dois ou três anos. Uma nuvem escura ia pondo minha consciência em desordem.

Agora vejo melhor o quanto me tornara desbocado, não tendo a suficiente prudência na palavra. Temo que, se agora já ando sem cuidado, o quanto poderei piorar. Salve-me Nossa Senhora de Leganés, a capitã de uma esquadra, que não posso sucumbir! Afaste de mim a doença do esquecimento das pessoas que amo. Devolva-me os sentimentos que antes me moviam. E por que, de repente, este ciúme de quem, porventura, esteja com Soledad?

Me tornava um homem ressentido. Completava sessenta e dois(?) anos e a velhice não vinha sozinha. Estava apavorado, e depois de mais de quatro (isso tudo?) anos enviei uma mensagem a Soledad. Anunciei-lhe que meus esquecimentos vinham de longe e que estava com medo infindo de não poder pedir perdão o suficiente. Uma doença, fazia tempo, deixava-me um sujeito sem piedade. Que coisa é essa, a alma, que se espedaça e escapa ao controle? Estava muito pior que Quixote, voltando pra morrer em sua aldeia. Estava o próprio Rocinante, cansado de transportar um sonhador. Tentava me desculpar junto a todos a quem abandonara. Comuniquei a Favvaz e a Aisha a minha doença e que me perdoassem, pois as minhas falhas tinham uma razão, que escapava à minha vontade. Mal havia enviado meu email e já veio a resposta dos dois cada qual dizendo mil palavras de conforto. Mal havia lido e já as esquecia. Enquanto durassem meus lampejos, aproveitava para avaliar e buscar socorro. Não me concebia um ser mau, mas um ser doente. Estava me perdendo pra doença e cada vez mais. Antes que perdesse a palavra, queria me reconciliar. Qual não foi minha surpresa de rapidamente obter o perdão, ou o que seja, a anistia de Soledad. Como lhe mandei o diagnóstico do médico de Alicante, recebi meus pêsames por estar achacado por tão tremenda preocupação. Que me cuidasse e voltasse pra casa, que é costume voltar pra casa quando se está fraco. Que encontrasse um lugar ao abrigo do tamanho de minha situação. A santa

mulher renovou a estima que sempre me oferecera. Filosofou no email: nem sempre se move a alma de acordo com as melhores disposições. Respondi muito agradecido. Somente agora, pelas beiradas de meu desespero, sabia avaliar a bondade com a qual fora agraciado, mas por razões de minha fragilidade não soubera reconhecer nem aproveitar. Pedi a ela, antes que o sol se toldasse e a escuridão sobreviesse inteira, que me abençoasse. Comuniquei-lhe sobre o dia e a hora em que iria passar pelo aeroporto de Madrid. Estava apressando meus passos para chegar a tempo de meu governo em Passo Fundo. Pedi a Soledad que solicitasse a Marietina que compreendesse meu desajeito. Não tem explicação a dor da culpa que tive ao lembrar de quantas vezes Soledad me pedira que buscasse um apoio terapêutico para meu estado de espírito tão sem retidão. E antes que tudo se vá, me perdoe.

O recado chegou até minha prima Adela. Pelo que disse seria melhor ser cego que ler o que li. Acho que apaguei a sua fala e pouco me lembro das acusações que me fez. Mãe é só uma pra perdoar nossas desventuras, mas imagino que muitos parentes podem ser cruéis ao saberem de nossos pecados. Ainda bem que conheci e dei-me a conhecer a poucos deles. Lembro-me de algo como ter sido irresponsável no último ano de meu reinado em Marrocos. Um dos benefícios do esquecimento é o não rememorar as ofensas. Aos poucos fui perdendo a nitidez de outras línguas e a facilidade de nelas me expressar. Ficou inteira a língua portuguesa e um pouco de inglês que fazia tempo carregava comigo. Até Alá e seus versos desapareciam. Ainda pior: apenas eventualmente me voltava a memória, quando ela se dispunha a colaborar comigo. E quando tudo se ocultava, procurava com meu inválido esforço evocar palavras e a sequência de atos que antes me conduziam para o objetivo que pretendia. Traços de minhas intenções permaneciam. Que Deus me alcance alguém em Madrid.

Apenas no avião se acendeu a luz dentro de mim. Ainda que vaga, mas o suficiente para reunir os elementos pra saber que me dirigia para o Brasil. Abri meu email e, para minha felicidade, lá encontrei a informação. Soledad me tinha posto no avião dizendo que estava assustada comigo.

Já informei tua prima Marietina sobre a mudança do horário. Você ficou comigo e meu marido para que desse tempo de alertá-la. Ela vai te esperar no Rio de Janeiro. A companhia de aviação foi gentil e sabe de tua delicada realidade mental. Percebi a estranheza com que a aeromoça me olhava e a toda hora perguntava se passava bem. Mais dez horas de grande sofrimento para mim. Agora sabia que estava como uma caixa de fósforos. A luz fugaz se apagava e se acendia dentro de mim. Não sabia quantos palitos ainda possuía. Era um homem que tinha consciência de sua morte. Agradei a Soledad por entender que minha prostração mental é que fizera com que me perdesse dela. Ela estava no seu computador e me explicava sobre a doença, que causava tantos transtornos. Marietina também se comunicava comigo. Caiu uma lágrima sobre a borda do computador quando me expressei: pois é, prima de um vagabundo, estou me tornando um completo demente. Minha confissão pra Soledad me valeu outra. Dizia-me que retornaria a me ver antes que o sol descesse. Furtava-se de dizer abertamente que se inclinava a meu favor. Contava sobre minha fragilidade e, mais uma vez, atribuía ao meu estado de debilidade a incapacidade de reter nosso sonho. Sentia que se precipitava nela um carinho tão ameno quanto eram suaves as nuvens sob meus pés.

De meninas para mulheres

Me resta lembrar de tudo pra que saiba melhor quem sou eu. Não tenho a verve tão boa quanto a de meu primo. Mas pra dizer o que vai em meu coração não precisa escrever tão bem. Meu pai anda ruim demais. Coitado dele. A dona Ernesta não tem paciência. Os dois só sabem resmungar. Ainda bem que o braço forte de Adela tem poder pra tocar a firma. Meu marido diz que eu deveria me meter também nos negócios da fábrica. Diz que ganho pouco e poderia ganhar muito. Falei que não nasci pra isso. Estou contente com meu trabalho como assistente social. Fui pra Itália e lá aprendi a cuidar melhor de comunidades. Hoje desenvolvo um trabalho com mulheres velhas e, modéstia a parte, faço um bom trabalho. Meu Centro de Referência de Assistência Social me anima em todos os sentidos.

Não sei bem certo como contar a longa história que vou narrar. Na última vez que Manuel mandou email, dias depois da morte de minha tia Genoeffa, pôs anexos alguns dados de sua história, mas depois disso me mandava alguns emails. Ele é um verdadeiro e amável convertido, embora tenha começado a se esquecer novamente de sua gente. Mas o que vou fazer se amo esse *bruta bestia* do mesmo jeito ou mais do que se fosse um santo?

Vou contando aos trancos e barrancos os sucedidos. De tudo que aconteceu vou tentar escrever, em branco e preto, os fatos principais. Não sei bem o que é o principal, mas acho que o que mais mexeu comigo é o principal. As coisas de minha família original e a que formei são o principal.

Me perturbo fácil quando tenho de falar sobre como vai meu casamento e como amo meus filhos. O Humberto é um marido muito amável, mas me entusiasma muito pouco. Vive implicando com tudo. Diz

que o trabalho com minhas velhas não vale a pena. Gosto dele por ser um ótimo pai. Mas sobre o meu trabalho nem sei por que lhe devo tanta explicação. Queria me ver atarefada na empresa. Aí é que rola a grana, mulher, costuma me dizer toda semana.

Escrevo, então, para ver melhor o que faço. Sei que não é muita coisa o que faço e o que vou fazer. Apenas vejo que minhas velhas senhoras estão bem. Tenho me comunicado com Soledad. Fui eu mesma que a convenci a desistir do meu primo. Nem sabe o que o desgraçado perdeu. Aquilo que é gente! Mas vai saber o que se passa na cabeça dele. Se é que ainda tem. Aconselhei a que casasse quando fui ter com ela na minha estada na Itália. Estava ainda chocada com a atitude dele em perdê-la. Agora ela tem seus filhos e manda sempre dizer que me ama como irmã. É muito curioso isso. Parece que as mulheres são mais fiéis à vida e se entendem muito bem com o cotidiano. Mesmo que eu diga que ele não merece a lembrança dela, ela insiste em dizer que não esquece o Manuelito de jeito nenhum. De fato, mulher é de um outro planeta. Não me queixo de amar um homem um pouco impertinente, uma vez que devo amar quem assume com veemência os filhos que gerei. E do jeito que as coisas andam, melhor ficar com a pouca riqueza que se tem.

É engraçado, não puxei nem pelo pai nem pela mãe. O recurso financeiro não me move. Apenas sinto que não tenha dinheiro para viajar um pouco mais. Estou negociando com minha irmã para que dividamos o patrimônio da empresa, pois assim ela estaria livre de se preocupar comigo. Estou esperando apenas que se passem os dias de minhas duas crianças crescerem mais. João Pedro com 15 anos e a Pierina com 13. Daí, sim, vou me ver um pouco mais livre e fazer um pouco do que meu primo fez. Vou de Casablanca a Cabul, de Oslo a Cingapura, do Chile ao México, vendo o que nunca vi. Vou dar uma do cigano Melquíades de Garcia Marques em *Cem anos de solidão*. Vou *navegar por mares incógnitos, visitar territórios desabitados e travar relações com seres esplêndidos*. Meu primo dizia que viajar é mais do que viver, é estar acima da vida, uma vez que se desdobram os fios com que se costura a alma. O contato de civilizações nos torna tão grandes a ponto de julgarmos que

não somos mais os mesmos. E me contava que um dia foi até o museu etrusco em Roma, onde as lágrimas lhe brotaram espontâneas. Saiu de lá como se já não fosse o mesmo. Trazia a bênção e a fortuna de um povo que peleava dia a dia com a morte e cujas mulheres haviam-se na beleza com um grande alívio. A última vez que se comunicou comigo, poucos dias depois que aqui esteve, justificava-se todo: que eu saísse um pouco de mim, porque a gente se torna com quem convive. E se, acaso, a gente fica apenas inserido num pequeno lugar, a vida se torna pequena e a alma, menor ainda. Fui levada pela responsabilidade de uma família. Acho que sim: em parte, ele tem razão, mas nada substitui a ternura de ser mãe. Se tenho uma vocação peregrina, e isso é muito forte, necessito também ter laços firmes para não ter a sensação de estar sempre voando. A visão de meus filhos, os sons dos ouvidos e o sabor de suas bocas fazem parte de mim. Me desculpo avaliando a minha verdade. Também posso dizer que pouco sabe quem não teve um filho.

O curso que realizei na UPF foi de tirar o chapéu. Se não viajo como pretendia, me sinto estendida cada vez que um neto ou uma velha senhora compreende o seu valor. O neto, por descobrir melhor o seu tamanho, por se identificar com a velha, e a velha por ver melhor quem foi. Acho que estou como uma parteira de velhas. Mas muito mais, bem mais: uma velha senhora pode descobrir que sua importância pode estar nas ligações que faz com sua família, ainda que debaixo de mau tempo. É muito curioso o que estou falando das velhas senhoras: quando já fechavam suas escotilhas para afundar seu navio, descobrem que existem paisagens e celebrações humanas dantes nunca festejadas. Num dos encontros escreveram com meu apoio e correção e ficaram tão lindos os dizeres que escrevi:

*Quando falam dentro da noite, os murmúrios antigos retornam;
Quando vocês falam, as malas antigas cheias de roupas
Trazem vestes e vestem minha alma ainda pequena.
Quando vocês falam! Ai meu Deus que nos fez tão breves,*

Mas temos vocês, tão grandes, que hoje estou quase infinito.

Por essas e outras, estou pensando em dissertar no mestrado em Ciências do Envelhecimento sobre meu papel de assistente social. Do jeito que tudo acontece, tenho-me como educadora de velhos que não se apagam. Não vale tanto quanto ver meus horizontes que se alargariam em viagens? Bem, mas isso não retira que eu me dê um prêmio de alargar meus olhos em muitas viagens. Ainda vou adejar no mapa-mundi.

Comecei a ficar preocupada com meu pai. Me afirmou que entregou muito cedo o posto de coordenar seu ofício de empresário. Ergueu uma fábrica e suas máquinas deram bons frutos. A plantadeira que criou com os engenheiros só falta falar com a terra e os grãos que lança. Falei com Adela e ela, por mais objetiva que seja, está disposta a chamar novamente meu pai. Se assim não for, penso que minha antiga casa vai virar um inferno. Parece verdade que dinheiro não resolve, ou resolve muito pouco, se não houver caminhos do coração.

Lembro-me, com emoção, uma vez que Manuel veio de surpresa. Contava como ninguém histórias e mais histórias. João Pedro e Pierina se comoviam às lágrimas quando narrava a morte de Quixote. O cavaleiro, que levava a Triste Figura de um lugar para outro, morreu por não saber mais o que fazer. Apenas sabia carregar um sonhador que havia morrido por não poder sonhar mais. Os dois soluçavam não sabendo se mais choravam pelo cavaleiro ou pelo cavalo. Me fazia de forte: era eu quem mais chorava, por tudo e por todos.

Minha mãe veio me visitar, hoje pela manhã, domingo de pássaros no pomar, uma primavera promissora de ninhos e cantos. É engraçado como o João Pedro e a Pierina se transformam com a avó. Se deliciam por encostar suas cabeças adolescentes no colo dela. Daqui a uns dias, é pena, João Pedro começará a achar que não carece dessas ternuras caseiras. Mas não é isso que quero registrar. Minha mãe chamou-me em particular para agradecer. A ideia de deixar teu pai passar horas e horas na empresa está fazendo um bem que você nem imagina. E eu sinto nele

o homem que sempre foi. Enquanto ela falava, me passou pela cabeça uma nova certeza: a minha geração não tem como escapar de ajudar os pais e os filhos e, daqui a pouco, os avós também. É um tempo de pouca criança e muito velho. Os mais velhos reinventando seu tempo e os filhos para inventar a comunicação em tarefas de sobrevivência. E a senhora o que está fazendo, além de ficar em casa esperando o marido? Ela me olhou espantada. Então, quer me tirar de casa? Estou muito contente em dar meu tempo aos netos, às comidas e ainda dou uma mãozinha na igreja. Apenas quis pensar que poderia fazer ginástica e ter mais companhia. Se sair de casa fez bem ao pai, por que não pode fazer bem para a mãe? Deixa pra lá, filha. Vou pensar no assunto. Tu e a Adela, com seus trastes, ainda me dão o que carregar, finalizou. Rimos juntos.

À tarde dei pra filosofar, embora de uma filosofia tão frugal que não dava nem pra início de conversa com qualquer outro pensador. Sentei no banco dos fundos do quintal. Os filhos tinham ido num aniversário. O Humberto se garantiu de levar e apanhá-los. Eu estava de uma felicidade da cor do céu. Pensei da cabeça aos pés que estavam densos de prazer. Minha filosofia dizia que em certas horas estamos tão bem que, se assim permanecessem, o coração não aguentaria. Marquei no relógio o tempo em que permaneceria desse jeito. Era lucro demais para quem tem horas divididas por momentos muito simples. Revi minha vida, atribuindo-lhe um valor razoável: não era mais que uma simples mortal com ideias de imortalidade. As horas desse domingo tinham vestes infinitas. Ao anoitecer tive o peito e a alegria de saudar minha vizinha, que parece ter sido trazida por um urubu. Mostrei-me afável e vi que minha exuberância contaminou a dona Sepúlveda. Que bom, disse ela, que tenha vindo até minha casa. Até estava me perguntando por que ela, que cuida de tanta velha, não pode cuidar de mais uma. Pois é... e lá veio a velha desculpa de trabalho, filhos, marido e *naltre cose*.

Pois bem, já era noite quando Pierina chegou, perguntando se eu não ia pra casa. Quando me adentrei, pronto: Humberto puxou de sua ladainha: passei uma tarde toda levando e trazendo os dois e conversando

com o chato do Misael. Nem cerveja tinha. O animal é diabético. Chego em casa, louco pra comer alguma coisa, e cadê minha mulher?

Mais que rápida fui arrumando a mesa, que não suporto me azucrinarem a vida. Tinha um resto de bondade pra ele, era o que me havia sobrado do dia. Pouco tempo depois o sangue começou a me subir e eu queria esganar meu sacramentado marido. Depois da janta, feita de silêncios e palavras contentes de João Pedro e Pierina, retirei-me para meu escritório, de onde escrevo essas mal traçadas linhas. Não é de rir? Meditei um pouco e vi que estava mal o jeito de levar meu casamento. Não é que ele tem razão, avaliei. Ficou uma tarde toda ouvindo as conversas sem graça do Misael. Ele também não é de estimular conversa. E chega em casa, cadê Marietina? Vou dar um jeito de ver mais de perto se não estou contribuindo para esse amor tão mínimo. É, acho que não ter reconhecimento pelas boas ações que se repetem faz um estrupício numa relação. Casamento também tem disso: sufoca-se a raiva em nome da paz e dos filhos. Se ele nem sempre foi assim, alguma coisa se perdeu pelo caminho. Vou ver se encontro. Me parece que não estou saindo bem nem a uma boa assistente social em casa e menos a uma mulher amorosa. Quem sabe se, acaso, o desejo esmorece, a boa vontade não pode resgatar o que se perdeu? E será que assisto bem os filhos, que já estão quase no tempo de entrar na universidade? De fato, o tempo não espera sentado, anda e faz desandar, e eu com meus esmeros sociais. É disso que aqui em casa se queixam. Um diz que ando sempre olhando pro mau tempo dos outros, e eu respondo que aqui em casa é um céu perto do que vejo em meu trabalho. Quando outro diz que meu ofício é mais importante que a casa, respondo que todos estão bem crescidinhos pra saber o que fazer, enquanto lá na vila o futuro não existe. Digo, repito e mostro os meus desvelos por eles. Dias atrás me veio um choro de soluçar. Apenas então perceberam que eu também sou digna de consideração. Mãe, às vezes, é isso: um ser desconhecido.

Retomo minhas conversas. O tempo passa, e como passa. Sempre soube que ele é ligeiro e ninguém segura, mas não sabia que era tanto. Faz agora dois anos que meu primo, doido por loucuras, está em

contínua viagem. Foi afastado porque estava sem muita vontade de continuar. Minha irmã foi até lá e viu que ele não se interessava mais pela empresa, esquecia tudo. Espero que esteja melhor em razão de retomar o ofício de caminhador. Será que andava distraído e brigão por causa de algum problema maior? Lembro que fez menção de esquecimentos, mas coisa supérflua. Fez tanto e tão bem pra todos os trabalhadores do campo da região de Casablanca. Meu Deus! O que dá na gente de ser capaz de estragar tudo que fez. Meu marido diz que ele não merece mais nossa atenção. Desconfio que certas doenças tornam as pessoas menos sensíveis e capazes de esquecer tudo e todos. Tenho semelhanças com ele. Apenas não tive coragem de ser distante de minha casa. E casada com filhos fica-se à mercê de amores fixos.

Abro meus emails e pasmo toda! Não acredito no que leio! Soledad me comunica que o Manuel está muito doente e, pior que tudo, perdeu a memória. Diz ela que um médico de Alicante diagnosticou-o como doente de Alzheimer. Vou atender urgentemente o pedido de Soledad para apanhá-lo no Galeão. Se fosse só o tempo que tem mania de se precipitar... a morte espreita a toda hora e sem hora, e apanha os incautos e os prevenidos.

Me toquei pro Rio, preocupada que não me reconhecesse ou não o encontrasse logo. Poderia perambular e ser assaltado. Ai que dor! Ele que atravessou o mundo em todas as direções, agora tão rapidamente se desorientava. Confundia o oriente com o ocidente? Ou, talvez, estaria maximizando o problema. E para onde o levaria agora, que, infeliz, vagava.

Atravessei o galeão e fui até a recepção das bagagens. Por vê-lo do jeito que vi, mal segurei minha apreensão. O tempo é cruel quando traz a doença, que faz os piores estragos. Estava de corpo rijo. Os movimentos eram circunspectos, pra não dizer vacilantes. E os olhos, Senhor Deus, vazios: mortos da alegria que uma vez os via. Fez que me reconhecia e não conseguiu disfarçar a indiferença. Encontrei-o na esteira rolante. A bagagem rodava, e ele sem reconhecê-la. Abracei-o com ternura funda e

piedade. Misericórdia foi minha solicitação aos santos de minha proteção. Nenhum deles apareceu. Por fim Rita de Cássia, ou sei lá se foi o Divino Espírito, me concederam a sorte de um surto de lucidez. Saudou-me com tristeza, a mais funda que possa haver. O próprio desespero de se apresentar daquele jeito. Temia que fosse se assustar não me reconhecendo. Sou a prima, sou a sobrinha de tua mãe, a Marietina, a irmã da Adela, filha do tio Guilherme. Foi o que o trouxe à realidade, sabendo com quem estava lidando. Estreitou-me, voltando pra mim os olhos cheios de lágrimas. Puta merda, prima, não sei o que está acontecendo comigo. Acho que sou um lampião de luz apagada. Ri com ele e fomos saindo. Não deixei de agradecer o pessoal da companhia, que, por amizade, consegui me dirigir até onde Manuel se encontrava.

Sentados os dois, lado a lado, no avião, e depois no ônibus, senti que, de fato, ele era uma luz que se apagava e acendia. Aos poucos, o pobre homem começou a estar mais à vontade. Estava mais sereno, podendo revelar em sombras o que havia sido. Meu desvelo não tinha paga. Aí se escondia um homem que pretendia descobrir por onde andaria. Ou será que já havia perdido o homem para a doença? Não buscava solidariedade, mas o prazer de ser com quem poderia se comunicar. Sabia: nada fácil descobrir caminhos perdidos. Alimentava também a curiosidade de percorrer as dobras do pensamento entre restos de neurônios.

Chegamos, enfim, a Passo Fundo. Agora sei da pior maneira de se acabar um ser humano, mas sentia a responsabilidade de que não padecesse do pior mal que é morrer sem ninguém. Aquele valentão de meu primo, tão bonito e inteligente, está, por vezes, em delírio, ora sonhando, ora com os pés instigados pela realidade. Ao passar pelos campos de Soledade, viu, ao longe, um cavalo pastando. Da cena surgiu um diálogo interessante.

— Pobre animal, está cansado!, vindo-lhe uma lágrima.

— Que animal, Manuel?

— O de Quixote! É de tanto carregar as loucuras da Triste Figura.

— Não te preocupes com o cavalo espanhol!

— E você, prima, que anda com este animal do teu primo, não está cansada?

— Nenhum pouco, Manuel. Vou atravessar os campos contigo, primo.

— Obrigado!

Andamos silenciosos até nossa casa. Depois de alguns dias fui percebendo em que estado andava. Em todas as maneiras de se apresentar quer me dizer que existe. Treme de medo quando me afasto dele e depois, quando volta por alguns momentos a si mesmo, fica perguntando sobre o que houve.

Em princípio ele fica comigo, falei pra minha mãe. Fui categórica ao dizer que não aceitava deixá-lo num asilo. Avaliaria depois se ficaria com ele ou o encaminharia para uma casa de atenção a idosos. Vi que ele estava preocupado com as despesas. Ainda bem que me deu seu cartão de crédito para ajudar nos débitos que teria para cuidar dele. Falou com decisão: Piera, você comanda que eu obedeço. Fiquei feliz por ver que havia muito recurso e que ninguém me atanzaria a vida por causa disso. Temia que estivesse mais pobre que rato de igreja. De pouco adianta ter a Deus se faltam os recursos, a menos que Ele os conceda. Mais ainda que Humberto iria me encher todos meus tubinhos só de pensar em usar o nosso rico dinheiro. Comecei a buscar informações. Estudei a doença e me apavorei. Não aguentarei cuidar dele sozinha. De outra parte não aceitei a ideia de enfiá-lo num asilo. Por todo respeito que tinha pela tia Genoeffa, não posso me permitir ser omissa. Vou em frente custe o que custar.

Algumas funções mentais estavam intactas, enquanto outras se revelavam menos inconstantes. Agiam quando queriam. Desenhava bem: uma mão dócil e competente. Os fatos anteriores a Marrocos eram evocados com facilidade. O pensamento acostumou-se a se bifurcar: ora

se dava muito bem com a realidade, outras vezes imagens sobrevinham, apenas imaginárias. Irreais para os outros, mas para ele empoderavam-se até mais do que aquilo que de fato existia. Lembrei-me, naqueles dias de meus estudos sobre o que afetava meu primo, o livro de Garcia Marques, *Cem anos de solidão*, em que Úrsula, a centenária senhora, sentia-se perdida num labirinto de mortos. Certa feita a velha gritou: Fogo! Fogo! Semeou pânico por toda a casa, entretanto, apenas se referia a um incêndio de uma cavalaria a que tinha assistido aos quatro anos de idade. Presumi que os conjuntos de neurônios e sinapses disputavam domínios com elementos estranhos. Aprendi que, fatalmente, os elementos neurais, com diversos nomes, em pouco tempo impediriam o fluxo comunicativo entre as partes do cérebro, minimizando a fortaleza do espírito. Algumas partes resistiam mais, dependendo da organização mais ou menos bem estruturada. Manuel dizia-me, quando acesa a sua melhor luz: querida, estou vendo de perto em meu processador o demônio que, aos poucos, me devora.

Aí é que me espantavam as luzes todas quando se acendiam e brilhavam e a mente criava analogias com o que lhe sucedia. Vou acompanhar de todo coração vendo os movimentos dele. Além da bondade, vou conhecer.

Lia vorazmente sobre os acontecimentos em Manuel: existe uma série de mudanças do humor, que, segundo a medicina, são sintomas comuns, mas variáveis. Percebia-o de humor infantil quando punha flores sobre a mesa. Demonstra certas resistências a fazer o trivial, como escovar os dentes. Experimenta uma inversão da personalidade por costumes nunca praticados. Nunca o tinha visto rezar, agora se tornou um devoto. Por vezes, há desinteresse, apatia e inibição. Vejo também condutas de desconfiança e paranoia. Se, ao menos, houvesse uma alegria, nem que fosse estranha e excessiva, mas contínua. Que ao menos fosse livre da violência. Quando vejo nele movimento hostil, olho-nos olhos e isso o acalma.

A licença de meu trabalho se esgota hoje. Surgem as primeiras queixas dos filhos, mas não posso deixar Manuel extraviado por aí. Desculpo-me com eles, por não poder deixar tanto sofrimento sozinho.

Aproveitei um dos momentos em que ele estava de luz acesa e fomos ao banco. Consegui avaliar o que sobrara das andanças dele. Não foi difícil fazer a transferência dos recursos. Por confiar plenamente em mim, entregou-me seu cartão de crédito. Me espantei do quanto havia. Fui falar com Adela e foi confirmado que não havia dúvidas, a soma era elevada. Os dez anos de trabalho fizeram dele um homem com recursos. Me inteirei mais sobre o sucesso que a empresa de máquinas alcançara em diversas cidades de Marrocos. Minha irmã foi objetiva em sua avaliação.

— Teve o que mereceu. Durante nove anos foi muito efetivo, embora com algumas falhas ao final. A conduta irresponsável levou-o a que fosse afastado. Paguei o que a empresa devia. Não podemos conviver com doentes, mesmo que tenha sido um extraordinário cooperador, objetou.

— Mas ele era teu primo, alterquei.

— E daí? Não administro uma obra de caridade, respondeu enquanto remexia os documentos do dia.

— Tenha a santa paciência, senhora minha irmã. Acha, então, que nunca vai se fragilizar também?, quase gritava.

Me retirei dizendo que ela ainda iria morrer de tanta frieza. Ela apenas riu de minha inconformidade.

Mal-estar em família

Mudam-se os tempos e os costumes, o caráter quase sempre permanece. É de causar espantos ver, de um mesmo ventre, seres tão diferentes. De um lado, Marietina, a pródiga e, de outro, Adela, a distante, mas necessária para o cumprimento de seu ofício. Sem dizer nada, todos sabiam seu lugar na empresa. Punha ordem e fazia render tudo que estivesse ao alcance de suas mãos. Tendo cuidado suficiente na empresa, negava qualquer participação financeira na história do seu primo. Ernesta certo dia se expressou assim: desde quando Adela era pequena eu falava que essa menina vai longe. Não sei como consegue tanto assim. No estágio que realizou no curso de Administração de Empresas, conseguiu render tanto a ponto de ser cumprimentada por seu desempenho brilhante. Chegou um momento que falou ao diretor: vou mostrar muito mais, mas dobrem a minha bolsa. E causou perplexidade aos seus superiores por perceberem o quanto era atilada. Ao terminar a faculdade, veio gerenciar a nossa empresa. Modificou muitas coisas, a ponto de meu marido se preocupar. Fez acontecer! Até então os passos de todos eram lentos. Bastou dois meses pra que todos andassem velozes como gazelas. Ela me corrigiu um dia, dizendo: não como gazelas, como leões. Bem ao contrário de minha doce Marietina. Se a Adela é dura e sem muito carinho, Marieta é derretida. Agora que veio trazendo o vagabundo do Manuel todo rebentado, anda com ele dependurado: uma verdadeira mala sem alça. Sinceramente, não sei o que dá de serem tão diferentes essas minhas filhas, uma a pedra, a outra uma flor sensível.

O que vou fazer se a Marietina quiser adotar definitivamente aquele homem que anda louco? Me admira muito estar com tanto cuidado, mal dá conta do trabalho e da casa. Estou vendo os meus netos, uns pintinhos sem choca. Acho que desse jeito vai perder até o Humberto. Vou

ser dura com ela. É capaz de ficar doente de tanta preocupação. Uma notícia boa e outra muito ruim. Não é que o perturbado do Manuel está cheio da nota. A ruim: ela deixou do trabalho pra cuidar dele. Vai ser a cuidadora. Tenho certeza de que essa história não vai acabar bem.

Tenho pouco estudo, mas a uma pessoa sou agradecida em minha vida: a professora que me fez pensar escrevendo. Anoto, então: sei que a vida da gente fica parecida com aquilo que a gente vive. Os guerreiros se tornam brutos, as mães se tornam boas e os ladrões, temerários e ela, pelo contato, vai perdendo a razão. Os sentimentos dela vão se apequenar. Não pode se transformar numa coisinha à toa. Prefiro que ele morra a ver minha filha devastada, desbotada de cor e de jeito. Tenho já o suficiente pra me preocupar. O meu grande homem está se mirrando. Vai pra fábrica pra passar o tempo. Está lá de favor. Antes tão forte e poderoso, agora, decepcionado, porque não entende as complicações dos negócios todos feitos na *internet*. Ele estranha que na mesma hora se sabe dos negócios de Marrocos em tempo real. Aí ele fica amaldiçoando tudo porque ninguém dá bola pras opiniões dele. Ouvem por piedade. Fica resmungando que estão se lixando pra quem fez tudo aquilo. Em casa faço de tudo pra que lembre do empreendimento realizado. Nunca vi coisa igual como homem gosta de poder; se não tem, faz de conta, ou lembra a importância que teve. Pobre Guilherme, que arrasta as chinelas decepcionado quando chega. Rezo pra que ele não fique mais machucado vendo a piedosa Marietina. Acho até que a dor dele será tão grande que é capaz de não ver o perigo pelo qual a filha está passando. Qual a graça da vida nisso tudo? Fui falar com minha amiga Mariazinha. Ao confessar meu medo, ela me olhou e parecia uma profetiza anunciando grande coisa. Olha, Ernesta, depende tudo de como você abraça o que tem. Pode ser uma porcaria, mas tudo depende de como a alma recebe o que acontece. Você parece que tem cinza no seu coração. Depois disso fiquei envergonhada e farei o que ela me aconselhou: veja cada detalhe como se fosse escrever um livro sobre o teu dia a dia. Vou me ensaiar começando por ver de perto o que se passa com minha filha.

Ernesta se sentiu orgulhosa de ter sido convidada pela filha para construir uma pequena casa para Manoel. Ela, porém, se assustou quando viu o desenho. Mais parecia uma casa de João-de-Barro que uma moradia tradicional. Marietina convidou os filhos pra ajudar a dar forma àquela esquisita moradia arredondada. Manuel assistia meio passivo ao erguimento da obra. O arquiteto simplesmente se apaixonou pelo desenho. Quando tudo estava concluído, Manuel entrou naquele ninho de pássaros e começou a cantar. Era um hino de sua infância, o que fez Ernesta escrever em seu caderno de anotações. Estou orgulhosa da obra que produzo. Não posso ficar quieta sem fazer nada para minha filha, nos cuidados que tem.

Por temer as angústias maiores que recaíam sobre minha Marietina, resolvi falar com o promotor público. Afinal, quando os indivíduos não resolvem, o Estado deve responder. Seria responsabilidade de minha Marietina assumir o demente de seu primo, ou caberia ao Estado oferecer um lugar para que ele fosse atendido por pessoas especializadas? Minha compaixão reacendia-se, às vezes, por saber que ele se sentiria um estranho entre estranhos numa casa de gente sem autonomia. Marquei uma audiência com o promotor público.

Cinco dias depois houve a comunicação sobre o dia e a hora do encontro. Chegado o momento, lá fui eu. Antes, porém, preparei-me para o encontro estudando o Estatuto do Idoso. Vi que teria poucas probabilidades de sucesso, uma vez que o espírito do documento faz recair sobre a família e a sociedade civil a responsabilidade de qualquer idoso, cabendo ao Estado vigiar e punir a quem não dá conta dos devidos cuidados a seus velhos dependentes. Fui bem recebida. Mas o diálogo foi mais ríspido do que esperava. O promotor, de cara, afirmou que conhecia o caso de Manuel e com quem estava. Sabia das condições financeiras de nossa família. Começou dizendo que é, em primeiro lugar, obrigação da família, da comunidade e da sociedade civil oferecer proteção e todo atendimento ao idoso. Não existe nenhuma disposição que obrigue o Estado a assumir o idoso quando este tiver alguém da família que possa cuidar. Apontou para um artigo que dizia que é crime deixar de prestar

assistência ao idoso em situação de iminente perigo, ou recusar, retardar ou dificultar sua assistência à saúde. Somente quando a família, efetivamente, não puder atender é que pode haver socorro público. Saí de lá convicta de que ou internávamos por conta própria aquele que caíra no colo de minha filha, ou déssemos conta do cuidado. Tinha certeza de que Marietina teria grande dificuldade em aceitar que ele vivesse obediente a uma instituição rígida. Falei com ela e percebi sua contrariedade por querer apoio do Estado no cuidado de Manuel. Imagina, mãe, falou nervosa, o Estado não presta atenção aos velhos sem eira nem beira, que dirá daqueles que têm a sorte de algum laço familiar. Tenha certeza, mãe, que ainda seremos observados ou até denunciados em qualquer deslize.

Já escrevo há vinte dias e me tomo como personagem principal. Sabe que está dando bom lucro minha escrita. Ponho em ordem meus pensamentos e solto meus sentimentos. Sinto um certo cansaço, que já não sei se é desânimo por tudo que vem ocorrendo, mas vou resistir enquanto eu puder.

De pouco adiantou a resistência. Depois de dois anos, Ernesta cansou. Muitas razões levaram a que ficasse sem um prazer de estar por aí. Laivos de desespero assombravam a sua casa. Com o falecimento de Guilherme veio-lhe, quase de súbito, uma onda de um humor perverso devastando as cores que a vida pode ter. Os cuidados que demonstrava para com sua filha e com o sobrinho emprestado se desmanchavam como pão molhado. Nada mais subsistia. O que via naquela casa de pássaros causava-lhe apenas dolorida preocupação. E pior que isso: ultimamente, vendo o estado da filha, tudo virava cinza e recrudescia o temor pelo mau tempo sobre a casa dela. Começou a fechar-se em si como querendo dizer: basta de me ligar. Nada mais me importa, vou defender o mísero lugar que sou eu. Andava pela casa pouco mais que um zumbi. Que o mal tem se infestado na casa de minha filha, disso eu não duvido, mas de que forma se faz o mal, de que demônios se fazem uma casa de tão triste que está? Não mais o mato de mil árvores nem a serra limpa podem amenizar. Dói o silêncio que se faz naquela casa. Minha filha feita de bondades, só delas se faz o seu coração. Então, por que aquela tristeza toda? Acho que

é verdade: ao se apagarem a lembrança e o pensamento, de qualquer lugar, surgem os fantasmas, e foi com eles que a minha aflita filha se comoveu e se perdeu. Pouco resta de sua casa. Os filhos partiram. Ainda bem que Deus lhes deu uma inteligência e a maturidade. Não culpam a mãe por estarem em Porto Alegre e aí, assustados, penam a solidão. Pior, mais que pior, é ver a força perversa que se esconde atrás da bondade de seu cuidado extremo. Santa Maria, Mãe de seu filho morto, não permita que ela fique tão pesarosa naquela pouca luz e envolvida na adoidada e dissolvida ideia e no parado coração de Manuel. Dispara agora a letra em mim de pura angústia. Que perigo é esse que aflige a todos que se aproximam dos cuidados, limitando o seu mundo?

Ainda bem que busquei socorro médico. Duas coisas me fizeram um bem extraordinário. Participo de um grupo de idosos que escrevem e falam sobre suas emoções e realizam atividades físicas. Tenho, também, o recurso de um medicamento que reduz minha agonia de ver os acontecimentos pesarosos em torno de Marietina.

Retomo dois anos depois que tudo se consumou. Avalio melhor o quanto de sofrimento recaiu sobre a casa de Marietina. Houve uma denúncia ao Ministério Público, quando da visita de Soledad. Alguém denunciou minha filha de haver abuso sexual de uma espanhola em relação ao Manuel. A pobre mulher revoltou-se, defendendo-se com veemência. Repetia: um homem pode amar, não importa seu estado! Depois disso tudo se precipitou de forma descontrolada. Hoje apenas resta a saudade da minha filha. E quanta bondade eu tenho de Soledad, que, mesmo depois de um ano, vem me visitar e faz questão de descansar na pequena casa de pássaros.

Um grande demônio: o pior de todos

Tive revezes tão grandes que não sei se vou resistir. Com a desculpa de visitar seus familiares em Santa Catarina, Humberto sumiu. Fui atrás, mas não o convenci a vir de volta. Tua dedicação exagerada, dizia ele, é que está prejudicando e desfazendo nossa família. Voltei, e eu era a própria angústia derramada dentro de minha casa.

Sei muito bem: Alzheimer provoca confusão, irritabilidade, esquecimento e faz negligenciar rotinas básicas de higiene e segurança. Vejo que é muito mais. Os costumes sociais se diluem. O respeito e a vergonha também se dissolvem. Dias atrás o Manuel demonstrou interesse em me ter como mulher. Afastei-o com raiva. Bati desesperada em suas ambiciosas mãos. Depois disso não mais se aproximou, senão apenas em busca do cuidado.

Três anos de atenção. Tenho à noite um cuidador: paciente e misericordioso é o bom André. Mas de dia vou lá, atenta como mãe, irmã, enfermeira, educadora de um homem com doença maligna. O que é isso de um corpo rijo e de uma mente sem domesticação? O que é isso de se voltar pro passado e tê-lo em sua realidade tal qual o acontecido e o vivido? O desespero de Manuel é sôfrego. Faz que tenha o passado em seus momentos mais desesperançados. Não se pode imaginar o que sofre um ser quando lhe cai no chão, aos pedaços, a imagem do pai. Um ser servil e humilhado do pai respinga como ácido na pele do filho. É bem isso que vi. Agora não mais se reporta com tanta veemência à crueldade do chefe valentão que humilhou seu pai.

Foram, entretanto, de intenso brilho as lembranças marítimas e marroquinas. Não posso negar que a virtude da solidariedade importa, mas não sei se fui tão generosa ou se a avidez de suas histórias me

atraíam mais que o cuidado. Fui suficientemente generosa em deixar meus filhos estudar em Porto Alegre? Saíram para ter melhores oportunidades ou foram pra escapar de uma mãe de olhar distraído? Torno pública minha tenebrosa situação. De que adiantaram meus esforços para uma vida digna de Manuel se piora a olhos vistos e se perco todos os meus? Quando massageio suas espáduas magras procurando afastar um pouco a rigidez das costas, me pergunto se ainda penetram em sua alma a compreensão da bondade e o sentimento do prazer?

Bem, se evidencio meu desespero, posso falar das alegrias que me concedeu. Dos mares vistos e dos desertos descritos posso dizer que melhores não pode haver. Jamais vou esquecer, apesar da tristeza, os camelos silenciosos sob nuvens de pardas poeiras. Nem posso esquecer a descrição que me fez do deserto negro de Merzouga. Não bastassem a aridez e os frios das noites, estavam lá areias negras, assustadoras. Até os camelos andavam mais tristes quando andavam em Merzouga. Se afligia, ao lembrar de tudo que sentia. Revelava-se um pedaço de ser estreito quando me sussurrava as distâncias em que andara, mas, ao me segredar sobre o deserto negro, doía ouvir dele: pois é, aí existe a mais pura devastação. O lugar negro representava a dor de ser imutável como a minha incapacidade de corresponder à ternura de Soledad, falou uma vez, chorando. Ao narrar sobre seus cinco camelos, mais parecia falar de filhos. Atravessar o deserto é como desafiar o impossível: ai que ter *cojones*, dizia irreverente. As veredas de tâmaras e água fazem descansar, mas o cuidado é total, *ai ladrones en la noche*. O silêncio das estrelas e o sol *miran a los que pasan e todos pasan*. Depois dessas pequenas narrativas, voltava à sua circunspeção e chegava-lhe a noite sem estrelas. Não vou me esquecer da manhã clara na qual me confundiu com uma princesa muçulmana. Olhava-me com olhos distantes, mas a boca falou de *una mujer de hogares que invitavan a la plegaria*. Estranhas figuras povoaram a sua cabeça há um ano. A maior alucinação foi sentir que se abatia sobre ele uma vingança de Soledad. Um camelo pisoteava o corpo dele. Tamanha estava a realidade que quase ouvia as patadas surdas dos camelos. Apagaram-se também elas e nada mais a quem dizer

sequer um bom-dia. Começou a se assustar comigo também e seu temores foram quase incontrolláveis quando se viu no espelho, que eu distraidamente havia trocado de lugar. Ele me via, por longo tempo, como sua mãe e chorava ao menor momento de abandono. Nuvens, ventos e águas convertidas em seres vivos assustavam Manuel em suas lembranças. Ainda bem que por bons dois anos consolava-se em seu ninho de pássaros. Depois a mente o transportava para lugares ermos, sentindo-se perdido. Doía a solidão como se horrores fustigassem seu íntimo. A minha palavra acalmava-o quando, em voz suave, pronunciava filho, filhinho. Foram preciosos os dois primeiros anos. Saindo de seu ninho ou, que seja, de sua toca primitiva, vinha conversar. O passado remoto fazia-o retomar suas viagens. E ainda no início do terceiro ano de meus cuidados, ouvi a água preciosa de todos os lugares. Perambulei sobre as vagas. Devorei as palavras que traduziam as rochas de Tenerife e de Funchal. Tornei-me irmã das paisagens diversas. Vi Deus nos amores de meu primo e nos navios todos nos quais andei e nos passageiros tantos que tentei animar. Manuel entregou-me de presente os velhos que se despediam da vida andando sobre as águas primitivas, mais amando a vida no horizonte do mar que nas ações praticadas. Os velhos, afirmava Manuel, como viajam os velhos. Na imitação de todas as viagens se confortam em partilhar de todos os temores. Confidenciavam uns com os outros sobre como podiam soçobrar as pequenas caravelas nas noites de tempestades. Dialogavam sobre os espantos dos marinheiros quando sentiam angústia, ao verem as nuvens negras se aproximando. Diziam: é a procela! As hastes se retorciam em estertores. Nuas se defendiam dos açoites. Os passageiros sorriam, que seus navios mal se agitavam nos piores ventos. É a glória de comemorar a travessia do Equador sem nenhum medo. E o que é aquilo, minha prima, de chegar de porto em porto! A raça humana é a mesma sem tirar nem pôr.

Há recantos de certas regiões que se mantêm intactos: só eles podem devolver às almas exaustas o frêmito da bondade. Existe a primitiva linguagem da doçura. Isso eu vi em Mindelo. Negros chegados e inventores de uma fala só deles. Revela-se aí o melhor do mundo. Se não

for assim como vi, então estou ficando louco e não sei apreciar mais nada. Bem assim que me tens como um parente que se aflige agora, sabendo que minha alma se esfarela como a areia. Juro que não sei porque me tens com tua infinita bondade. Te ofereço os navios e os lugares.

Depois de assim se expressar, entrava em pane completo e mergulhava na mais incógnita parábola da perdição humana. Chorava como criança sem saber se estava na China, Afeganistão ou em qualquer outro lugar e, de repente, me via uma desconhecida.

Lembro que essas foram as últimas lembranças que tenho das quais se reporta um pensamento razoável. A seguir despencou, e somente o advento de Soledad o despertou e depois a morte.

Uma inesperada visita

Passado o período em que as navegações de Manuel perfaziam o mapa de todos os mares por onde passavam cruzeiros, lá estava ele novamente, mais feliz em seus delírios que no tempo em que efetivamente andava por todos os oceanos. Não podia haver período mais fértil que aquele para provocar seus cerrados neurônios. A velocidade elétrica sumia, mas bem maiores eram os esmeros afetivos dos ares do mundo pela parca passagem que a traiçoeira doença concedia. Foi por esses dias de sol que alguém bateu na porta da casa de pássaros. A casa toda cheirava a cebola nos preparos de bife que eu preparava. Quem será? Que visita pode ser se até o vigário se sente mal em abençoar o vagabundo da senhora Genoeffa?, perguntava-se a prima. Aí estava Soledad.

O susto foi tão grande que fez Marietina soltar um grito que assustou Manuel, o qual, meio trôpego, veio ver o sucedido, assustando Soledad. O espaço da alma acendeu-se todo, pois reconheceu sua Soledad. Como tudo era desproporcional em sua mente, também o abraço se desproporcionou, sufocando a sua distante amada mulher. Ele repetia catatônico: minha deusa, minha deusa, minha deusa, até que Soledad, mostrando o jeito e a palavra certa, despertou-o para a realidade. Só Deus pode saber, dizia mais tarde Marietina, só ele pode saber o que houve naqueles dias. Soledad podia jurar que fora milagre de Nossa Senhora, não sabendo qual delas, que na Espanha e na França são tantas. Acho que foi de Notre Dame de La Garde, disse convicto Manuel, reunindo com esforço os pedaços das lembranças que lhe vinham com extrema dificuldade.

Foram meus dias de maior folga. Uma semana inteira. Fui ver meus filhos em Porto Alegre. Voltei, que não podia estar longe de meu

compromisso. Interessante foi que eles estavam tão distantes de mim como se eu não fosse a mãe. Estavam tão independentes que mal conversavam comigo. Era um pouco mais que uma estranha naquele apartamento. Eles se transformaram em suas preocupações. Enquanto isso Manuel e Soledad arrulhavam dentro da casa de pássaros.

Voltei pra casa, me vendo como uma mulher desnecessária. Foi meu primeiro susto. Não havia com quem conversar. As pessoas sumiram de minha vida. Não fazia sentido nenhum existir. Fui falar com o padre, que me aconselhou a interná-lo e retomar minha vida, reconquistando meu trabalho e minha família. Sei que a senhora Ernesta anda pior e mais fechada por sua causa. Até passa horas conversando sozinha. Acho bom falar com tua irmã e vejam se encontram uma casa de idosos que possam cuidar, tendo pessoas especializadas, sentenciou o bom pastor. Fui ter com Adela, mas não tirei nada que fosse aproveitável para a situação. *Patati patatá, patati patatá*, desconversou seu interesse. Ele já devia ter sido internado com o mundão de dinheiro que você gastou com a casa e com o tratamento mais caro do mundo. A empresa está em dificuldades e não pode pagar o valor que pedem para a internação. Pega uma cuidadora a mais pra te ajudar, sentenciou minha irmã. Fiz as contas e vi que o dinheiro que sobrara não dava mais para o devido tratamento, muito menos para pagar mais uma cuidadora. Comecei a ficar à deriva. Estava no meio da tempestade.

Fui até a casa de pássaros e aí tudo estava confuso. Manuel estava assustado e, por conta disso, completamente descontrolado. Soledad, apavorada, me dizia: *Diós, que se sucede?! Aproximei-me de Manuel e contive o seu desespero. Soledad queria saber por que repentinamente, ele se assustara tanto se nem fazia vinte minutos haviam mantido contato íntimo. Expliquei-lhe de seus surtos, mas que não estivesse tão preocupada. Convenci, com muita paciência, Manuel a tomar seu tranquilizante. Temia que pudesse surtar novamente. Depois, eu e Soledad conversamos longamente. Falei-lhe que tudo estava difícil pra manter o tratamento. Confessou-me de suas dores de saudades. Sim, repetiu, dores... muitas dores. Casei-me, mas o mais triste é não poder*

esquecer as lembranças avassaladoras que ele sempre me traz. Acho que as mulheres não poderiam ter um coração tão frágil. Sabe, Marieta, que por bem cinco anos vivemos nos encontrando em Marrocos. Nos últimos tempos, não fazia muita menção de nossos encontros. Eu é que esperava muito encontrá-lo. Passado esse tempo, senti que não dava mais pra sustentar o que somente eu podia garantir. Depois conheci Santiago, o melhor homem que a Espanha já produziu, mas não me rendia a ele com a mesma intensidade como me rendia a Manuel. Pedia *a virgen que me gustasse mas los besos de Santiago, pero lo erótico... tan chico*. Agora nos damos um tempo. Vou-me agora, mas não aceito que você fique aí se matando por ele. Nada vale mais que nossa casa. Ela me desaconselhou de ficar por mais tempo cuidando de Manuel. Concordei. Depois nos despedimos com amargor.

Foi até ao hotel onde se hospedava. Recebi notícias dela alguns meses depois. Manifestava a maior preocupação. Não havia sutileza alguma em pronunciar sua angústia. Fiquei pensando sobre quanto de fervor é feita a alma da Espanha. Pelas conversas outras que mantive com ela não sobravam muitas dúvidas sobre a quase insanidade que ia na representante daquela espécie humana. Penso a toda hora no testemunho de sua loucura. Tu és louca, mulher, de ficar assim desarvorada numa doideira de amor que não tem substância nem objeto. Bem menos que você, disse-me, num dos poucos dias que aqui estive. *Loca es usted*, que vigia a sorte de um doente que nem sabe ao certo quem você é. Se, pelo menos, fosse filho ou pai. Somente agora, no meio de tudo o que acontece, é que percebo a toca em que me enfiei.

A devastação irremediável

Manuel ficou agitado por dois dias, depois entrou em silêncio, Em duas semanas estava irreconhecível. Vi que morria. A doença se revelava estarrecedora e de uma velocidade maior do que os entendidos falavam. Exatamente igual à velha senhora Úrsula do livro que citei. Em suas últimas palavras balbuciadas, não sabia se era o que ele sentia ou se era o que recordava. Bem como a velha de Garcia: começou a mumificar-se, parecendo uma ameixa seca, fetizando-se. Exatamente com meu Manuelito: em dois meses encolheu-se num estado fetal e comia aos pingos. Faleceu sem um rumor. Menor que se podia imaginar, ali estava reduzido a ponto de poder ser posto numa pequena urna. Telefonei pra minha mãe. O cuidador da noite havia me comunicado que a respiração diminuía. Na hora de sol a pino nenhum sinal de vida. Contemplei a criatura com um sentimento de devastação. Aquele homem louco pela vida e pelos movimentos aí estava pesando pouco mais de trinta quilos. Um sopro do que fora e eu sem saber mais de mim. Qual será agora a direção de meus dias? Telefonei para o João Pedro e para a Pierina. Foi muito pesado ouvir o que ouvi. Ambos deram graças ao bom Deus de ele, enfim, ter morrido. Já chegava o sofrimento infligido. Não viriam para o velório. Sentia na voz uma distância doída. Três anos e pouco de minha entrega aos cuidados de Manuel foram suficientes para não mais ter com quem falar. Minha mãe não queria nem estar junto do encurtado falecido. Duvido haver velório mais solitário. Fechei a câmara mortuária. Percebi que somente eu estivera disponível a estar junto dele.

Nas madrugadas solitárias de minha casa sentia seu fantasma. Me comuniquei com Soledad. Querida, não tenho como me livrar dele. Suas histórias me levaram ao delírio e ao sofrimento, meu calvário. Acho que erreí em minha exorbitante sensibilidade. Errei em estar tão atenta a ele,

perdendo-me do resto de minhas ligações. Aprendi muito nos dois primeiros anos, entre seus surtos, visões e consciência. Eu era, então, a consciência e a vontade dele, tendo cada vez mais tão longos os apagões que me doía vê-lo completamente perdido. A última fase não durou mais que dois meses. Isso aconteceu depois que você esteve com ele. Sucumbiu a olhos vistos. O tempo e a doença o devoraram. Uma presa fácil da morte. Temo agora estar tão deteriorada como se fosse uma árvore morta por um parasita: que ele me perdoe! Sucumbo eu do mal da tristeza. Estou menor que a pequena urna com cinzas de Manuel: de tão pequena mal apanhou um respingo da água benta do padre. Pouco maior que uma caixa de fósforos. Era tudo que sobrara. Depois levei o conteúdo até o jardim da casa dos pássaros e ali espalhei todas com o auxílio de um vento forte que, de súbito, apareceu.

Recebi o email de Soledad consolando-me no infortúnio e agradecida por minha generosidade. Disse-me que buscasse com urgência um psiquiatra: que estava em situação perigosa. Que eu fosse resgatar a comunicação, que antes era a fonte de onde bebia a seiva das ideias e do reconhecimento. Isso que te digo é urgente! Amo-te, porque tive em ti o maior sacrifício de uma mulher. Que coisa é essa de nós mulheres, por mais que estejamos aculturadas na matéria, termos uma espiritualidade à flor da pele? Somos capazes de amar o quanto não devíamos. Somos, talvez, o último sinal da virtude humana. *Se Diós así se torna mejor, que así sea!*

Um mês depois das cinzas espalhadas, vieram os filhos e viram a mãe sucumbida e em tal estado de inanição que nada mais podia ser feito. Estava quieta, sem poder dizer mais nada. Trazia entre as mãos a figura de Dom Quixote e, reclinado sobre o peito, o cavalo triste da Triste Figura. Alguns se perguntavam, entre eles seus filhos: de quem mais Marietina se aproximava: do cavalo ou de Quixote?

Apresentação

O livro *A cuidadora* pode ser definido como um ensaio literário sobre a arte e ofício de cuidar de alguém que está sem autonomia, perdido e sem memória. Muito se tem falado sobre essa nova figura humana que se torna um fenômeno social, ainda que preso em domicílio: a cuidadora.

Agostinho Both entendeu de pôr, em forma de uma narrativa livre, essa antiga relação entre quem se desdobra a ponto de se entregar ao serviço de amar a ponto de perder sua identidade e aquele que não mais pode tomar conta de sua vida.

Mostra-se uma história humana da boa vida de quem vai ser cuidado, Manuel, o sonhador do mundo. Ele mostra um jeito estimulante, pois que viajante, trabalhador avulso de navios, frequentador de paisagens, andarilho de todas as estradas, peregrino de aventuras e de irresponsabilidades, trabalhador de desertos, sofredor feito de vazios e ternuras e, ainda, amante e amado. Enfim, um conjunto pouco harmonioso de arranjos humanos, ainda assim convidativo. Envelhecido, mas nem tanto, se vê perdido na doença de Alzheimer. A síndrome se avoluma e aí nada mais sobra, a não ser o cuidado. Do outro lado, surge a Marietina, aquela que resolve se dedicar de forma absoluta aos cuidados de Manuel.

O autor põe, a partir de então, e ao mesmo tempo, a grandeza do cuidado e a indizível vulnerabilidade da díade: cuidado e cuidadora. Ao final, Marietina, desolada, diz: “contemplei a criatura com um sentimento de devastação. Aquele homem louco pela vida e pelos movimentos aí estava pesando pouco mais de trinta quilos. Um sopro do que foi e eu sem saber mais de mim. Qual será agora a direção de meus dias?” Todavia, menos mal que a cuidadora, atravessara caminhos generosos com ele, tendo o cuidado um razoável sentido, mas nem por isso menos devastador. A namorada de Manuel, Soledad, agradece a Marietina os cuidados oferecidos ao seu homem inconstante: “amo-te, porque vi em ti o maior sacrifício de uma mulher. Que coisa é essa de nós mulheres, por

mais que estejamos aculturadas na matéria, temos uma espiritualidade à flor da pele?”

Pois bem, deixemos de lado os comentários, vamos ao assunto.

Orelhas

Agostinho Both tem uma longa história com velhos, e ele próprio está nesse caminho. A convivência e estudos em torno do envelhecimento humano levaram a que se tornasse sensível com essa nova realidade social.

Ele publicou diversas obras sobre envelhecimento, tanto acadêmicas como literárias. Agora traz aos leitores uma narrativa atenta ao fenômeno dos cuidados em situação de dependência. Nesse contexto evidencia-se uma nova figura social relevante: a pessoa cuidadora. Surgem, com maior importância, um antigo ofício e uma arte de novos estudos, em razão do elevado número de idosos em situação de perda de autonomia. O que o autor revela é o drama atual de famílias reduzidas ou de pessoas solitárias. A pouca solidariedade, aliada ao egocentrismo com que muitos percorrem sua trajetória de vida, leva ao abandono e ao conseqüente sofrimento. A história revela a solidariedade de uma personagem, Marietina, e o seu grande sofrimento, todavia revelam-se enormes barreiras para a dignidade do sujeito que não consegue andar com luz própria.

O autor também apresenta um enredo carregado de emoções contraditórias nas relações afetivas e culturais nas andanças de Manuel até que não consegue mais tomar conta de si mesmo. Lugares interessantes são percorridos, ideias são fortemente discutidas e sempre o conflito entre a liberdade individual e as relações familiares para, finalmente, o autor mostrar a finitude absoluta da cuidadora e de quem ela cuida.



[Catálogo do Projeto Passo Fundo](http://www.projetopassofundo.com.br)
www.projetopassofundo.com.br



O Livro narra a história de um homem sonhador, que busca no presente o alicerce de sua vida. Voa como um pássaro, não sabendo que, de alguma forma, escravizava quem por ele se envolvia, ao mesmo tempo em que luta com a dor antiga de seu pai. Agostinho nos faz também refletir sobre o papel de uma cuidadora, que, de tanto dedicar-se a cuidar, esquece o mais importante: o cuidado de si mesma. Quem queremos ser: quem sonha, ou quem leva os outros a sonhar? Como nos aponta o livro: somos Dom Quixote ou seu cavalo? Vale a pena ler para descobrir....

Silvana Gazzana

Portal
Domínio Público
Biblioteca digital desenvolvida em software livre



Projeto
Passo Fundo
Apóio à Cultura

